

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CINTIA RITA DE OLIVEIRA MAGALHÃES

VER E OLHAR:
Contribuições psicanalíticas sobre a cegueira

RIO DE JANEIRO

2013

Cintia Rita de Oliveira Magalhães

VER E OLHAR: contribuições psicanalíticas sobre a cegueira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Regina Herzog

Coorientadora: Maria Isabel de Andrade Fortes

Rio de Janeiro

2013

FOLHA DE APROVAÇÃO

Cintia Rita de Oliveira Magalhães

VER E OLHAR: contribuições psicanalíticas sobre a cegueira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada em

(Prof^ª. Dr^ª. Regina Herzog - UFRJ)

(Prof^ª. Dr^ª. Maria Isabel de Andrade Fortes - UFRJ)

(Prof^ª. Dr^ª. Simone Perelson - UFRJ)

(Prof. Dr. Rogério Paes Henriques - UFS)

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação foi resultado de um apaixonante trabalho de pesquisa. O tema, apesar de árido, fez com esses dois anos passassem de forma muito rápida e leve. Tive a oportunidade de conhecer pessoas novas e estudar em uma instituição que, desde o início, me acolheu, o que fez com sentisse a tranquilidade de estar em um lugar que me era familiar. Em função disso, essa jornada termina com o sabor de uma missão cumprida e a certeza de que a pesquisa e a escrita não se limitarão a esses dois anos. Nesta caminhada, muitas pessoas foram de grande importância e gostaria de agradecer a todos que me apoiaram.

Agradeço primeiro à minha família pelo suporte, incentivo, amor e cuidados dedicados a mim. Sinto-me muito privilegiada de fazer parte de uma família em que o cuidado e o amor estão sempre em primeiro lugar.

À Rogério Leal Mendes, a quem amo muito, pela paciência, amor, companheirismo e compreensão, o que diminuiu a solidão dessa jornada, tornando-a mais prazerosa.

Ao amigo Sérgio Gomes que me auxiliou na produção do projeto apresentado no processo de seleção do mestrado. Serei sempre grata pela sua generosidade e amizade.

À Rafael Andrade pela tradução do meu resumo. Admiro-o pela inteligência, determinação e competência.

À CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

Aos meus queridos amigos que compreenderam minha ausência, meu recolhimento neste momento tão significativo.

E, acima de tudo, à minha querida orientadora Isabel Fortes. Nosso encontro foi importantíssimo para mim. O cuidado, o respeito ao meu tema, a escuta sempre atenta e as correções meticulosas do meu trabalho chamaram a minha atenção não só para a professora, mas para a ótima pessoa. Sua dedicação me ajudou a vencer o cansaço e a manter o interesse sempre renovado. Com certeza, reconheço em você um modelo que admiro, sendo o tipo de profissional que me espelho.

E à todos que, de forma direta ou indireta, tornaram esse trabalho possível.

RESUMO

MAGALHÃES, Cintia Rita de Oliveira. Ver e olhar: contribuições psicanalíticas sobre a cegueira. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica)- Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Na teoria psicanalítica, a visão parece possuir certa primazia em relação aos demais sentidos. Já no início de sua obra, Freud destaca a importância das impressões visuais na estruturação do psiquismo. Ao teorizar sobre a primeira vivência de satisfação, ele demonstra o caráter visual desta experiência que abre espaço para a emergência do desejo. O olho deixa de ser, exclusivamente, fonte da visão e passa a ser fonte da libido que o erogeiniza, pois para Freud ele é um órgão que está a serviço de dois senhores: pulsões do Eu e pulsões sexuais. No primeiro grupo, ele serviria para a apreensão da realidade e no segundo seria envolvido pela função sexual. Logo, pode-se dizer que o corpo constituído a partir do narcisismo é derivado de sensações corporais. Contudo, sua relação com o mundo externo também é de grande importância, pois grande parte de sua própria forma é adquirida a partir dessa interação com o mundo externo - visões vistas, sons ouvidos, corpos tocados, prazeres explorados. Em função disso, podemos nos perguntar de que maneira uma pessoa cega vivenciaria esses processos. Logo, o presente trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão acerca da cegueira à luz da psicanálise, partindo, principalmente, da distinção entre o ver e o olhar.

RÉSUMÉ

MAGALHÃES, Cintia Rita de Oliveira. Ver e olhar: contribuições psicanalíticas sobre a cegueira. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica)- Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Dans la théorie psychanalytique, la vision semble avoir la primauté sur les autres sens. Depuis le début de son œuvre, Freud souligne l'importance des empreintes visuelles présentes dans la formation du psychisme. En théorisant sur la première expérience de satisfaction, il démontre le caractère visuel de cette expérience qui rend possible l'émergence du désir.

L'œil n'est plus exclusivement une source de la vision et devient une source de la libido, qui le rend érogène, parce que pour Freud, il est un organe qui est au service de deux maîtres : les pulsions du moi et les pulsions sexuelles. Dans le premier cas, il servirait à l'appréhension de la réalité et dans le second, il prendrait part à la fonction sexuelle. Par conséquent, on peut dire que le corps, constitué à partir du narcissisme, est un dérivé des sensations corporelles.

Cependant, sa relation avec le monde extérieur est aussi d'une grande importance, car une grande partie de sa propre forme est obtenue à partir d'interactions avec le monde extérieur – images vues, sons entendus, corps touchés, plaisirs explorés.

Ainsi, nous pouvons nous poser la question de savoir de quelle façon une personne aveugle appréhenderait ces processus.

Cette recherche a donc pour but de proposer une réflexion autour de la cécité, sous l'angle de la psychanalyse, en partant principalement de la distinction entre voir et regarder.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I – A CONSTITUIÇÃO DO EU A PARTIR DO ESPELHO: O OLHAR DA IDENTIFICAÇÃO.....	11
1.1 O narcisismo.....	12
1.2 O estágio do espelho.....	16
1.2.1 O esquema óptico.....	26
1.3 O espelho de Wallon.....	32
1.4 Da prova do espelho ao estágio do espelho.....	36
CAPÍTULO II - O ESTATUTO DA PULSÃO DE OLHAR NA ORGANIZAÇÃO DO PSQUISMO.....	42
2.1 A pulsão escópica em Freud.....	49
2.2 O esboço de uma teoria da percepção em Lacan.....	59
2.3 Lacan e o circuito pulsional.....	61
CAPÍTULO III – A ESQUIZE DO OLHO E DO OLHAR: ENTRE A VISÃO E A PULSÃO.....	63
3.1 A esquize do olho e do olhar.....	63
3.1.1 A mancha.....	68
3.2 O olhar como objeto <i>a</i>	70
3.3 O olhar e a anamorfose.....	72
3.3.1 O tema da cegueira em Diderot.....	76
3.3.1.1 Lacan versus Diderot.....	80
3.3.2 A linha e a luz.....	82
3.4 Ver e não ver: Oliver Sacks.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94

INTRODUÇÃO

O cotidiano das relações humanas nos mostra que é possível olhar sem ver e ouvir sem escutar. É a vivência da alienação psíquica, pois essas percepções implicam a presença do outro. O ato de ver assim como o de escutar, essencialmente, consiste, antes de ter passado pela filtragem de nossa história afetiva e representativa, em uma percepção acerca do mundo e de nós mesmos, em nossa predisposição de significar o que vemos ou ouvimos do outro dando algum sentido. O que não ocorre com os animais, mas é próprio do ser humano, isto é, resistir e encontrar significação no que lhe é transmitido por outrem.

Em diversos momentos de sua obra, Freud faz referência ao chamado sistema percepção consciência (*Pcpt-Cs*) destacando a importância das impressões visuais, auditivas, táteis, entre outras para a organização do psiquismo. Porém, a visão parece ter lugar de destaque entre os demais sentidos, a ponto de Freud aventar em 1930 a possibilidade de que haja um recalque orgânico do olfato, sentido que ficou em posição inferior aos demais na constituição do sujeito humano.¹ A aquisição da postura ereta por parte do homem, segundo Freud, provocou um afastamento entre os órgãos sexuais e os olfativos. Conseqüentemente, o olfato perde sua função de “mediador das trocas sexuais entre indivíduos da espécie”² e a visão passa a ocupar este lugar.

Na obra freudiana podemos observar, de fato, um papel central para a visão, por exemplo, na constituição do eu. E foi, justamente, esta aparente primazia da visão que suscitou os questionamentos que resultaram nesta pesquisa. Se o visual é preponderante na formação do psiquismo, podemos nos perguntar de que maneira um cego experienciaria certos fenômenos fundamentais como o narcisismo e o estágio do espelho. Veremos que uma pessoa cega, assim como um vidente, está submetida a uma série de elementos como o pertencimento a uma determinada família, a uma dada cultura, a uma forma particular de inserção na linguagem, entre outros que, por fim, compõem um conjunto maior e mais complexo no qual este sujeito estará inserido. Portanto, a presente dissertação tem como objetivo fazer uma reflexão acerca da cegueira à luz da psicanálise, particularmente nas obras de Freud e de Lacan.

O estudo do tema se dividirá, basicamente, em dois eixos: o primeiro se centrará na abordagem do campo escópico a partir do especular. Para isso, serão investigados os

¹ FREUD, S. Mal estar na civilização (1930). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

² JORGE, M. A. C. Do intinto à pulsão: Freud e o recalque orgânico. In: ALBERTI, S.; RIBEIRO, M. A. C (Org.). **Retorno do exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004, p.105.

conceitos de narcisismo em Freud e de estágio do espelho em Lacan. Já em um segundo momento, trabalharemos o escópico a partir da noção de pulsão escópica, o que culminará na necessidade de distinção entre o ver e olhar, como proposto por Lacan no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

Desse modo, a dissertação se apresentará em três capítulos. No primeiro, estudaremos a constituição do eu a partir do espelho e, conseqüentemente, o olhar da identificação, a partir do narcisismo e do estágio do espelho. Veremos que ao desenvolver a questão da sexualidade infantil, Freud³ defende a teoria de que as primeiras experiências de satisfação são autoeróticas e estão ligadas a funções vitais, ou seja, as pulsões sexuais surgem apoiadas nas de autoconservação. Esta é a razão pela qual as pessoas responsáveis pelos cuidados como a alimentação e a proteção se tornam os primeiros objetos sexuais. Segundo o psicanalista vienense, primordialmente, o ser humano tem dois objetos sexuais: ele mesmo e a mulher que ocupa o lugar de cuidadora, o que o leva a pressupor que há, em todos nós, um narcisismo primário que pode se manifestar na escolha de objeto. Para Freud, o desenvolvimento do eu depende de um distanciamento deste narcisismo, ao mesmo tempo em que produz um anseio de recuperá-lo.⁴ Isso nos leva ao entendimento da noção de que o eu só se constitui na presença do outro.

Na perspectiva freudiana, o eu é entendido como a projeção de uma superfície e esta nada mais é do que a superfície do corpo próprio.⁵ As imagens ópticas e o olhar do Outro são os componentes necessários para que este eu se constitua como corpo. Estes componentes permitem que o corpo, que inicialmente é autoerótico e dividido em zonas, ganhe unidade. O que propicia a unificação corporal é o fato de uma nova ação psíquica se somar ao autoerotismo. Esta ação é denominada narcisismo.

Em Lacan, encontramos a concepção de estágio de espelho, que também se configura como um paradigma da formação do eu. Este conceito é descrito pelo autor como uma experiência de júbilo vivenciada pela criança diante de sua imagem refletida em um espelho. Esta experiência é responsável pelo surgimento de uma matriz primordial do eu, possibilitando que o sujeito tome consciência de seu corpo como uma totalidade.

³ FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. VII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

⁴ FREUD, S. À guisa de introdução ao Narcisismo (1914). In: **Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**, Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

⁵ FREUD, S. O Ego e o Id (1923). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

No segundo capítulo, trataremos do papel das impressões visuais na organização psíquica, desenvolvendo o que Freud chama de experiência de satisfação e seu papel na fundação do desejo. Explanaremos sobre a relação do campo escópico neste processo até chegarmos efetivamente ao conceito de pulsão para, em seguida, entrarmos na especificidade da pulsão escópica. Explicaremos que a percepção também é atravessada pelo significante. Ela se organiza através dele, logo, a noção filosófica de que a visão seria o sentido responsável pela aquisição de saber imediato cuja certeza é tão forte que não seria necessária a confirmação de outros sentidos, não condiz com a compreensão psicanalítica de que se deve distinguir o olhar da visão. A psicanálise aponta que a interferência do significante pode alterar a percepção do sujeito, como demonstra as alucinações auditivas e visuais da psicose.

Por último, no terceiro capítulo, centraremos o estudo na perspectiva lacaniana do olhar, cuja principal característica seria o seu estatuto de objeto da pulsão escópica. Para Lacan, há uma cisão entre o campo perceptivo e o pulsional, deste modo haveria uma ruptura entre o ver e o olhar, o que faz com que este deixe de assegurar a possibilidade da visão. Sendo assim, a esquizofrenia apresentada por Lacan aponta para uma exterioridade do olhar em relação ao sujeito, isto é, o olhar adviria do Outro, o que marca uma primeira vivência de alteridade, abrindo espaço para que o sujeito se constitua, assim como o campo do Outro.

CAPÍTULO I

A CONSTITUIÇÃO DO EU A PARTIR DO ESPELHO: O OLHAR DA IDENTIFICAÇÃO

“É que Narciso acha feio o que não é espelho”
Caetano Veloso

O mito de Narciso⁶ conta a história do jovem dotado de grande beleza e que despertava o amor de muitas donzelas e ninfas, todavia o belo rapaz sempre desprezou todas que se interessaram por ele. O comportamento de Narciso, que tratava suas pretendentes de forma cruel, despertou a ira de Nêmesis – deusa da vingança – que o condenou a amar e não ser correspondido. Ele, então, se apaixona por sua própria imagem que vê refletida nas águas de uma fonte. Seu reflexo captura seu olhar e desperta seu fascínio e, conseqüentemente, seu desejo. Sempre que o jovem tenta tocá-la, esta desaparece, mas retorna um tempo depois, o que renova a sua fascinação. A captura pela imagem e o apaixonamento pela mesma levam o rapaz à morte.

A história de Narciso inspirou Freud na construção do conceito de narcisismo, e, posteriormente, Lacan ao criar o conceito de estágio do espelho, visto que este utiliza o conceito freudiano na elaboração de sua teoria do espelho. Os dois autores têm como interesse, em suas respectivas teorizações, compreender o processo de constituição do eu, que pode ser definido como o reflexo de uma superfície, isto é, reflexo da superfície do corpo próprio. A grande contribuição da mitologia se dá pelo fato de tanto o estágio do espelho quanto o narcisismo se constituírem como experiências de caráter visual, assim como a vivida por Narciso. A criança se vê capturada, fascinada por sua imagem refletida no espelho, o que permite que se classifiquem estas experiências como pertencentes ao campo escópico. Nota-se então uma possível equivalência entre o narcisismo e o estágio do espelho, enquanto articulados à pulsão escópica.

Lacan utiliza o espelho como uma metáfora de como o olhar “dá corpo” ao eu. A imagem refletida marca para o *infans*, assim como para Narciso, um encontro que também é vivido como desencontro. “Instância do engano, o eu vê o mundo como um espelho que reflete seu ponto de vista, sua visão de mundo.”⁷

⁶ BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia (a idade da fábula)**: histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

⁷ QUINET, A. **Um olhar a mais**: ver e ser visto na psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 129.

Contudo, Quinet chama nossa atenção para o fato de que o campo escópico não pode ser reduzido a visão.

E o olhar não é um atributo que dele se serve como um instrumento; pelo contrário, é o sujeito que é afetado pelo olhar enquanto objeto. Não se trata de um objeto passivo da percepção do sujeito, mas de um objeto ativo pelo qual o sujeito é subvertido. Ele é o objeto que causa seu desejo e que não está ausente quando a angústia se faz presente. Trata-se do olhar como objeto *a* da álgebra lacaniana.⁸

1.1 O narcisismo

Em 1914,⁹ Freud desenvolve sua concepção sobre o narcisismo. Ele inicia esse trabalho apresentando a origem do termo e sua descrição clínica. Segundo ele, P. Näcke adota o termo para definir um comportamento caracterizado pela utilização do próprio corpo como um objeto sexual. “A pessoa contempla o próprio corpo, acaricia-o, cobre-o de carinhos e se compraz sexualmente até conseguir satisfazer-se plenamente por meio desses manejos”.¹⁰ Freud salienta que a atitude narcísica está presente em muitas outras perturbações, além de ser possível conferir-lhe um lugar importante no desenvolvimento sexual normal do ser humano. Sendo assim, “o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo próprio da pulsão de autoconservação”¹¹ que, corretamente, podemos pressupor estar presente em todos os seres vivos.

Ao sustentar a ideia de que podemos tomar o próprio corpo como objeto de amor, o autor coloca em cena, mais uma vez, o conceito de autoerotismo que, nesse trabalho é descrito como um estado inicial da libido. Ele se questiona a respeito da relação entre o narcisismo e o autoerotismo. Para o criador da psicanálise, não é possível que haja no indivíduo uma unidade comparada ao eu desde o início, ou seja, o eu precisa ser desenvolvido. No entanto, as pulsões autoeróticas existem desde o começo, sendo necessário que uma nova ação psíquica seja somada ao autoerotismo a fim de se produzir o narcisismo. Para Laplanche e Pontalis, “podemos pensar que tal unidade é precipitada por uma determinada imagem que o sujeito

⁸ Idem, *ibidem*, p. 18.

⁹ FREUD, S. À guisa de introdução ao Narcisismo (1914).

¹⁰ Idem, *Ibidem*, p.97

¹¹ Idem, *Ibidem*, p.97

adquire de si mesmo segundo o modelo do outro, e que é precisamente o ego.¹² O narcisismo seria a captação amorosa do sujeito por essa imagem”.¹³

Ainda nesse trabalho encontramos uma distinção entre libido do eu e libido do objeto. De acordo com Freud, o valor desses conceitos:

[...] reside no fato de que foram obtidos a partir do estudo das características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos. A diferenciação da libido em uma própria ao Eu e outra aderida aos objetos é uma ampliação necessária do pressuposto anterior, que distinguiu as pulsões sexuais das pulsões do Eu. A análise das neuroses de transferência (neurose de histeria e neurose obsessiva) obrigou-me a essa diferenciação, e pelo que sei todas as tentativas de dar conta desses fenômenos com outros instrumentos fracassaram por completo.¹⁴

Até esse momento, Freud defendia que as pulsões poderiam ser divididas em duas categorias: as do eu ou de autoconservação, responsáveis pela preservação do indivíduo, mas sem que houvesse uma relação com o erótico; e as sexuais que buscam a obtenção de satisfação erótica, servindo à preservação da espécie. Isso fica claro quando ele afirma que:

O indivíduo leva de fato uma dupla existência: uma em que persegue seus próprios fins e outra em que é o elo de uma corrente, à qual involuntariamente e, às vezes, até contra a sua vontade. Ele imagina que a sexualidade seja uma de suas metas pessoais, mas, de outro ponto de vista, podemos considerar o indivíduo como apenas um apêndice de seu próprio plasma germinal, plasma cuja disposição ele coloca suas energias em troca de um prêmio de prazer. [...] A distinção entre pulsões sexuais e pulsões do Eu apenas refletiria essa dupla função do indivíduo.¹⁵

Entretanto, é importante ressaltar que, ao introduzir os conceitos de libido do eu e libido do objeto, Freud admite que o eu pode ser investido como objeto erótico, revelando que as pulsões do eu também possuem um caráter sexual.

A fim de entender melhor o narcisismo, o autor utiliza como referencial a observação da doença orgânica, da hipocondria e da vida amorosa entre os gêneros. No caso de uma pessoa acometida por uma doença orgânica há uma perda de interesse pelas coisas do mundo externo, uma vez que não dizem respeito ao seu sofrimento. Outro exemplo seria o estado de sono, em que observamos um recolhimento narcísico da libido, que sai das posições

¹² O termo ego é utilizado na Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, porém, nessa dissertação adotaremos, em seu lugar, eu. Utilizaremos, também, pulsão no lugar de instinto e isso no lugar de id.

¹³ LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J-B. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.288.

¹⁴ FREUD, S. À guisa de introdução ao Narcisismo (1914), p.100.

¹⁵ Idem, *Ibidem*, p.101.

anteriormente ocupadas e se dirige para a própria pessoa, ou, mais precisamente, para o desejo de dormir.

A hipocondria, assim como a doença orgânica, apresenta sensações corporais penosas e dolorosas, além de uma distribuição libidinal semelhante. “O hipocondríaco recolhe tanto o interesse como a libido – esta última de modo especialmente nítido – dos objetos do mundo exterior e os concentra sobre o órgão do qual está se ocupando”.¹⁶ Porém, pode-se destacar como uma diferença entre elas o fato de que, na hipocondria, não encontramos as sensações desagradáveis calcadas sobre alterações comprováveis como vemos na doença orgânica.

Levando em conta sua experiência psicanalítica, Freud pôde determinar que as sensações corporais desprazerosas ocorridas na hipocondria também podem ser encontradas em outras neuroses.

O caso da neurose de angústia, bem como da histeria a ela superposta, nos oferece um belo exemplo disso. Quanto a um órgão apresentar uma sensibilidade dolorosa sem que tenha ocorrido alteração alguma, encontraremos o protótipo disto no estado de excitação dos órgãos genitais, que apresentam tais características sem estarem propriamente enfermos. Os órgãos genitais recebem um influxo de sangue, incham, ficam umidificados e se transformam em sítio passível de múltiplas sensações. Poderíamos então designar como *erogeneidade* a atividade que emana de uma parte do corpo e envia estímulos sexualmente excitantes em direção à vida psíquica. Aliás, a teoria sexual há muito nos familiarizou com a concepção de que certas outras localizações do corpo – as zonas *erógenas* – podem substituir os órgãos genitais e comportam-se de maneira análoga a eles. Agora, basta que arrisquemos apenas mais um passo: poderemos considerar que a erogeneidade é uma faculdade geral de todos os órgãos e, portanto, nos referir a um aumento ou redução da erogeneidade em determinada parte do corpo. Em paralelo a cada uma dessas alterações da erogeneidade nos órgãos, poderia então estar ocorrendo uma alteração do investimento da libido no Eu. Creio que seriam esses os fatores que deveríamos levar em conta para explicar os processos que imaginamos subjacentes à hipocondria, e penso que tais fatores podem estar produzindo o mesmo efeito sobre a distribuição da libido que seria produzido por um adocimento material dos órgãos.¹⁷

Por último, Freud utiliza a vida amorosa dos seres humanos como uma terceira forma de se entender o narcisismo. Segundo ele, pode-se notar que a criança pequena escolhe seus objetos sexuais a partir de suas experiências de satisfação. Ou seja, assim como em 1905, Freud sustenta que as primeiras satisfações sexuais autoeróticas estão atreladas a funções vitais que têm como objetivo a autoconservação. As pulsões sexuais surgem apoiadas nas pulsões de autoconservação “e só mais tarde tornam-se independentes delas”.¹⁸ Isso fica claro ao se observar “que as pessoas envolvidas com a alimentação, o cuidado e a proteção da

¹⁶ Idem, Ibidem, p.104.

¹⁷ Idem, Ibidem, p.104.

¹⁸ Idem, Ibidem, p.107.

criança se tornam seus primeiros objetos sexuais, portanto, primeiramente a mãe ou seu substituto”.¹⁹ Esse tipo de escolha de objeto é chamado de escolha por vinculação sustentada e, em paralelo a ele, Freud encontrou outro tipo que foi denominado narcísico. Neste caso, a mãe não é adotada como modelo para a futura escolha de um objeto amoroso, na verdade, o sujeito busca a si mesmo. Todavia, isso não significa que os seres humanos devem ser divididos em dois grupos, em função de sua escolha de objeto. Para Freud, “o ser humano possui dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a mulher que dele cuida e com isso estamos pressupondo que em todo ser humano há um narcisismo primário, que eventualmente pode manifestar-se de maneira dominante em sua escolha de objeto”.²⁰

Essa relação de amor primordial é de extrema importância para constituição do eu, dado que este só se constitui na presença do outro. De acordo com Freud, “o desenvolvimento do eu consiste em um processo de distanciamento do narcisismo primário e produz um intenso anseio de recuperá-lo”.²¹

Pereira²² entende que em 1914 Freud nos apresenta o eu como uma instância organizadora.

A relação que a criança passa a estabelecer com seu corpo integra, dá unidade egóica na medida em que há reconhecimento desse corpo como eu. Essa passagem que caminha do real ao significante se inscreve quando a criança começa a perceber seus objetos. Anteriormente, eram somente traços: pedaços do corpo da mãe, sua voz, seu cheiro, seu olhar, cores e sons. O objeto não possuía ainda unidade, apresentava-se despedaçado. O narcisismo é o grande divisor de águas do falante já que forma um escudo, separando-o do ‘natural’ para sempre na medida em que constrói a sua sexualidade.²³

É esta experiência narcísica primordial que Lacan utilizará como um dos fundamentos de sua teorização sobre o estádio do espelho.

¹⁹ Idem, Ibidem, p.107.

²⁰ Idem, Ibidem, p.108.

²¹ Idem, Ibidem, p.117.

²² PEREIRA, L. M. L. Narcisismo e imaginário – considerações. In: **O corpo do Outro e a criança**. Rio de Janeiro: Letra Freudiana, ano XXIII, nº 33, 2004.

²³ Idem, Ibidem, p.63.

1.2 O estádio do espelho

O conceito lacaniano do estádio do espelho²⁴ descreve um fenômeno em que a criança vivencia uma experiência de júbilo diante da visão de sua própria imagem no espelho. Segundo Lacan, o interesse por sua imagem se manifesta “nos jogos com que a criança se envolve num êxtase interminável, nos quais percebe que os movimentos no espelho correspondem aos próprios movimentos”.²⁵ Essa assunção jubilatória de sua imagem especular é responsável pelo surgimento “da matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial”.²⁶ Nesse momento, o bebê humano, devido à sua prematuridade, ainda não possui um controle motor e é extremamente dependente dos cuidados do outro.

Em *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*,²⁷ livro escrito em 1938, o autor desenvolve a noção de estádio do espelho a partir do complexo de intrusão, cujo início se daria com o declínio do desmame. “O complexo de intrusão representa a experiência que o sujeito primitivo realiza, na maioria das vezes quando vê um, ou vários de seus semelhantes, participar com ele na relação doméstica, melhor dizendo, quando ele se reconhece como tendo irmãos.”²⁸ Nesta relação entre irmãos o que está em jogo é o drama do reconhecimento, que se faz evidente na estrutura do ciúme infantil, sendo este de extrema importância “na gênese da sociabilidade e, por aí, do próprio conhecimento enquanto humano. [...] O ciúme, em sua essência, representa não uma rivalidade vital, mas uma identificação mental.”²⁹ Lacan entende que “se esboça um reconhecimento de uma rival, ou seja, de um “outro” como objeto.”³⁰ Logo, o irmão é o intruso que se constituirá como o outro no estádio do espelho que, posteriormente, será substituído por uma forma mais geral de outro, semelhante. Para Quinet, o intruso/irmão é percebido como alguém que irá “apropriar-se do lugar que o pequeno sujeito imagina ocupar no desejo do Outro”.³¹

Lacan segue explicando que o atraso da dentição e da marcha, além de um atraso semelhante da maioria das funções e aparelhos, é a marca da impotência vital em que se

²⁴ LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

²⁵ LACAN, J. Algumas reflexões sobre o eu (1951). In: **Papéis. Boletim interno do Corpo Freudiano: pesquisa e transmissão da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Corpo Freudiano, 1995.

²⁶ LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). p.97.

²⁷ LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia(1938)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

²⁸ Idem, ibidem, p.30.

²⁹ Idem, ibidem, p.31.

³⁰ Idem, ibidem, p 31.

³¹ QUINET, A. *Op. Cit*, p.130.

encontra o bebê humano até os dois primeiros anos. Haveria também, uma vivência de mal-estar que está diretamente relacionada a um atraso no crescimento físico. Em função disso, o homem deve ser considerado um animal de nascimento prematuro. Este estado de prematuração é responsável também por uma certa discordância “tanto das pulsões quanto das funções”.³²

Jalley comenta que essa condição de prematuração, que é característica dos seres humanos, deve ser entendida como o pano de fundo para o estágio do espelho. Em suas palavras:

O atraso do desenvolvimento do sistema nervoso central durante os seis primeiros meses provoca no bebê um estado de impotência vital, de miséria psicológica, ligado à descoordenação motora. A falta prolongada de coordenação dos aparelhos fornece a base de uma proprioceptividade que dá o corpo como despedaçado. Daí o desenvolvimento de tendências direcionadas a qualquer rejuntamento do corpo próprio.³³

Por conseguinte, o estágio do espelho se constitui a partir de sensações proprioceptivas que dão ao corpo uma vivência de despedaçamento:

Por um lado, o interesse psíquico se acha deslocado para tendências que visam algum recolamento do corpo próprio; por outro, a realidade, submetida inicialmente a um despedaçamento perceptivo, cujo caos atinge até suas categorias, “espaços”, por exemplo, tão díspares quanto as estáticas sucessivas da criança, se ordena refletindo as formas do corpo que fornecem de alguma forma o modelo de todos os objetos.³⁴

Ainda sobre a vivência de despedaçamento corporal, Lacan faz no seminário *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* a seguinte observação:

[...] a dialética [...] do estágio do espelho está fundamentada sobre a relação entre, de uma lado, um certo nível das tendências vivenciadas [...] num certo momento da vida – como que desconectadas, discordantes, despedaçadas – [...] e por outro lado, uma unidade com a qual ele se confunde e se emparelha. Esta unidade é aquilo em que o sujeito se conhece pela primeira vez como unidade, porém, como unidade alienada.³⁵

Fica evidente, portanto, que é em sua imagem especular que o sujeito encontrará uma unidade, sendo esta capaz de lhe estruturar imaginariamente.

³² LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia (1938)**, p. 37.

³³ Idem, *ibidem*, p.40.

³⁴ Idem, *ibidem*, p. 37.

³⁵ LACAN, J. **O seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010, p.73.

De acordo com Jalley, o amadurecimento da percepção visual precede o domínio do andar, permitindo ao sujeito uma antecipação imaginária. O *infans* percebe que a imagem refletida no espelho é a do semelhante, o que faz com que ela se identifique com a imagem do ser humano, “com uma entidade perceptiva em que se fundem, no estado de momentos indiferenciados, a forma do mim e a do outro.”³⁶ Contudo, a autora salienta também que este processo não corresponde a um reconhecimento de si. O fato de a criança reconhecer sua imagem não significa que ela reconheça sua própria pessoa.

Queiroz infere que a aquisição de uma imagem unificada do corpo é responsável por uma “certa configuração e organização do espaço e do campo visual”.³⁷ Entretanto, a descoordenação motora não lhe permite o controle do conjunto e, apesar de o amadurecimento visual anteceder o motor, é importante ressaltar que neste momento “as impressões perceptivas são sempre parciais”.³⁸

No texto “A agressividade em psicanálise”³⁹ de 1948, Lacan aborda a temática do reconhecimento de si a partir da agressividade. Nota-se que a agressividade volta a ser trabalhada pelo autor, no entanto a partir de uma perspectiva diferente. Em 1938, o tema é apresentado a partir do complexo de intrusão, ou melhor, da relação entre irmãos propiciando uma vivência de reconhecimento que Lacan relaciona ao estágio do espelho. Vale lembrar que se trata de um complexo no qual se encontra inserida a rivalidade. O efeito desta experiência ficaria mais claro na estrutura do ciúme infantil, já que a criança reconheceria este irmão como intruso, como um rival. Já em 1948, o autor se preocupa em introduzir a agressividade como um conceito. Segundo ele, a tendência agressiva é um componente muito comum em certos estados como as psicoses paranoicas e paranoides. O autor sustenta a teoria de que todo conhecimento humano tem como base o que ele chama de conhecimento paranoico, que corresponderia, “em suas formas mais ou menos arcaicas”,⁴⁰ a alguns momentos considerados críticos na história do desenvolvimento mental do homem “e que representam, cada um, uma etapa da identificação objetivante”.⁴¹ Esta possuiria vários planos diferentes que poderiam ser previstos no infante. Um primeiro plano consistiria na experiência de si próprio na criança pequena que:

³⁶ JALLEY, E. *Op. Cit.*, p. 40.

³⁷ QUEIROZ, E. F. **Trama do olhar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p.67.

³⁸ Idem, *ibidem*, p. 68.

³⁹ LACAN, J. A agressividade em psicanálise (1948). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

⁴⁰ Idem, *ibidem*, p. 114.

⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 114.

[...] na medida em que ela se refere a seu semelhante, desenvolve-se a partir de uma situação vivida como indiferenciada. Assim, por volta dos oito meses de idade, nos confrontos entre crianças – que, convém notar, para serem fecundos, quase que só permitem dois meses de distância etária –, vemos os gestos de ações fictícias com que um sujeito acompanha o esforço imperfeito do gesto do outro, confundindo sua aplicação distinta: as sincronias da captação especular, mais notáveis ainda por se anteciparem a completa coordenação dos aparelhos motores que elas empregam.⁴²

Desta maneira, Lacan deduz que a agressividade manifestada em tapas e socos deve ser compreendida de uma forma mais ampla, ou seja, numa ordem de coordenação “que subordinará as funções de posturas tônicas e de tensão vegetativa a uma relatividade social cuja prevalência Wallon sublinhou consideravelmente na constituição expressiva das emoções humanas.”⁴³ O autor destaca ainda que em situações como a descrita acima o *infans* antecipa no plano mental a aquisição da unidade funcional do corpo próprio que neste momento ainda não adquiriu o domínio da motricidade voluntária.

Porém, para que o bebê reconheça a imagem refletida como sua é preciso que o outro lhe dê alguma indicação disso, ou seja, o outro, através da palavra, indica quem é aquele que aparece no espelho. O eu se constitui, portanto, a partir do outro e, mais especificamente, da imagem que lhe é devolvida pelo semelhante.

Essa operação possibilita uma representação de um corpo unificado, ou seja, o bebê passa da vivência de um corpo despedaçado, “no qual há uma indiferenciação entre o seu corpo e o de sua mãe”⁴⁴ para a do corpo próprio. Nas palavras de Lacan:

[...] o estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental.⁴⁵

O psicanalista francês demarca que o sujeito terá consciência de seu corpo como totalidade antes mesmo de sua maturação fisiológica, ou seja, o domínio imaginário do corpo é anterior ao domínio real. Além disso, “[...] a imagem do corpo dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu”.⁴⁶

⁴² Idem, ibidem, p. 114, 115.

⁴³ Idem, ibidem, p.115.

⁴⁴ JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan. Vol. I: As bases Conceituais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 45.

⁴⁵ LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949), p.100.

⁴⁶ LACAN, J. **O seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud (1953-54).**, p.96.

Lacan crê que o homem não possui certos mecanismos de estruturação que nos animais são inatos. A imagem do corpo próprio desempenha nos humanos essa função de estruturação. As pulsões que, inicialmente, se satisfazem de forma anárquica, não possuem uma organização e estão submetidas a “contingências diversas”.⁴⁷

O estágio do espelho permite que se compreenda a dinâmica entre exterior e interior, já que põe em evidência o fato de o sujeito se fundar, primordialmente, na forma de uma exterioridade a si mesmo. “O desejo, o dinamismo libidinal, não é mais uma força misteriosa que viria do fundo do sujeito e cuja origem orgânica se deveria discutir [...]”.⁴⁸ Esta exterioridade é marcada por uma relação consigo que é atravessada por uma relação com o outro, visto que o desejo na experiência do espelho se “revela como um puro comportamento de fascínio com relação à imagem [...]. Desejar não é desejar o outro, mas desejar o desejo do outro.”⁴⁹ Para Lacan, esta estrutura relacional do sujeito já está em si mesma, ou melhor, o sujeito só se constitui na presença do outro.

O sujeito não é anterior a este mundo de formas que o fascinam: ele se constitui em primeiro lugar por elas e nelas. O exterior não está lá fora, mas no interior do sujeito, o outro está nele, ou ainda: só existe exterioridade, porque inicialmente o sujeito recebe em si mesmo esta dimensão que comanda em seguida sua relação com toda exterioridade real.⁵⁰

É a partir disto que Lacan deduz a fórmula do desejo, situando o outro no coração do sujeito. As pesquisas de biólogos e etólogos,⁵¹ cujos nomes o autor cita ao longo de sua obra, servem de base para a compreensão da importância da imagem para o psiquismo humano e sua função na constituição do desejo. Estas pesquisas indicam que, no mundo animal, a visualização da imagem do parceiro sexual pode ocasionar modificações anatômicas e fisiológicas profundas como o desenvolvimento das gônadas sexuais em pombos, por exemplo.

Queiroz destaca que o estágio do espelho é responsável pela montagem de uma *Gestalt* do corpo que é a condição estruturante do sujeito.⁵² Essa *Gestalt*, nada mais é do que “[...] uma imagem, efeito de superfície resultante da ação do simbólico no real que transforma

⁴⁷ Idem, *Ibidem*, p. 195.

⁴⁸ OGILVIE, B. **Lacan: a formação do conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 110.

⁴⁹ Idem, *ibidem*, p. 110.

⁵⁰ Idem, *ibidem*, p. 111.

⁵¹ Harrisson e Chauvin, entre outros.

⁵² QUEIROZ, E.F. **A clínica da Perversão**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

a matéria-prima em corpo erotizado.”⁵³ Para a autora, essa matéria-prima é o corpo real, que se trata de algo próximo da noção de organismo, apesar de não se limitar a ele.⁵⁴

Com efeito, o sujeito só percebe ali a unidade de seu próprio corpo sob a forma de um objeto de que está separado: imagem, então, de um outro corpo, ilusão de um corpo comum ao eu e ao outro. No espaço imaginário instituído pela visão em espelho, a estrutura do corpo próprio oferece a base, a partir de uma similitude objetiva, da “identificação precipitada do eu com o outro”. Dessa maneira, pela mediação da imagem refletida do corpo, “é no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta em primeiro lugar”.⁵⁵

O conceito de *Gestalt* permite que Lacan coloque em destaque “a pregnância da imagem, sua dimensão primordial de totalidade significante, independentemente de qualquer percepção passiva de elementos separados”.⁵⁶ Compreende-se que se a imagem é capaz de produzir esses efeitos no mundo animal, o psiquismo humano seria mais sensível a isto. Todavia, diferentemente dos animais, no homem a imagem não tem como consequência uma maturação, e sim uma antecipação do domínio motor. Dado que, como nos ensina a fisiologia, a criança nasceria prematuramente. Contudo, Lacan destaca que:

A carência de coordenação motora e sensorial não impede ao recém-nascido fascinar-se com o rosto humano, assim que seus olhos se abrem à luz. Também não lhe impede mostrar de maneira clara que é capaz de individualizar a mãe dentre todas as pessoas que o rodeiam.⁵⁷

Como mencionado anteriormente, neste processo que se dá a partir de uma antecipação no plano mental da conquista da unidade funcional deste corpo inacabado, até então, no plano da motricidade voluntária:

Há aí uma primeira captação pela imagem, onde se esboça o primeiro momento da dialética das identificações. Ele está ligado a um fenômeno de *Gestalt*, à percepção muito precoce, na criança, da forma humana, forma esta que, como sabemos, fixa seu interesse desde os primeiros meses e mesmo, no que tange ao rosto humano, desde o décimo dia de vida. Mas o que demonstra o fenômeno de reconhecimento que implica a subjetividade são os sinais de jubilação triunfante e o ludismo de discernimento que caracterizam, desde o sexto mês, o encontro com sua imagem no espelho pela criança. Essa conduta contrasta vivamente com a indiferença manifestada pelos animais que percebem essa imagem, como o chimpanzé, por exemplo, quando eles têm a experiência de sua inutilidade objetual, e ganha ainda mais destaque por se produzir numa idade em que a criança ainda apresenta, quanto

⁵³ Idem, *Ibidem*, p.103.

⁵⁴ Idem, *Ibidem*.

⁵⁵ JALLEY, E. *Op. Cit.*, p. 42.

⁵⁶ OGILVIE, B. *Op. Cit.*, p.115.

⁵⁷ LACAN, J. Algumas reflexões sobre o eu (1951), p. 36.

ao nível de sua inteligência instrumental, um atraso em relação ao chimpanzé, com quem só se iguala aos onze meses.⁵⁸

Lacan afirma que seu interesse com o estádio do espelho é demonstrar “o dinamismo afetivo pelo qual o sujeito se identifica primordialmente com a *Gestalt* visual de seu próprio corpo”.⁵⁹ Sendo esta considerada uma “unidade ideal, uma imago salutar”⁶⁰ cujo valor se dá pelo fato de o filhote do homem portar sinais de uma prematuração natal fisiológica durante seus primeiros seis meses de vida.

É essa captação pela imago da forma humana [...] que domina, entre os seis meses e os dois anos e meio, toda a dialética do comportamento da criança na presença de seu semelhante. Durante todo esse período, registram-se as reações emocionais e os testemunhos articulados de um transitivismo normal. A criança que bate diz que bateram nela, a que vê cair, chora. Do mesmo modo, e numa identificação com o outro que ela vive toda a gama das reações de imponência e ostentação, cuja ambivalência estrutural suas condutas revelam com evidencia, escravo identificado com o déspota, ator com o espectador, seduzido com o sedutor.⁶¹

Esta passagem indica, mais uma vez, que a estrutura do eu e de seus objetos está vinculada à agressividade. Lacan acredita que isto se constitui em uma relação erótica “[...] em que o indivíduo humano se fixa numa imagem que o aliena em si mesmo”⁶² e é daí que se originará o eu como uma organização passional. Observa-se então que a identificação narcísica é marcada por uma ambivalência, já que a relação com o outro sempre se dará entre a agressividade e a erotização.

Essa forma se cristalizará, com efeito, na tensão conflitiva interna ao sujeito, que determina o despertar de seu desejo pelo objeto do desejo do outro: aqui, o concurso primordial se precipita numa concorrência agressiva, e é dela que nasce a tríade do outro, do eu e do objeto, que, fendendo o espaço da comunhão especular, inscreve-se nela segundo um formalismo que lhe é próprio, e que domina a tal ponto a *Einführung* afetiva que a criança nessa idade pode desconhecer a identidade das pessoas que lhe são mais familiares, caso elas lhe apareçam num meio inteiramente modificado.⁶³

Na parte três de *Formulações sobre a causalidade psíquica*,⁶⁴ Lacan discute os efeitos psíquicos do modo imaginário. Ele começa se referindo às identificações ideais como

⁵⁸ LACAN, J. A agressividade em psicanálise (1948), p. 115.

⁵⁹ Idem, ibidem, p.115.

⁶⁰ Idem, ibidem, p. 115.

⁶¹ Idem, ibidem, p. 116.

⁶² Idem, ibidem, p. 116.

⁶³ Idem, ibidem, p. 116.

⁶⁴ LACAN, J. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

fenômenos psíquicos que revelam a função da *imago*. O desenvolvimento da história do sujeito culminaria numa série dessas identificações.

O estágio do espelho é descrito por Lacan neste trabalho como a gênese psicológica da “existência de objetos independentes do campo atual de tendências, com a dupla possibilidade do uso simbólico e do uso instrumental [...] desde as primeiras fases do desenvolvimento”.⁶⁵ Ou seja, a pretensão do autor era apontar a vinculação das relações imaginárias fundamentais com uma espécie de comportamento que ele chama de exemplar – o júbilo diante da imagem refletida no espelho – em uma fase do desenvolvimento. Mais uma vez ele compara a criança ao chimpanzé, ressaltando seu atraso, neste período específico, em relação a este animal no que diz respeito à aplicação da inteligência instrumental. O autor complementa com a seguinte afirmação:

O que chamei de assunção triunfante da imagem, com a mímica jubilatória que a acompanha, a complacência lúdica no controle da identificação especular, após o mais breve balizamento experimental da existência da imagem atrás do espelho, contrastando com fenômenos opostos no macaco, pareceu-me identificar um desses fatos de captação identificatória pelo *imago* que eu estava procurando isolar.⁶⁶

Lacan infere que esta *imago* do corpo próprio no psiquismo é responsável por uma série de fenômenos subjetivos que vão desde a ilusão dos amputados – membro fantasma – “passando pelas alucinações do duplo, até seu surgimento onírico e as objetivações delirantes que a ele se vinculam”.⁶⁷ No entanto, para ele, o mais importante seria a autonomia que esta *imago* teria “como lugar imaginário de referência das sensações proprioceptivas”.⁶⁸

Tudo isso se dá a partir da captação pela imagem do outro que Lacan denomina transativismo. Trata-se de uma reação que se manifestaria a princípio como matriz da *Urbild* do eu. Na passagem abaixo, o autor exemplifica seus efeitos:

[...] a criança pode participar, num transe completo, do tombo de seu colega, ou igualmente lhe imputar sem que se trate de mentira, ter recebido dele o golpe que lhe aplicou. Deixo de lado a série dos fenômenos que vão da identificação especular à sedução mimética e a sugestão da impotência. [...] Eles se inscrevem numa ambivalência primordial que nos aparece, indico-o desde logo, no espelho, no sentido de que o sujeito se identifica, em seu sentimento de si, com a imagem do outro, e de que a imagem do outro vem cativar nele esse sentimento.⁶⁹

⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 185.

⁶⁶ Idem, *ibidem*, 186.

⁶⁷ Idem, *ibidem*, 186.

⁶⁸ Idem, *ibidem*, 186.

⁶⁹ Idem, *ibidem*, p. 182.

A visão é um instrumento extremamente importante nesse processo, visto que, como mencionado anteriormente, é a partir da captação de sua imagem refletida que o *infans* constituirá uma forma primordial de eu. O atraso no desenvolvimento para Lacan é responsável pela primazia da visão na construção de uma imagem corporal unificada.

É em função desse atraso do desenvolvimento que a maturação precoce da percepção visual adquire seu valor de antecipação funcional. Daí resulta, por um lado, a acentuada prevalência da estrutura visual no reconhecimento muito precoce, como vimos, da forma humana. Por outro lado, a probabilidade de identificação com essa forma, se assim posso dizer, recebem dela uma contribuição decisiva, que irá constituir no homem o nó imaginário e absolutamente essencial que, obscuramente e através de inextricáveis contradições doutrinárias, a psicanálise designou admiravelmente, no entanto, pelo nome de narcisismo.⁷⁰

Entretanto, é preciso chamar a atenção para o fato de que há outros elementos de extrema importância para essa operação. A voz é portadora da linguagem, além de marcar a presença do outro. Tanto a linguagem quanto os cuidados dirigidos ao bebê dão contorno ao corpo, pois o eroginizam e o inserem no campo do simbólico. As partes desse corpo são nomeadas durante o cuidado, por exemplo, assim como a imagem no espelho também recebe uma nomeação. É a palavra do outro que dará significação às partes do corpo. Podemos, em vista disso, ponderar que, no caso de uma criança cega, há outros caminhos possíveis para se chegar a essa articulação primeira do eu.

A assunção jubilatória de sua imagem especular por ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem neste estágio de *infans*, parecer-nos-á, pois, manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [*eu*] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito.⁷¹

Isso significa que a linguagem, para Lacan, é a responsável pela emergência subjetiva. A inscrição significante fundará o sujeito. De acordo com Pereira,

É com a introdução da estrutura egóica que concomitantemente falamos em sujeito, pelo enodamento entre imaginário e simbólico. O eu, em sua plasticidade. É aquele que se transforma, molda-se, divide-se, permitindo a identificação fundamental: o laço emocional aos objetos. Se já dissemos que a imagem vem revestir o que seria somente o real, o simbólico é que permitirá a eficácia desse velamento.⁷²

⁷⁰ Idem, *ibidem* p. 187.

⁷¹ LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu (1949), p.94.

⁷² PEREIRA, L. M. L. *Op.Cit.*, p. 63.

Porém, é muito importante esclarecer que existe “uma distinção entre o eu e o sujeito”.⁷³ Segundo Jorge, o eu pertence ao registro do imaginário, do sentido, enquanto “o sujeito é partido entre os significantes do simbólico”.⁷⁴ Isso significa que a unificação do eu não se dá “jamais no nível do sujeito, pois este é sempre dividido, conflitivo, impossível de se identificar de modo absoluto”.⁷⁵

Para Pereira, a criança se interessa libidinalmente por sua imagem porque há um desejo que antecede a ela, isto é, um narcisismo primário que na definição de Nobre consiste na oportunidade dos pais “[...] de ver realizado pela criança, o que eles próprios não conseguiram em suas vidas”.⁷⁶ Nesse momento, por conseguinte, ainda não há um acesso ao simbólico, mas isso não significa que ele esteja ausente, uma vez que a ação do narcisismo primário faz com que o bebê já surja em um “lugar simbolicamente marcado”.⁷⁷ Ou seja, apesar de ainda não dispor de uma função simbólica, a criança “[...] é, desde o seu nascimento e mesmo antes dele, “simbolizada” pelos outros”.⁷⁸

Queiroz observa que a relação da criança com o Outro materno “[...] se organiza numa dialética imaginária cujo olhar antecipa a palavra, a começar pela imagem antecipada que a mãe faz do corpo da criança esperada”.⁷⁹ Segundo a autora, “o eu-corpo da criança se oferece ao olhar da mãe com manifestações de bem-estar ou sofrimento”,⁸⁰ todavia esses sinais podem ser ignorados por ela, que se mantém cega e surda diante do apelo da criança, desprezando o que acontece com o corpo do bebê.

Essa primeira forma de representação produz um sentido/ sensação corporal, só podendo entrar na dialética da linguagem pela via da encenação, mostração. O corpo de um responde ao corpo do outro pela emoção, e o olhar entra como a ação que medeia essa relação/ reação especular. A leitura a que a mãe procederá dos sinais emitidos pelo corpo da criança e a resposta que dará a eles interferirão na maneira pela qual cada sujeito fará a representação da experiência.⁸¹

Apesar de evidenciar a condição de impotência motora do *infans*, o estágio do espelho ensina que a configuração total de corpo dada pelo reflexo no espelho permite que o sujeito se adiante numa miragem de totalidade de sua forma, ou seja, na ilusão de uma imagem corporal

⁷³ JORGE, M. A. C. *Op.Cit.*, p.46.

⁷⁴ Idem, *Ibidem*, p.46.

⁷⁵ Idem, *Ibidem*, p.46.

⁷⁶ NOBRE, L. “É que Narciso acha feio o que não é espelho”. In: **O corpo do Outro e a criança**. Rio de Janeiro: Letra Freudiana, ano XXIII, nº 33, 2004, p. 69.

⁷⁷ GARCIA-ROZA, L.A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.213.

⁷⁸ Idem, *Ibidem*, p.213.

⁷⁹ QUEIROZ, E. F. *Op. Cit*, p.108.

⁸⁰ Idem, *Ibidem*, p.108.

⁸¹ Idem, *Ibidem*, p.109.

unificada que lhe é dada por uma *Gestalt*, cuja composição se dá a partir de uma exterioridade em que esta forma é mais constituinte do que constituída.

1.2.1 O esquema óptico

De acordo com Lacan, o estádio do espelho não deve ser entendido simplesmente como um momento do desenvolvimento. É também uma função que revela certas relações do sujeito com sua imagem, além de possuir uma apresentação óptica.

No seminário *Os escritos técnicos de Freud*,⁸² encontramos as primeiras elaborações de Lacan sobre o tema. Ele explica que as imagens ópticas possuem certas singularidades, ou seja, “algumas são puramente subjetivas, são as que se chamam virtuais, enquanto outras são reais, a saber, sob certos prismas, se comportam como objetos e podem ser tomadas como tais.”⁸³ Dito de outra forma, as imagens virtuais são formadas pelos prolongamentos dos raios vindos do objeto. Já as imagens reais são formadas diretamente pelos raios de luz sem que haja a necessidade destes serem prolongados.

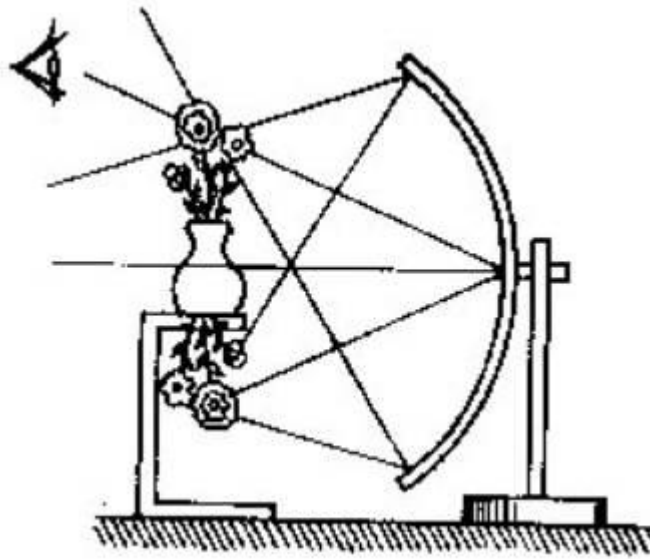
O esquema óptico nos é apresentado por Lacan a fim de esclarecer a dialética do estádio do espelho, partindo da experiência do buquê invertido do físico Henri Bouasse (Fig.1). O que ele tenta comprovar com esta experiência é a junção do simbólico e do imaginário na constituição do real.

O experimento utiliza um espelho esférico que é posto diante de uma mesa. Sobre esta mesa coloca-se um vaso e embaixo da mesma um buquê de flores. Dependendo da posição do observador, este verá refletido no espelho um buquê imaginário no gargalo do vaso, isto é, em vez de ter a visão do vaso e do buquê separados, tem-se uma imagem unificada do vaso com as flores. Para Lacan, é possível se estabelecer um vínculo metafórico entre as concepções de continente e de conteúdo relacionadas a um estado primitivo da formação do eu com esta experiência. Se situarmos a imagem do corpo neste esquema, “é como o vaso imaginário que contém o buquê de flores real. Aí está como podemos representar o sujeito anterior ao nascimento do eu, e o surgimento deste.”⁸⁴

⁸² LACAN, J. **O seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud (1953-54).**

⁸³ Idem, *Ibidem*, p.93.

⁸⁴ Idem, *Ibidem*, p.96.



(Fig. 1) Esquema óptico de Bouasse.

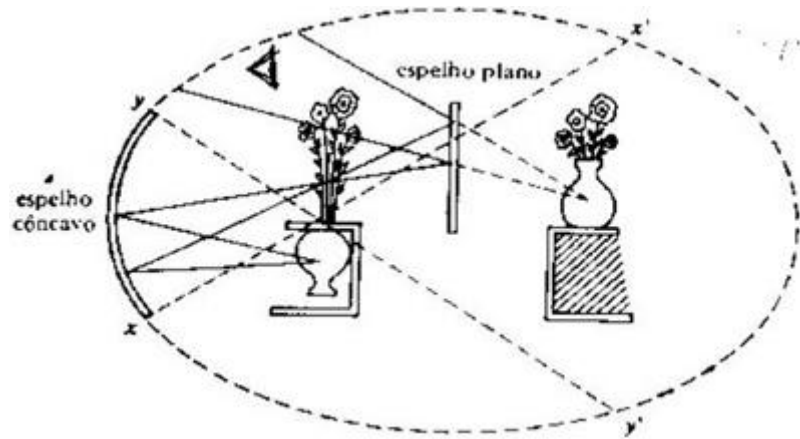
É preciso esclarecer que o olho presente no esquema revela que “na relação do imaginário e do real [...] tudo depende da situação do sujeito”,⁸⁵ e esta se caracteriza pelo seu lugar no simbólico, no mundo da palavra. O olho neste momento surge como um símbolo do sujeito, contudo vale destacar que Lacan, posteriormente, enfatizará que o sujeito não é um olho.

O vaso será reproduzido, pelo jogo da reflexão dos raios, numa imagem real e não virtual, sobre a qual o olho pode se acomodar. Se o olho se acomoda ao nível das flores que dispusemos, verá a imagem real do vaso vir envolver o buquê, e lhe dar estilo e unidade – reflexo da unidade do corpo.⁸⁶

Mais adiante, Lacan acrescenta ao experimento do buquê um espelho plano (Fig.2). Nesta nova experiência, ele inverte as posições do vaso e do buquê, além de colocar o observador em um ponto no qual verá a imagem do espelho côncavo refletida no espelho plano.

⁸⁵ Idem, ibidem, p. 97.

⁸⁶ Idem, ibidem, p. 146.



(Fig. 2) Esquema de dois espelhos.

Na nova situação, “num ponto simétrico ao ponto em que está a imagem real, vou ver aparecer essa imagem real como se fosse virtual”.⁸⁷ Segundo Greco, “o corpo real é como o vaso refletido no espelho inacessível ao olhar. O sujeito, determinado pela ordem simbólica, nunca terá mais que uma apreensão imaginária do corpo (por isso, no esquema, ele vê a imagem do espelho côncavo pela sua reflexão no espelho plano)”.⁸⁸

Pode-se resumir que o que está em jogo no estádio do espelho nada mais é do que uma formalização lacaniana do processo de constituição do eu. O esquema óptico seria uma ilustração do que se passa neste processo que se baseia, principalmente na teoria freudiana do narcisismo. Lacan revela que em seu esquema o narcisismo primário se situa no nível da imagem real “na medida em que ela permite organizar o conjunto da realidade num certo número de quadros pré-formados”.⁸⁹ Deve-se levar em conta que este é o narcisismo que se relaciona à imagem corporal.

Essa imagem é idêntica para o conjunto dos mecanismos do sujeito e dá a sua forma ao seu *Umwelt*, na medida em que é homem e não cavalo. Ela faz a unidade do sujeito, e nós a vemos se projetar de mil maneiras, até no que se pode chamar a fonte imaginária do simbolismo, que é aquilo através de quê o simbolismo se liga ao sentimento [...] que o ser humano [...] tem do seu próprio corpo.⁹⁰

Vale relembrar que o sujeito toma consciência de seu corpo como uma totalidade antes mesmo de sua maturação fisiológica. O esquema do buquê representa este momento, podendo

⁸⁷ Idem, ibidem, p. 147.

⁸⁸ GRECO, M. Os espelhos de Lacan. In: **Opção Lacaniana on line**. Rio de Janeiro, 2011, nº6, p. 7 e 8. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Os_espelhos_de_Lacan.pdf Acesso em: 29/10/2012.

⁸⁹ LACAN, J. **O seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud (1953-54)**, p. 148.

⁹⁰ Idem, ibidem, 147.

ser pensado como metáfora da pré-história do sujeito. Ele demonstra a importância do olhar do outro na organização do protótipo da imagem especular. O lugar de destaque do outro para o homem se dá pelo fato de este outro se apresentar como uma antecipação “que representa a imagem unitária tal como é percebida, seja no espelho, seja em toda realidade do semelhante”.⁹¹

O narcisismo secundário é o que corresponde a esta conexão que culminará em uma identificação narcísica, permitindo ao homem localizar de forma precisa “a sua relação imaginária e libidinal ao mundo em geral”.⁹² Lacan defende a ideia de que é isto que nos possibilita a estruturação de um ser libidinal. O sujeito vê o seu ser no reflexo em relação ao outro, ou seja, em relação ao *Ich-Ideal* – ideal do eu. Logo, pode-se observar que o eu possui funções distintas:

[...] por um lado, elas desempenham para o homem como para todos os outros seres vivos um papel fundamental na estruturação da realidade – por outro lado, elas devem no homem passar por esta alienação fundamental que constitui a imagem refletida de si mesmo, que é o *Ur-Ich*, a forma original do *Ich-Ideal* bem como da relação com o outro.⁹³

No texto “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”,⁹⁴ Lacan utiliza mais uma vez o esquema óptico, no entanto referindo-se a ele como um modelo das relações do eu ideal e do ideal de eu. Segundo ele, “as ligações que ali irão aparecer [...] relacionam-se claramente [...] com estruturas subjetivas como tais, representando a relação com o outro e permitindo distinguir nela a dupla incidência do imaginário e do simbólico”.⁹⁵ Deve-se ressaltar que apesar de o experimento apresentado neste texto ser o mesmo utilizado por Lacan em trabalhos anteriores, neste momento, o autor discriminou de forma detalhada o que cada elemento da experiência representa.

Observando o diagrama que se apresenta no texto (Fig.3), Lacan salienta que é preciso imaginar:

(1º) que o vaso está no interior da caixa e que sua imagem vem a circundar com seu gargalo o buquê de flores já montado acima dele – o qual desempenhará, para um olho eventual, o papel de suporte de acomodação [...] necessário para que se produza a ilusão, a ser doravante designada como a do vaso invertido; (2º) que um observador situado em algum lugar dentro do aparelho, digamos, entre as próprias

⁹¹ Idem, ibidem, p. 148.

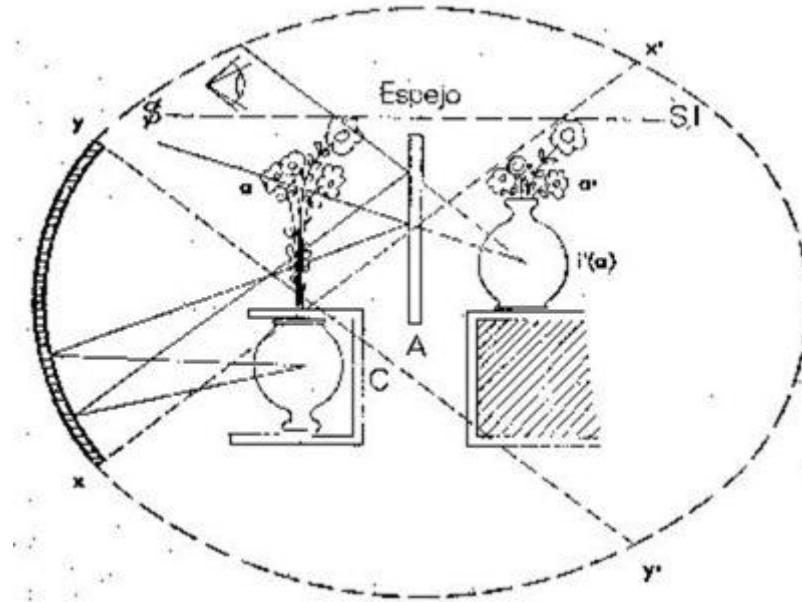
⁹² Idem, ibidem, p. 148.

⁹³ Idem, ibidem, p. 148.

⁹⁴ LACAN, J. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache (1960). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

⁹⁵ Idem, ibidem, p.680.

flores, ou [...] na borda do espelho esférico [...] busca realizar sua ilusão na imagem virtual que um espelho plano, situado em A, pode dar da imagem real, o que é concebível sem forçar as leis da óptica.⁹⁶



(Fig. 3) Esquema óptico 2 de “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”.

Conforme a figura apresentada no texto, o olho corresponde ao sujeito (\$), o espelho plano seria o Outro (A), o vaso é o corpo (C), as flores (a) são os objetos e a imagem virtual, nomeada de $i'(a)$, corresponde ao eu ideal. Nota-se que a imagem real não está representada no esquema. Isto se dá pelo fato de o observador (\$) estar fora de alcance para discerni-la, ou seja, o eu só encontrará sua própria imagem através do Outro (A), entretanto este também é o que o separa de sua imagem. Assim como o vaso escondido na caixa, o corpo também é inacessível ao olhar. O observador no experimento óptico só será capaz de visualizar a imagem refletida no espelho. Da mesma maneira, o sujeito, como mencionado anteriormente, terá apenas uma apreensão imaginária do corpo.

Se essa imagem decorre de uma subjetivação, com efeito, é primeiramente pelas vias da autocondução, figurada no modelo pelo reflexo no espelho esférico [...]. E o que o modelo também indica, pelo vaso oculto na caixa, é o pouco acesso que o sujeito tem à realidade desse corpo, perdida por ele em seu interior, no limite em que redobra de camadas coalescentes a seu invólucro, e vindo costurar-se neste em torno dos anéis orificiais, ele o imagina como uma luva que pode ser virada pelo avesso [...].⁹⁷

⁹⁶ Idem, ibidem, p. 681.

⁹⁷ Idem, ibidem, p. 682, 683.

De uma maneira geral, a grande diferença entre o modelo óptico apresentado no texto “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” e os encontrados em trabalhos anteriores de Lacan, consiste na entrada do grande Outro, representante do simbólico, no lugar do outro como semelhante. Essa mudança permite uma melhor representação da relação do sujeito com o outro e possibilitando:

[...] distinguir nela a dupla incidência do imaginário e do simbólico. Distinção cuja importância ensinamos para a construção do sujeito, a partir do momento em que é preciso pensarmos o sujeito como sujeito em que isso pode falar, sem que ele nada saiba a respeito (e do qual até convém dizer que nada sabe a seu respeito enquanto fala).⁹⁸

No seminário *A angústia*,⁹⁹ Lacan recorda o momento jubilatório da criança no estádio do espelho e sustenta que “a relação especular vem a tomar seu lugar e a depender do fato de que o sujeito se constitui na relação com o significante”.¹⁰⁰ Ao se voltar para aquele que a segura diante do espelho, a criança parece pedir a aprovação deste adulto, isto é, “ela parece pedir a quem a carrega, e que representa aqui o grande Outro, que ratifique o valor dessa imagem”.¹⁰¹

Nessa nova perspectiva, em que o espelho plano representaria o grande Outro, Quinet atenta para o fato de que:

O olhar em cena no estádio do espelho é o olhar daquele que vem ocupar o lugar do Outro, por exemplo, a mãe. Trata-se de um olhar buscado pela criança – ao virar-se do espelho procurando algum sinal do lado do Outro. Essa troca de olhares – olhares em uníssono, olhares que ao se cruzarem constituem um só olhar – é a causa da jubilação. O Outro é, na verdade, o espelho no qual a criança se vê e se admira, ajustando sua imagem enquanto eu ideal às reações de Outro que vem no lugar do ideal do eu.¹⁰²

O bebê ao tomar como referência este ser que o olha diante do espelho vê surgir não o seu ideal do eu, mas o seu eu ideal, isto é, o ponto de deleite que ele experiencia em si mesmo. Para Quinet, a articulação entre o eu e o Outro se dá através do ideal do eu e é a partir deste que o sujeito se vê como eu ideal. “O ideal do eu, que se institui com as coordenadas

⁹⁸ Idem, ibidem, p. 681.

⁹⁹ LACAN, J. **O seminário. Livro 10. A angústia (1962-63)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

¹⁰⁰ Idem, ibidem, p. 41.

¹⁰¹ Idem, ibidem, p. 41.

¹⁰² QUINET, A. *Op. Cit.*, p. 130.

inconscientes do eu, ocupa o mesmo lugar topológico que o eu ideal devido à realidade moebiana do sujeito”.¹⁰³

De acordo com Lacan, estas instâncias podem se apresentar na vivência do sujeito como miragens, dado que o ideal do eu teria o aspecto de um modelo enquanto o eu ideal poderia se apresentar como uma aspiração ou, até mesmo, um sonho.

[...] É no Outro (A) que o sujeito se constitui como ideal, que ele tem que regular o acerto do que vem como eu, ou o eu ideal – que não é o ideal do eu – quer dizer, a se constituir em sua realidade imaginária. [...] Ali onde o sujeito se vê, isto é, onde se forja essa imagem real e invertida de seu próprio corpo que é dado no esquema do eu, não é lá de onde ele se olha. Mas, certamente, é no espaço do Outro (A) que ele se vê, e o ponto de onde ele se olha também está nesse espaço. Ora, é bem aqui também que está o ponto de onde ele fala, pois, no que ele fala, é no lugar do Outro (A) que ele começa a constituir essa mentira verídica pela qual tem começo aquilo que participa do desejo no nível do inconsciente.¹⁰⁴

O que se pode concluir é que a unidade dada pela experiência especular, que é denominada por Lacan *i(a)*, é autenticada pelo grande Outro.

1.3 O espelho de Wallon

O conceito lacaniano do estágio do espelho foi inspirado nas elaborações teóricas do psicólogo gestaltista Henri Wallon, cuja teoria descreve, dentre outras coisas, estágios do desenvolvimento psicológico da criança. Segundo Wallon, a apropriação do eu corporal se dará quando a criança estabelecer a relação entre a sua pessoa e a sua imagem, processo que ocorre com a consolidação das etapas de identificação, sobre as quais discorreremos mais adiante. Não basta perceber a imagem no espelho; é preciso conectá-la ao si mesmo, ao se compreender que a imagem pertence ao campo da representação.

A consolidação das etapas de identificação e apropriação do eu corporal necessitam do estabelecimento, por parte da criança, da relação entre a sua pessoa e a sua imagem, não basta perceber sua imagem refletida no espelho, por exemplo, é preciso relacioná-la a si própria. O reconhecimento de sua imagem no espelho consiste na compreensão de que aquela imagem pertence ao campo da representação. Porém, o autor aponta que “relacionar por um gesto de atribuição a imagem do espelho à pessoa ainda não significa fundi-la na existência dessa pessoa, a ponto de ver nisso uma simples aparência”.¹⁰⁵ Uma criança que é surpreendida pela

¹⁰³ Idem, ibidem, p.132.

¹⁰⁴ LACAN, J. **O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**, p.137.

¹⁰⁵ WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971, p.194.

semelhança entre a mãe e a imagem desta refletida no espelho precisa adquirir “a capacidade de elevar a representação das coisas a um plano superior, onde sua existência já não estaria substancialmente ligada à das imagens encontradas no espaço sensório-motor”.¹⁰⁶

Nota-se que este não é um processo simples. Inicialmente, a criança permanece insensível às imagens refletidas no espelho. Em um segundo momento, ela as percebe e fixa o olhar sobre elas. Gradativamente, seu interesse vai aumentando e seus movimentos, de acordo com Wallon, demonstram tentativas de tocar esta imagem, uma vez que a concebe como algo externo e estranho a sua pessoa.

Entre a experiência imediata e a representação das coisas, torna-se necessária a intervenção de uma dissociação que possibilite o destaque da existência e das qualidades inerentes ao objeto das impressões e ações onde, inicialmente, o mesmo se implicou, atribuindo-lhe entre outros caracteres essenciais, os da exterioridade. Só existe representação possível através deste recurso. Na medida em que funciona, a do próprio corpo deve responder a esta condição. Só pode se formar exteriorizando-se.¹⁰⁷

A experiência do espelho revela se a criança é capaz de reconhecer como seu o aspecto exteroceptivo¹⁰⁸ que o espelho evidencia, ou seja, a reação infantil diante de sua imagem indica o nível de consciência da criança em relação à sua realidade e à unificação do seu eu, permitindo que ela se diferencie entre outros corpos e seres.

É através de mil pontos de referência, utilizando analogias e assimilação com o que já sabe perceber e representar distintamente, que a criança chega a individualizar e a discernir os diferentes aspectos sob os quais lhe é permitido adquirir uma representação de si mesma. Consiste, pois, todo este trabalho, em proporcionar-se imagens próprias e análogas às que pode formar no exterior de si mesma e, aliás, impossíveis de serem formadas de outra maneira.¹⁰⁹

Para Wallon, a incorporação das partes de seu corpo em uma unidade corporal amplia as possibilidades de interação da criança com o meio humano e físico, além de se constituir como uma das condições fundamentais para o processo de desenvolvimento da personalidade.

Wallon explica como no estágio sensório-motor e projetivo a criança torna-se capaz de reconhecer e diferenciar sua imagem corporal ao ver seu reflexo diante de um espelho. A compreensão de sua imagem corporal como “um desdobramento entre a imagem e o corpo

¹⁰⁶ Idem, ibidem, p.195.

¹⁰⁷ Idem, ibidem, p. 196.

¹⁰⁸ Sensibilidade exteroceptiva, domínio da somestesia que abrange o tato, a sensibilidade térmica, a sensibilidade à pressão, a sensibilidade à dor. (Grande Enciclopédia Larousse Cultural, São Paulo: Nova Cultural, 1995, p. 2326).

¹⁰⁹ Idem, ibidem, p.196.

concreto”¹¹⁰ permite “a representação e unificação do corpo em uma totalidade, isto é, a capacidade da criança em reconhecer a imagem diferenciada do próprio corpo”.¹¹¹ A aquisição desta consciência corporal é que permite uma tomada de consciência de si e, conseqüentemente, inicia “o processo de diferenciação *eu-outro*, e pode ser compreendida como o prelúdio da constituição da pessoa”.¹¹²

No livro *As origens do caráter na criança*, Wallon salienta que o estudo das etapas percorridas pela criança para alcançar uma unidade corporal, ao mesmo tempo que apresenta um problema de psicogênese,¹¹³ também revela a complexidade da noção de cenestesia,¹¹⁴ que é usada pela psicologia e psicopatologia de forma corrente.

Com efeito, a necessidade, geralmente incontestada, de reconhecer nos fatos da vida psíquica correlações orgânicas, com frequência, impõe a cenestesia ou sensibilidade do próprio corpo como substrato do sentimento de personalidade. Se porventura em dois momentos ou dois períodos de sua existência um indivíduo tiver dificuldade em reconhecer-se, atribui-se isto à alteração de sua cenestesia.¹¹⁵

De acordo com Wallon, em algumas manifestações da psicose, como nos casos em que o sujeito acredita que “seus atos, palavras, pensamentos são percebidos ou lhe são impostos por outras pessoas, é possível lhes atribuir como causa [...] os distúrbios cenestésicos e sensoriais: voz no ventre, no peito, na cabeça e enredo nos ouvidos.”¹¹⁶

O psicólogo francês crê que a noção de um eu-corporal não está limitada à intuição dos órgãos e de sua atividade. É preciso que haja uma distinção feita entre os elementos vinculados ao mundo externo e os atribuídos ao próprio corpo. Para isso é indispensável que seja possível a ligação entre a atividade voltada para o mundo externo “e a relacionada de modo, mais imediato, às necessidades e às atitudes do corpo”.¹¹⁷

¹¹⁰BASTOS, A.B.B.I. e DÉR, L.C.S. Estágio do personalismo. In: MAHONEY, A.A. e ALMEIDA, L.R. (Org.) **Henri Wallon – Psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 39

¹¹¹Idem, ibidem, p. 39.

¹¹²Idem, ibidem, p.39

¹¹³Estudo da origem e da evolução das funções psíquicas. (FERREIRA, A.B.H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A., 1986, p. 1412.)

¹¹⁴ Sentimento difuso resultante de um conjunto de sensações internas ou orgânicas e caracterizado essencialmente por bem-estar ou mal-estar. (Idem, ibidem, p.380) Sentimento vago que cada indivíduo tem da totalidade ou de uma parte de seu corpo, independentemente da ajuda dos sentidos. (Grande Enciclopédia Larousse Cultural, São Paulo: Nova Cultural, 1995, p. 1286).

Cinestesia – sentido pelo qual se percebem os movimentos musculares, o peso e a posição dos membros. (Idem, ibidem, p. 407)

Sinestesia – relação subjetiva que se estabelece espontaneamente entre uma percepção e outra que pertença ao domínio do sentido diferente. (Idem, ibidem, p.1590)

¹¹⁵ WALLON, H. *Op. Cit.*, p. 154.

¹¹⁶ Idem, ibidem, p.155.

¹¹⁷ Idem, ibidem, p. 160.

A criança recebe estímulos do mundo exterior e, cada vez mais, responde à eles. O ato de investigar e explorar a realidade exterior, assim como a aquisição da aptidão simbólica permitem que a criança inicie o processo de representação e, conseqüentemente, de construção da realidade.

Desse modo, observa-se que há uma dissociação entre os diferentes domínios funcionais:

[...] o interoceptivo, ou seja, o da sensibilidade visceral; o domínio propioceptivo compreendendo as sensações ligadas ao equilíbrio, às atitudes, aos movimentos e o domínio exteroceptivo ou o da sensibilidade voltada para as excitações de origem exterior. Entre suas manifestações é considerável a diferença cronológica. As funções interoceptivas são as mais precoces, e as exteroceptivas as mais tardias.¹¹⁸

A sensibilidade propioceptiva é considerada pelo autor como de extrema importância para a construção da ideia de corpo próprio. As primeiras manifestações são contemporâneas do nascimento, chegando a remontar ao período fetal.

Relaciona-se a um sistema de funções que acompanha o desenvolvimento da atividade motora desde o seu estado mais arcaico até as suas possibilidades atuais; correspondem, também, à solidariedade intersegmental do organismo no movimento e na estação de pé, à sua unidade, dinâmica na ação e estática em face das forças exteriores.¹¹⁹

Ao adquirir as capacidades de se locomover e da linguagem a criança amplia sua atuação diante do mundo que a rodeia, pois ganha maior autonomia e independência, favorecendo o ato de investigar e explorar o espaço e os objetos nele encontrados. O andar permite que a criança modifique o ambiente e desloque-se de um lado para o outro. Já o falar possibilita a nomeação, a diferenciação e a caracterização dos objetos pela diversidade dos seus significados, possibilitado que a criança destaque esses objetos do conjunto espacial em que estão inseridos.

Assim, as reações infantis em face de seu próprio corpo apresentam, no plano sensório-motor, etapas sucessivas, coincidentes com as de seu desenvolvimento exteroceptivo. Ao explorar o mundo objetivo, a criança desenvolve a capacidade de diferenciar os objetos dos seres humanos, destacando-se e apropriando-se deles e, também, de si própria. Esta apropriação de si mesma leva à consciência de si; todavia, para que isso ocorra, é preciso, primeiramente, que se constitua o eu corporal. Portanto, a criança progressivamente individualizará a representação de si mesma, separando-se do todo em que

¹¹⁸ Idem, ibidem, p.160.

¹¹⁹ Idem, ibidem, p.164.

estava confundida, visto que na etapa anterior não era possível diferenciar o que era do seu corpo do que era do meio físico. Ou melhor dizendo, a criança era surpreendida pela aparição e pelos deslocamentos de seus membros no campo visual não sendo capaz de prevêê-los.

Não somente inexistia uma intuição primitiva e necessária do próprio corpo, sob todos os seus aspectos e em seu conjunto, como, de início, é de modo apenas muito parcial que se formam associações entre as diferentes impressões correspondentes a essa intuição.¹²⁰

Com o processo de experimentação e investigação a criança começa a estabelecer “relações entre seus movimentos e sensações; e em cadeia circular procura reproduzir os gestos na tentativa de obter as impressões por ela previstas. Esse movimento permitirá à criança individualizar e diferenciar as partes de seu corpo”.¹²¹ Contudo, é importante destacar que este reconhecimento e individualização das partes do corpo não consiste em uma incorporação imediata destas à unidade de sua pessoa. Faz-se necessário marcar a diferença entre a ordem objetiva e a subjetiva: “Para que isso ocorra é preciso que diferencie o espaço objetivo – *exteroceptivo* – do subjetivo – *interoceptivo e proprioceptivo* –, ou seja, que diferencie o que pertence ao mundo exterior daquilo que pertence ao corpo próprio”.¹²²

1.4 Da prova do espelho ao estádio do espelho

Em seu livro *Freud, Wallon, Lacan: A criança no espelho*,¹²³ Émile Jalley tem como um de seus principais interesses estudar as posições de Wallon relativas à questão da imagem especular. Segundo ela, em *As origens do caráter na criança*, Wallon estuda o processo de formação da pessoa a partir de uma perspectiva genética. Ao longo do primeiro ano de vida, “surge uma forma afetiva de consciência cujo comportamento dominante é representado pela emoção. O sentimento de identidade pessoal, ligado à consciência de si, só se cristaliza [...] mais ou menos aos três anos”.¹²⁴

O surgimento da consciência de si está atrelado a um desenvolvimento biológico e social. É preciso que se estabeleça uma distinção entre o eu e o outro, “o que pressupõe o desenvolvimento da consciência corporal, a individualização progressiva do corpo

¹²⁰ Idem, ibidem, p.181.

¹²¹ COSTA, L.H.F.M. Estágio sensório-motor e projetivo. In: MAHONEY, A.A. e ALMEIDA, L.R. (Org.). **Henri Wallon – Psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 36.

¹²² Idem, ibidem, p.36.

¹²³ JALLEY, E. **Freud, Wallon, Lacan: a criança no espelho**. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2009.

¹²⁴ Idem, ibidem, p.137.

próprio”.¹²⁵ O tema da imagem especular em Wallon, de acordo com Jalley, é abordado a partir da compreensão da tomada de consciência do corpo como base da consciência de si e de outrem.

A autora destaca que apesar de este não ser um tema novo na psicologia, o mérito de Wallon está no fato deste ser:

[...] o primeiro a integrar esse grupo de observações em um quadro teórico que ultrapassa as explicações locais de seus predecessores. O comportamento do espelho se apresenta a ele como uma das séries de fatos que, junto com o conjunto de outras séries – contemplação-exibição – permite uma abordagem global do processo de personalização.¹²⁶

Jalley considera que ao tratar da questão do corpo próprio e de sua imagem exteroceptiva, Wallon descreve uma vivência de despedaçamento na representação inicial de corpo próprio na criança. Sobre isso, encontramos em *As origens do caráter na criança* a seguinte observação:

Surpreendida, ou pelo menos atenta à aparição e aos deslocamentos dos membros no campo visual, mostra-se, portanto, incapaz de os prever, durante este período. Não somente inexiste uma intuição primitiva e necessária do próprio corpo, sob todos os seus aspectos e em seu conjunto, como, de início, é de modo apenas muito parcial que se formam associações entre as diferentes impressões correspondentes a essa intuição.¹²⁷

Progressivamente, a criança reconhece e individualiza as partes do corpo, no entanto estas não serão imediatamente integradas em uma individualidade física, isto é, a princípio a criança trata seus próprios órgãos como se não pertencessem a seu próprio corpo, gradualmente ela será capaz de individualizá-los e em um momento posterior, visualizar seu corpo como uma unidade.

Jalley afirma que é possível identificar em Lacan, mais precisamente no livro *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*,¹²⁸ uma explanação sobre o estado pós-natal que lembra a descrição de Wallon, principalmente por se encontrarem ali termos de grande importância para a sua psicologia. Na sessão sobre o complexo de desmame Lacan observa que:

¹²⁵ Idem, ibidem, p. 138.

¹²⁶ Idem, ibidem, p. 138.

¹²⁷ WALLON, H. *Op. Cit.*, p. 181.

¹²⁸ LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia (1938)**.

O estudo do comportamento na primeira infância permite-nos afirmar que as sensações extero-, próprio- e interoceptivas não estão, após o décimo segundo mês, suficientemente coordenadas para que seja concluído o reconhecimento do corpo próprio, nem correlativamente a noção do que lhe é exterior.¹²⁹

Ainda nesta direção, Lacan descreve o papel de algumas sensações exteroceptivas nos primeiros interesses afetivos. Segundo ele:

Muito cedo, entretanto, certas sensações exteroceptivas se isolam esporadicamente em unidades de percepção. Esses elementos de objetos correspondem, como é de prever, aos primeiros interesses afetivos. Disso dão testemunho a precocidade e a eletividade das reações da criança diante da aproximação e da partida de pessoas que cuidam dela. É preciso, porém, mencionar à parte, como um fato de estrutura, a reação de interesse que a criança manifesta diante do rosto humano: ela é extremamente precoce, observando-se desde os primeiros dias e antes mesmo que as coordenações motoras dos olhos estejam concluídas.¹³⁰

Em relação a propriocepção, Lacan faz referência às sensações proprioceptivas da sucção e da prensão, podendo a última ser ativa ou passiva como no abraço materno. Posteriormente, ele menciona o caos das sensações interoceptivas.

A angústia, cujo protótipo surge na asfixia do nascimento, o frio, ligado à nudez do tegumento, e o mal-estar labiríntico a que corresponde a satisfação do acalanto, organizam, por sua tríade, o tom penoso da vida orgânica que, para os melhores observadores, domina os seis primeiros meses da vida do homem. Esses mal-estares primordiais têm todos a mesma causa: uma insuficiente adaptação à ruptura das condições do ambiente e de nutrição que constituem o equilíbrio parasitário da vida intra-uterina.¹³¹

E por fim, “[...] que a organização postural, tônica, equilibratória, peculiar à vida intra-uterina, sobrevive a esta”.¹³²

Todavia, apesar de Lacan “beber na fonte” teórica de Wallon, Jalley ressalta que o psicanalista francês utiliza estes empréstimos em uma perspectiva psicanalítica e, portanto, diferindo da psicologia walloniana. Esta diferença fica mais evidente quando Wallon desenvolve suas ideias sobre a experiência especular propriamente dita. O capítulo de *As origens do caráter na criança* dedicado a este tema é dividido em três partes. A primeira trata da “atitude dos animais diante do espelho”,¹³³ a segunda se refere à “criança diante da imagem especular de outrem”¹³⁴ e a terceira diz respeito à “criança diante de sua própria

¹²⁹ Idem, ibidem, p. 24 e 25.

¹³⁰ Idem, ibidem, p.25.

¹³¹ Idem, ibidem, p. 26

¹³² Idem, ibidem, p. 28.

¹³³ WALLON, H. *Op. Cit.*, p. 188.

¹³⁴ Idem, ibidem, p. 191.

imagem especular”.¹³⁵ Para Jalley, o fato de dividir a experiência especular infantil em dois registros, ou seja, ao separar a imagem do outro da imagem de si, Wallon se afasta da perspectiva lacaniana, dado que, para Lacan a experiência imaginária se dá a partir da identificação com a *imago* do duplo.

No momento em que a ilusão de realidade parece se completar, isto é, quando a criança começa a se voltar para alguém que é visto no espelho, a rir quando vê sua imagem e a olhar quando é chamada pelo nome, isto significa que “a criança vê, na sua frente, seu eu exteroceptivo como uma espécie de duplo material de seu eu proprioceptivo”.¹³⁶

Jalley explica que a imagem unificada do corpo em Wallon se dá por uma percepção externa cuja vivência permite ao sujeito se reconhecer como um corpo entre outros corpos. Consequentemente, “o sujeito realiza primitivamente sua unidade em termos de *Gestalt* visual, sob a forma de outro corpo, então”,¹³⁷ sendo esta etapa do duplo inevitável. Neste ponto, a autora reconhece uma aproximação entre Wallon e Lacan no que diz respeito à questão lacaniana:

[...] da identificação alienante característica da formação do eu em sua relação com a captação pela *imago* do duplo. Mas, diferentemente de Wallon, para quem a imagem especular apresenta à criança “seu” duplo, trata-se para Lacan do duplo da forma humana, em que se fundem e se opõem ao mesmo tempo o eu e o outro.¹³⁸

Para Lacan, a visão de sua imagem no espelho proporciona ao *infans* um domínio imaginário de seu corpo, a partir de uma exterioridade que leva o sujeito a se conceber como um outro que não ele mesmo. Esta operação, que é própria do ser humano em função da interferência da linguagem, é responsável por dar à criança um referencial de si, partindo da identificação com o que é visto. Contudo, ao mesmo tempo que identifica, que reconhece, há também um estranhamento, uma vez que a ilusão de completude é antagônica à vivência de despedaçamento – *corps morcelée* – em que se encontra a criança neste momento. Por fim, “[...] o caráter ilusório da “*imago* do duplo” comporta a inconsistência do outro tanto quanto a do eu. Esse “outro especular” para o qual a imagem reenvia o sujeito é indiferentemente o outro como eu e o eu como outro”.¹³⁹

¹³⁵ Idem, *ibidem*, p. 195.

¹³⁶ JALLEY, E. *Op. Cit.*, p. 145.

¹³⁷ Idem, *ibidem*, p. 146.

¹³⁸ Idem, *ibidem*, p. 146.

¹³⁹ Idem, *ibidem*, p. 187.

Ogilvie, em seu livro *Lacan: a formação do conceito de sujeito*,¹⁴⁰ aponta que a primeira análise do estágio do espelho o descreve como uma gênese do sujeito psicológico e o caracteriza como uma experiência e não como um conceito. A abordagem de Lacan sobre a vivência do bebê diante do espelho, apesar de retomar a antiga observação de Wallon, não se constitui como um complemento do que foi desenvolvido por este autor. Ogilvie comenta que Lacan “altera completamente a importância atribuída ao fenômeno em questão, e, portanto, a própria ideia da formação da personalidade”.¹⁴¹

Para Ogilvie, o artigo de Wallon manifesta que ao ser colocada diante do espelho “a criança se encontra diante de um problema de conhecimento e reconhecimento da realidade”.¹⁴² O objetivo do gestaltista com a experiência é de observar o momento em que a criança alcança o desenvolvimento cognitivo necessário para tomar consciência da realidade como ela é. Nesta visão, entende-se que há uma falha a ser superada por ela, ou seja, haveria na criança uma disfunção que a impede de atingir imediatamente o modo de conhecimento adulto. Desta forma, a

[...] concepção da formação psíquica permanece submetida a um finalismo que organiza o conjunto do desenvolvimento psíquico numa lenta escalada em direção ao conhecimento objetivo e à vida social, já legíveis em germe nas disposições infantis.¹⁴³

Logo, para Wallon a noção de corpo próprio consiste em uma psicogênese, ou melhor dizendo, haveria um processo evolutivo responsável pelo amadurecimento do psiquismo na criança. No momento em que esta é capaz de unificar o seu eu no espaço, verifica-se que ela vai gradativamente superando suas deficiências e alcançando, de acordo com Ogilvie, uma “relação adulta normal com sua própria realidade e com a realidade em geral”.¹⁴⁴

No entanto, Lacan interpreta este evento de uma maneira bem diferente. Segundo Ogilvie, Lacan entende que o confronto do *infans* com sua imagem refletida no espelho não resulta em “qualquer progresso no conhecimento, nem em qualquer maturação psicológica que permitisse ao sujeito unificar suas funções”.¹⁴⁵

O interesse da criança pela sua imagem no espelho já existe desde muito cedo e a psicologia se ocupa de saber se ela reconhece ou não esta imagem como sua. De acordo com

¹⁴⁰ OGILVIE, B. *Op. Cit.*.

¹⁴¹ Idem, *ibidem*, p.106.

¹⁴² Idem, *ibidem*, p.106.

¹⁴³ Idem, *ibidem*, p.106.

¹⁴⁴ Idem, *ibidem*, p.107.

¹⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 107.

Ogilvie, o *infans* ainda não sabe disso. Para ele, Lacan demonstra que o mais importante nesta vivência é o interesse que a criança manifesta por essa imagem refletida e o poder de estruturação que esta tem sobre o seu psiquismo. Isto é, neste experimento:

[...] o psicólogo só retém, finalmente, o seu resultado, o momento em que este se realizou num conhecimento (da natureza da imagem, de sua verdade derrisória de reflexo supostamente fiel); ao passo que Lacan se interessa pelo momento em que ele começa, quando a criança ainda não *sabe*, mas procura saber, e, mais precisamente, pelos efeitos produzidos nela pelo fato de se buscar uma imagem. Não é o que a criança faz [...] que interessa aqui ao psicanalista, mas o fato que o faça.¹⁴⁶

Segundo Ogilvie, o estágio do espelho não consiste em um simples estágio “destinado a ser superado, mas uma configuração insuperável”¹⁴⁷ e muito menos à experiência do espelho. O espelho, na verdade, marca o momento de uma primeira relação consigo mesmo que é inevitavelmente uma relação com o outro. Para o autor, o espelho, já em Wallon, pode ser compreendido como um termo genérico, isto é,

[...] é apenas um elemento entre “mil outros pontos de referência” suscetíveis de analogias e de assimilações. É todo e qualquer comportamento de um outro que lhe responda que desempenha aqui o papel de um espelho, e mesmo qualquer traço material que a criança deixe atrás de si, jato ou destroço, no qual ela se contemple como sendo autora.¹⁴⁸

¹⁴⁶ Idem, ibidem, p. 109.

¹⁴⁷ OGILVIE, B. *Op. Cit*, p. 112.

¹⁴⁸ Idem, ibidem, p.111.

CAPÍTULO II

O ESTATUTO DA PULSÃO DE OLHAR NA ORGANIZAÇÃO DO PSIQUISMO

Ao longo da obra freudiana, observa-se que a visão se faz presente em diversos momentos como algo que teria uma função organizadora. Neste capítulo pretende-se demonstrar que, para Freud, o psiquismo é efeito de marcas – traços mnêmicos – oriundos, dentre outras fontes, do sistema percepção consciência (*Pcpt-Cs*). Ficará evidente a predominância da percepção visual no processo de consolidação do armazenamento desses traços de memória e, conseqüentemente, a importância da pulsão de olhar neste processo.

Verifica-se que desde seu “Projeto para uma psicologia científica”,¹⁴⁹ de 1895, Freud já apontava um lugar de destaque para as impressões visuais na organização do psiquismo. Nesse trabalho, ele nos apresenta a primeira experiência de satisfação que pode ser compreendida como uma experiência mítica que se dará no campo escópico.

A experiência de satisfação é o que nos permite entender a questão do desejo na teoria freudiana. A partir de uma nomenclatura neurológica, ele nos explica que nossos neurônios, em função do princípio de inércia neurônica, têm uma tendência à descarga motora, a fim de aliviar as tensões internas. Todavia, para que esse objetivo seja alcançado é preciso que se diminua o estado de estimulação na fonte somática responsável pelo aumento dessas tensões. Isto quer dizer que não basta que haja uma descarga motora – “alteração interna (expressão das emoções, gritos, inervação vascular)”¹⁵⁰ – para que se produza uma sensação de alívio, dado que o estímulo endógeno persiste. Freud salienta a prematuridade do bebê humano em relação aos outros animais. O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover uma ação específica que resultará na redução das tensões. Essa condição marca o estado de desamparo fundamental de todo ser humano no início de sua vida.

Para Freud, a estimulação endógena responsável pelo aumento das tensões internas é da ordem de uma necessidade como a fome, por exemplo. Logo, quando um recém-nascido é tomado pela fome, ele chora e agita braços e pernas, mas este tipo de resposta motora é incapaz de promover a remoção do estímulo endógeno. Nesse momento, entra em jogo a ação específica anteriormente mencionada, isto é, a descarga motora, que para Freud tem a função

¹⁴⁹ FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol.I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹⁵⁰ Idem, *Ibidem*, p. 370.

secundária da comunicação, desperta a atenção de alguém no mundo externo e esta pessoa atenderá a este “apelo” alimentando o desamparado.

[...] este último fica em posição, por meio de dispositivos reflexos, de executar imediatamente no interior de seu corpo a atividade necessária para remover o estímulo endógeno. A totalidade do evento constitui então a experiência de satisfação, que tem as consequências mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo. Isso porque três coisas ocorrem no sistema: (1) efetua-se uma descarga permanente e, assim, elimina-se a urgência que causou desprazer [...]; (2) produz-se no pallium a catexização de um (ou de vários) neurônio que corresponde à percepção do objeto; e (3) em outros pontos do pallium chegam as informações sobre a descarga do movimento reflexo liberado que se segue à ação específica. Estabelece-se então uma facilitação entre as catexias e os neurônios nucleares.¹⁵¹

Esta vivência de satisfação primária cria o que Freud chama de facilitação. Quando o bebê é acometido pela repetição da urgência de um estado de necessidade, um impulso psíquico irromperá no psiquismo e perseguirá a imagem mnêmica do objeto, a fim de reinvesti-la e, conseqüentemente, reproduzir a satisfação original. Freud chama este estado de urgência que irrompe no psiquismo de desejo. Quinet destaca o caráter visual dessa experiência e comenta que a mesma “estabelece a associação das duas representações: a do objeto percebido e a da necessidade.”¹⁵² Para Garcia-Roza:

A vivência de satisfação gera uma facilitação entre duas imagens-lembrança (a do objeto de satisfação e a da descarga pela ação específica). Com o reaparecimento do impulso (*Drang*) ou do estado de desejo (*Wunschzutand*), o investimento passa para as duas imagens-lembrança, reativando-as.¹⁵³

Freud não tem dúvidas de que na primeira instância o que ocorre é em tudo semelhante à percepção original. Entretanto, como o objeto real não está presente, o que se tem, na verdade, é uma alucinação e “a consequência inevitável é o desapontamento”.¹⁵⁴

Segundo Quinet:

O objeto da primeira experiência de satisfação, quando se constitui o desejo, corresponde à *Coisa* que não poderá nunca mais ser alcançada, nem na alucinação do desejo, nem na realidade. Entretanto, ela teria sido hipoteticamente vista e experimentada. Só temos dela suas coordenadas simbólicas fornecidas pelos traços significantes dessa experiência construída logicamente por Freud, na qual a coisa é escópica e a percepção em questão é a visual.¹⁵⁵

¹⁵¹ Idem, *Ibidem*, p. 370.

¹⁵² QUINET, A. *Op. Cit.*, p. 55.

¹⁵³ GARCIA-ROZA L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana 2. A interpretação do sonho.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 183.

¹⁵⁴ FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). p. 372.

¹⁵⁵ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.54.

No capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos*.¹⁵⁶ Freud retoma a questão da experiência de satisfação, contudo, dando maior ênfase à definição de desejo. De acordo com ele,

Um componente essencial dessa vivência de satisfação é uma percepção específica (a da nutrição, em nosso exemplo) cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade. Em decorrência do vínculo assim estabelecido, na próxima vez em que essa necessidade for despertada, surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção. Nada nos impede de presumir que tenha havido um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho era realmente percorrido, isto é, em que o desejo terminava em alucinação. Logo, o objetivo dessa primeira atividade psíquica era produzir uma “identidade perceptiva” — uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade.¹⁵⁷

Pode-se notar que, primeiramente, “o desejar estava ligado ao alucinar”,¹⁵⁸ buscava-se uma identidade perceptiva, ou melhor dizendo, o psiquismo repetia a percepção à qual estava ligada a satisfação da necessidade. Posteriormente, o caráter alucinatório do desejo dá lugar a uma atividade mais elaborada do psiquismo, permitindo que este distinga entre o objeto alucinado e o objeto real percebido. A associação entre a representação do objeto percebido e a da necessidade evidenciam o caráter visual desta experiência de satisfação, logo, a percepção em questão é visual, já que se busca encontrar a imagem mnêmica do objeto. O que está em jogo, portanto, é algo do campo escópico.

Em 1915, no artigo metapsicológico “O Inconsciente”,¹⁵⁹ mais uma vez, Freud expõe o papel das impressões visuais no psiquismo. Ele destaca que o campo visual tem grande importância na aquisição da linguagem, no registro simbólico e, conseqüentemente, na estruturação do Ics.

No apêndice C deste artigo, encontra-se um pequeno recorte do trabalho de Freud sobre as *afasias*. Neste trecho somos conduzidos a um esquema hipotético do funcionamento neurológico do que ele chama de aparelho fonador ou de linguagem. Tenta-se explicar aí os distúrbios da fala a partir da estrutura desse aparelho. Em outras palavras, Freud tenta compreender a função do aparelho de linguagem a partir do estudo das perturbações da fala.

¹⁵⁶ FREUD, S. A interpretação dos sonhos. Parte II (1900 – 1901). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol.V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹⁵⁷ Idem, ibidem, p. 594, 595.

¹⁵⁸ GARCIA-ROZA L. *Op. Cit*, p.184.

¹⁵⁹ FREUD, S. O inconsciente.[1915]. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

A “palavra” é considerada a unidade da função da fala e corresponde a um complicado processo associativo no qual estão reunidos elementos de origem visual, acústica e cinestésica. No caso de uma patologia, as lesões orgânicas do aparelho de linguagem seriam efeito de uma desintegração da fala de acordo com o modo como essa combinação foi feita.

Para Freud, a associação visual de um objeto está ligada à imagem sonora da palavra que o designa.

Uma palavra, contudo, adquire seu significado ligando-se a uma ‘apresentação do objeto’, pelo menos se nos restringirmos a uma consideração de substantivos. A própria apresentação do objeto é, mais uma vez, um complexo de associações formado por uma grande variedade de apresentações visuais, acústicas, táteis, cenestésicas e outras. A filosofia nos diz que uma apresentação do objeto consiste simplesmente nisso — que a aparência de haver uma ‘coisa’ de cujos vários ‘atributos’ essas impressões dos sentidos dão testemunho, deve-se meramente ao fato de que, ao enumerarmos as impressões sensoriais que recebemos de um objeto, pressupomos a possibilidade de haver grande número de outras impressões na mesma cadeia de associações (J.S. Mill). Assim, a apresentação do objeto é vista como uma apresentação que não é fechada e quase como uma que não pode ser fechada, enquanto que a apresentação da palavra é vista como algo fechado, muito embora capaz de extensão.¹⁶⁰

Fica evidente que, para Freud, o vínculo da linguagem com o mundo dos objetos sensíveis passa pela visão e pela fala. Para ele:

Aprendemos a falar associando uma ‘imagem sonora de uma palavra’ com um ‘sentido da inervação de uma palavra’. [...] Aprendemos a falar a língua de outras pessoas esforçando-nos por tornar a imagem sonora produzida por nós tão igual quanto possível à que deu lugar à nossa inervação da fala. [...] Aprendemos a soletrar ligando as imagens visuais das letras a novas imagens sonoras, as quais, por seu lado, devem nos lembrar os sons verbais que já conhecemos. [...] Aprendemos a ler ligando, de acordo com certas regras, a sucessão de apresentações inervatórias e motoras da palavra que recebemos quando enunciamos letras isoladas, de modo a fazer surgir novas apresentações motoras da palavra.¹⁶¹

Anos depois, Freud escreve, em *O ego e o id* que todo o nosso conhecimento está ligado à consciência e que só podemos tomar conhecimento de algo que é inconsciente transformando-o em consciente. A consciência é a *superfície* do aparelho mental e “todas as percepções que são recebidas de fora (percepções sensoriais) e de dentro — o que chamamos de sensações e sentimentos — são *Cs.* desde o início”.¹⁶² A partir daí, começa-se a traçar uma distinção entre uma ideia do *Ics* e uma do *Pcs*. O que determina a distinção entre elas reside

¹⁶⁰ Idem, ibidem, p. 218, 219.

¹⁶¹ Idem, ibidem, p.221.

¹⁶² FREUD, S. O Ego e o Id (1923). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.33**

no fato de que “a primeira é efetuada em algum material que permanece desconhecido, enquanto que a última (a do *Pcs.*) é, além disso, colocada em vinculação com representações verbais.”¹⁶³ Estas representações verbais são resíduos de recordações e foram, anteriormente, percepções, podendo tornar-se conscientes de novo como todos os resíduos mnêmicos. Freud afirma “que somente algo que já foi uma percepção *Cs.* pode tornar-se consciente, e que qualquer coisa proveniente de dentro (à parte os sentimentos) que procure tornar-se consciente deve tentar transformar-se em percepções externas”,¹⁶⁴ no entanto isto só é possível através dos traços mnêmicos.

Freud pensa os resíduos mnêmicos como se compusessem sistemas diretamente relacionados ao sistema *Pcpt-Cs*, de modo que os investimentos de tais resíduos podem estender-se facilmente do interior até os elementos deste último sistema.

No caso dos resíduos verbais, estes derivam primariamente das percepções auditivas, sendo assim o sistema *Pcs* possui, neste caso, uma fonte sensória especial.

Os componentes visuais das representações verbais são secundários, adquiridos mediante a leitura, e podem, inicialmente, ser deixados de lado, e assim também as imagens motoras das palavras, que, exceto para os surdos-mudos, desempenham o papel de indicações auxiliares. Em essência, uma palavra é, em última análise, o resíduo mnêmico de uma palavra que foi ouvida. Não devemos deixar-nos levar, talvez visando à simplificação, a esquecer a importância dos resíduos mnêmicos ópticos, quando o são de coisas, ou a negar que seja possível os processos de pensamento tornarem-se conscientes mediante uma reversão a resíduos visuais, e que, em muitas pessoas, este parece ser o método favorito. O estudo dos sonhos e das fantasias pré-conscientes [...] pode dar-nos uma ideia do caráter especial deste pensar visual. Aprendemos que o que nele se torna consciente é, via de regra, apenas o tema geral concreto do pensamento, e que as revelações entre os diversos elementos desse tema geral, que é o que caracteriza especialmente os pensamentos, não podem receber expressão visual. Pensar em figuras, portanto, é apenas uma forma muito incompleta de tornar-se consciente. De certa maneira, também, ela se situa mais perto dos processos inconscientes do que o pensar em palavras, sendo inquestionavelmente mais antiga que o último, tanto ontogenética quanto filogeneticamente.¹⁶⁵

Pode-se concluir que apesar de os resíduos mnêmicos ópticos serem fundamentais para as imagens dos sonhos, há uma primazia da palavra ouvida. A expressão visual de um pensamento, para Freud, está muito mais próxima do *Ics* do que as representações verbais.

No que se refere à relação das percepções internas com o eu, Freud se questiona se é possível se referir à totalidade da consciência ao sistema *Pcpt-Cs*. Ele explica que as sensações e sentimentos relativos à série prazer-desprazer constituem os melhores exemplos daquilo que é produzido pelas percepções internas.

¹⁶³ Idem, ibidem, p.34.

¹⁶⁴ Idem, ibidem, p.34.

¹⁶⁵ Idem, ibidem, p. 34 e 35.

São mais primordiais, mais elementares, do que as percepções que surgem externamente, e podem ocorrer mesmo quando a consciência se acha enevoada. [...] Essas sensações são multilocalizadas, como as percepções externas; podem vir simultaneamente de diferentes lugares e terem assim qualidades diferentes ou mesmo opostas.¹⁶⁶

As sensações de natureza desprazerosa impulsionam o psiquismo no sentido da mudança e da descarga. É em função disso que o desprazer é entendido como uma elevação na excitação, no investimento energético, enquanto o prazer consiste na redução.

Tanto as percepções externas como as internas se originam do corpo e são responsáveis pela formação do ego como imagem corporal.

Para Freud, o eu é a parte do isso “que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do *Pcpt.-Cs.*; em certo sentido, é uma extensão da diferenciação de superfície”.¹⁶⁷ Ou melhor dizendo, o eu não é uma instância totalmente separada do isso e é tratado por Freud como “a projeção de uma superfície”.¹⁶⁸ A percepção desempenha no eu o mesmo papel que a pulsão representa no isso. O autor aponta ainda que a importância funcional do eu reside no fato deste ser, geralmente, o responsável pelo acesso à motilidade.

Um outro fator, além da influência do sistema *Pcpt.*, parece ter desempenhado papel em ocasionar a formação do ego e sua diferenciação a partir do id. O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas. Ele é *visto* como qualquer outro objeto, mas, *ao tato*, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna. A psicofisiologia examinou plenamente a maneira pela qual o próprio corpo de uma pessoa chega à sua posição especial entre outros objetos no mundo da percepção. Também a dor parece desempenhar um papel no processo, e a maneira pela qual obtemos novo conhecimento de nossos órgãos durante as doenças dolorosas constitui talvez um modelo da maneira pela qual em geral chegamos à ideia de nosso corpo.¹⁶⁹

Essa afirmação favorece o entendimento do eu como, fundamentalmente, corporal. Ele é derivado de sensações corporais. Contudo, sua relação com o mundo externo também é de grande importância para sua constituição, pois grande parte de sua própria forma é adquirida a partir dessa interação com o mundo externo – “[...] visões vistas, sons ouvidos, corpos tocados, prazeres explorados”.¹⁷⁰

Vale ressaltar também que a superfície a que Freud se refere, nada mais é do que a superfície do corpo próprio, o que significa dizer que o eu é uma projeção desse corpo. Sobre

¹⁶⁶ Idem, *ibidem*, p.35.

¹⁶⁷ FREUD, S. O Ego e o Id (1923). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.38.

¹⁶⁸ Idem, *ibidem*, p. 39.

¹⁶⁹ Idem, *ibidem*, p. 39.

¹⁷⁰ GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.379.

o isso, podemos destacar uma nota de rodapé acrescentada em 1927 cujo conteúdo explicita ainda mais essa questão. Nela Freud declara que:

[...] o ego em última análise deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam da superfície do corpo. Ele pode ser assim encarado como uma projeção mental da superfície do corpo além de representar as superfícies do aparelho mental¹⁷¹.

A visão volta a entrar em cena em 1930 com a concepção freudiana de recalque orgânico que é desenvolvida em duas grandes notas de rodapé localizadas na quarta parte de “O mal-estar na civilização”.¹⁷² Ali, Freud sustenta a teoria de que a adoção da postura ereta foi responsável pela desvalorização dos estímulos olfativos e do isolamento do período menstrual, conseqüentemente, a atividade sexual deixa de ser marcada por ciclos periódicos e passa a ter uma continuidade. Esta continuidade se dá pela predominância dos estímulos visuais, já que a posição bípede permitiu que os órgãos genitais se mantivessem constantemente visíveis. Deste modo, a passagem de uma excitação sexual periódica marcada pelos ciclos biológicos da reprodução para uma continuidade da excitação sexual derivada de uma maior influência dos estímulos visuais. No ser humano, a sexualidade passa então a ser regida, predominantemente, pela visão.

O processo da civilização ter-se-ia assim estabelecido com a adoção pelo homem de uma postura ereta. A partir desse ponto, a cadeia de acontecimentos teria prosseguido, passando pela desvalorização dos estímulos olfativos e o isolamento do período menstrual até a época em que os estímulos visuais se tornaram predominantes e os órgãos genitais ficaram visíveis, e, daí para continuidade da excitação sexual, a fundação da família e, assim, para o limiar da civilização humana.¹⁷³

Segundo Jorge, apesar de pouco explorada, essa noção tem grande importância, pois permite compreender por que a sexualidade humana está ligada à pulsão e não ao instinto. O autor explica que o recalque orgânico, para Freud, seria uma espécie de “momento zero do recalque”,¹⁷⁴ sendo responsável pela fundação da espécie humana.

Como mencionado anteriormente, para Freud, a aquisição da postura ereta por parte do homem provocou um afastamento entre os órgãos sexuais e os olfativos. Conseqüentemente,

¹⁷¹ FREUD, S. O Ego e o Id (1923). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 39.

¹⁷² FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹⁷³ Idem, ibidem, p. 105.

¹⁷⁴ JORGE, M.A.C. Do instinto à pulsão: Freud e o recalque orgânico. In: ALBERTI, S. e RIBEIRO, M.A.C (org.) **Retorno do exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004, p.105.

o olfato perde sua função de “mediador das trocas sexuais entre indivíduos da espécie”¹⁷⁵ e a visão passa a ocupar este lugar. A hipótese de Jorge é que essa mudança foi responsável pela passagem do instinto para a pulsão. “O estímulo sexual, que era periódico, cíclico e diretamente vinculado aos períodos férteis, passou a ser um estímulo constante, uma vez que os estímulos visuais são contínuos.”¹⁷⁶ Dessa maneira, Freud comprova que a sexualidade humana não se reduz à reprodução.

Se no instinto ocorre o predomínio dos órgãos do olfato, na pulsão todo corpo passa a entrar em ação como um verdadeiro corpo erógeno – e, mais especificamente, as bordas orificiais (as quais, segundo Freud, sediam as fontes da pulsão), por meio das quais se produzem privilegiadamente as trocas entre o sujeito e o Outro. Tudo se passou como se após a perda do olfato como elemento predominante, todos os orifícios corporais tivessem sido acionados na produção da excitação sexual e o corpo, outrora regido pelo sentido unívoco do olfato, tivesse passado a explorar a complexa pluralidade que lhe é inerente.¹⁷⁷

Fica claro até esse ponto que, para Freud, a visão é extremamente importante na constituição do psiquismo, entretanto, a seguir, será possível compreender que a grande virada freudiana se dá ao ligar a visão à libido, pois é o que permitirá demonstrar que o campo escópico não pode ser reduzido à visão.

2.1 A pulsão escópica em Freud

Durante alguns anos Freud reuniu elementos que, futuramente, constituiriam sua teoria da sexualidade. Alguns de seus trabalhos eram permeados pela ideia da sexualidade como causadora das psicose neuroses. As observações clínicas indicavam que experiências de caráter traumático que eram recalçadas referiam-se a conflitos de ordem sexual que se configuravam como fator desencadeador dessas neuroses. Contudo, é em 1905¹⁷⁸ que a temática da sexualidade aparece como ponto central em sua obra. É nesse trabalho que ele admite, sem hesitação, a sexualidade infantil como algo essencial em sua teoria.

Observa-se que em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” Freud descreve dois tipos de pulsões parciais: a pulsão escópica e a pulsão de crueldade. Todavia, diferentemente da pulsão de crueldade, não há uma fase do desenvolvimento libidinal que corresponda à

¹⁷⁵ Idem, *ibidem*, p.106.

¹⁷⁶ Idem, *ibidem*, p.106

¹⁷⁷ Idem, *ibidem*, p. 106.

¹⁷⁸ FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

pulsão escópica. Esta se manifestaria de forma espontânea na infância e se perpetuaria na fase adulta. Freud considera ainda que há uma tendência perversa na criança pequena que a leva a não ter pudor quanto a deixar visível seus órgãos sexuais ou “a ver a genitália de outrem”.¹⁷⁹ É durante a micção ou a defecação que elas encontram a oportunidade de visualizarem os órgãos sexuais do outro e, dessa maneira, se tornam espectadoras assíduas, *voyeurs* dos atos fisiológicos. Segundo Quinet, “trata-se ainda da força da pulsão escópica, sob o título de pulsão de saber, que está presente nas pesquisas da criança e nas suas tentativas de decifrar o enigma da sexualidade”.¹⁸⁰

O caráter perverso da sexualidade infantil fica mais evidente quando ela nos é apresentada por Freud como perversa polimorfa, utilizando o chuchar como exemplo de manifestação dessa sexualidade. Para ele, nessa prática sexual a satisfação da pulsão se dá no próprio corpo, ou seja, ela é autoerótica. “O ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado. No caso mais simples, portanto, a satisfação é encontrada mediante a sucção rítmica de alguma parte da pele ou da mucosa.”¹⁸¹ Freud complementa afirmando que:

No chuchar ou sugar com leite já podemos observar as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo *autoerótica*, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma *zona erógena*. Antecipemos que essas características são válidas também para a maioria das outras atividades das pulsões sexuais infantis.¹⁸²

A partir do chuchar Freud pôde caracterizar o que é uma zona erógena. Ele a define como “uma parte da pele ou mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade”.¹⁸³ Freud afirma que há zonas erógenas predestinadas, porém qualquer parte da pele ou da membrana mucosa pode assumir esse papel. Sendo assim, a qualidade do estímulo tem maior relação com a produção da sensação prazerosa do que com a natureza da parte envolvida. Ele destaca também que os cuidados destinados ao bebê como carícias, embalos e beijos são fonte de intensa excitação dessas zonas erógenas. Esses cuidados originados de um cuidador que, usualmente, é a mãe são responsáveis pelo despertar da pulsão sexual na criança.

¹⁷⁹ QUINET, A. Op. Cit., p.72.

¹⁸⁰ Idem, *ibidem*, p.72.

¹⁸¹ FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), p. 171.

¹⁸² Idem, *Ibidem* p. 172.

¹⁸³ Idem, *Ibidem* p. 172.

Neste ensaio, é destacada também a importância do tocar e do olhar para a sexualidade humana. O contato com a pele do objeto sexual é uma fonte de prazer e produz um afluxo de excitação renovada.

O mesmo se dá com o ver, que em última análise deriva do tocar. A impressão visual continua a ser o caminho mais frequente pelo qual se desperta a excitação libidinosa, e é com a transitabilidade desse caminho [...] que conta a seleção natural ao fazer com que o objeto sexual se desenvolva em termos de beleza. A progressiva ocultação do corpo advinda com a civilização mantém desperta a curiosidade sexual, que ambiciona completar o objeto sexual através da revelação das partes ocultas.¹⁸⁴

Nota-se que, apesar do campo escópico não possuir um lugar específico, como uma fase, no desenvolvimento pulsional do sujeito, Freud valoriza sua importância para a sexualidade, visto que entende que as impressões visuais são responsáveis por despertar a excitação libidinosa.

Ainda nesta direção, Quinet comenta que a pulsão escópica é responsável por tornar uma pessoa um objeto excitante e charmoso, ou seja, é a pulsão escópica que faz com que alguém possua o atributo da beleza, do belo. “O objeto olhar, enquanto objeto pulsional, surge no campo de desejo do sujeito, vestindo de beleza aquele que causa o desejo do sujeito. A beleza é o produto da sublimação da pulsão escópica que, de início, só se dirige aos órgãos sexuais.”¹⁸⁵ Isso pode ser articulado à indagação sobre o belo feita por Freud em uma nota de rodapé acrescentada nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”:

Parece-me indubitável que o conceito do “belo” enraíze-se na excitação sexual e, em sua origem, significava aquilo que estimula sexualmente. Relaciona-se a isso o fato de jamais podermos achar realmente “belos” os próprios genitais, cuja visão provoca a mais intensa excitação sexual.¹⁸⁶

Na mesma nota, o editor da versão inglesa das obras completas acrescenta que, no texto original em alemão, Freud esclarece que a palavra alemã *Reiz* é utilizada de forma técnica como “estímulo”, no entanto, na língua corrente, teria o sentido de “encanto”, “atrativo”. A relação entre a visualização dos órgãos genitais e a excitação sexual estaria no fato de ao cobrirmos o corpo por exigência da civilização, mantemos desperta a curiosidade sexual. Consequentemente, teríamos a ambição de “completar o objeto sexual através da

¹⁸⁴ Idem, Ibidem, p. 148 e 149.

¹⁸⁵ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.71.

¹⁸⁶ FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), p.148.

revelação das partes ocultas”.¹⁸⁷ Para Quinet, “a excitação sexual provocada pela vista dos órgãos sexuais é transformada em beleza e transferida para o corpo inteiro, uma vez que o falo e sua falta estão velados [...]. O véu do sexo espalha a beleza pelo resto do corpo.”¹⁸⁸

Quinet faz referência a uma “função háptica do olho”¹⁸⁹, isto é, haveria no olho uma propriedade do tocar. Isso se justifica pelo fato de Freud associar ao tocar a libido do olho enquanto zona erógena. Haveria uma relação de servidão entre o tocar e o olhar.

Assim como a atividade sexual de ver é derivada do tato, o desejo despertado pela visão do corpo escondido pelas roupas impele o sujeito a desnudar o outro, ou seja, ver é tocar e o ato de tocar é guiado pelo olho que erogeiniza o corpo. [...] O tocar é, por conseguinte, comandado pela função háptica do olho, ou melhor, é pelo fato da função háptica do olho existir (sua propriedade do tocar) que o empuxo-ao-toque pode advir, seja para sentir o contato do corpo do outro, seja para arrancar o véu que esconde a sua nudez. A mão é serva do olhar, sendo guiada pela pulsão que parte do olho, zona erógena mais distante do *outro* desejado. Mas a pulsão o aproxima e o abraça, pois o háptico está sempre ativo na atividade óptica de ver.¹⁹⁰

Como não há, para a psicanálise, uma “pulsão de tocar”, o impulso de tocar o outro deve ser entendido, portanto, como efeito da pulsão escópica. “Olhar com as mãos e apalpar com os olhos são duas faces da mesma pulsão”.¹⁹¹ Quinet afirma categoricamente que:

O óptico não existe sem o háptico. O campo visual é, na verdade, um espaço “táctilo-ótico”, onde o háptico se presentifica como força sempre presente através da pressão (*Drang*) pulsional. A ciência física promulga a função ótica e nada quer saber do háptico em questão no olhar. É a psicanálise que pode dar-lhe sua razão a partir do conceito de pulsão.¹⁹²

Nesta direção, encontramos nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” a primeira formalização freudiana sobre o conceito de pulsão. Freud o apresenta como “o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico”.¹⁹³ Ele afirma ainda que “a fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico”.¹⁹⁴

¹⁸⁷ Idem, *ibidem*, 148.

¹⁸⁸ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.73.

¹⁸⁹ Idem, *ibidem*, p. 75.

¹⁹⁰ Idem, *ibidem*, p. 75.

¹⁹¹ Idem, *ibidem*, p. 75.

¹⁹² Idem, *ibidem*, p. 75.

¹⁹³ FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), p. 159.

¹⁹⁴ Idem, *Ibidem*, p. 159.

Em relação às excitações pulsionais de natureza sexual, Freud entende que o órgão que é fonte desta excitação é uma zona erógena e, em função disso, se comporta “em todos os aspectos como uma parte do aparelho sexual”¹⁹⁵, ou ainda, como um substituto da genitália. Este é o caso, por exemplo, da escopofilia e do exibicionismo que serão mais bem trabalhados por ele em 1915.

Cinco anos depois, em um trabalho sobre a perturbação psicogênica da visão,¹⁹⁶ o psicanalista vienense nos apresenta a cegueira histérica como um tipo de perturbação visual psicogênica. No histórico “a ideia de estar cego surge [...] espontaneamente”,¹⁹⁷ ela não é consequência da sugestão ou insinuação de um hipnotizador .

Experiências apropriadas demonstraram que as pessoas que ficam cegas em virtude de histeria veem, não obstante, em certo sentido, mas não completamente. As excitações no olho cego podem provocar certas consequências psíquicas (por exemplo, podem provocar emoções) muito embora não se tornem conscientes. Assim, as pessoas histericamente cegas só o são no que diz respeito à consciência; em seu inconsciente elas veem. São observações como estas que nos levam a distinguir os processos mentais conscientes dos inconscientes.¹⁹⁸

Assim, a cegueira histérica não é consequência de uma ideia autossugestiva de que não se pode enxergar, mas sim “de uma dissociação entre os processos inconscientes e conscientes no ato de ver”.¹⁹⁹ O inconsciente em psicanálise é um conceito dinâmico que consiste em uma luta de forças que dá origem à vida psíquica. As perturbações psicogênicas da visão resultam do recalque de ideias relacionadas à visão, isto é, “essas ideias entraram em oposição a outras ideias, mais poderosas”,²⁰⁰ localizadas no eu e submetidas ao recalque. A oposição entre essas ideias é uma expressão do conflito entre as diversas pulsões, mais especificamente, as pulsões sexuais que buscam a obtenção da satisfação sexual e as pulsões do eu, cujo objetivo é a autopreservação do indivíduo.

As pulsões sexuais e as do eu têm, em geral, os mesmos órgãos e sistemas de órgãos a seu serviço. Assim como em 1905, Freud esclarece que “o prazer sexual não está apenas ligado à função dos genitais”.²⁰¹ Os olhos, por exemplo,

¹⁹⁵ Idem, *Ibidem*, p. 160

¹⁹⁶ FREUD, S. A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol.XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹⁹⁷ Idem, *Ibidem*, p. 221.

¹⁹⁸ Idem, *Ibidem*, p. 221, 222.

¹⁹⁹ Idem, *Ibidem*, p. 222.

²⁰⁰ Idem, *Ibidem*, p.223.

²⁰¹ Idem, *Ibidem*, p.225.

[...] percebem não só alterações no mundo externo, que são importantes para a preservação da vida, como também as características dos objetos que os fazem ser escolhidos como objetos de amor — seus encantos.²⁰²

Quanto mais próxima é a relação de um órgão, que possui uma função dupla desta espécie, com uma das principais pulsões, mais ele se afasta da outra. Este processo conduzirá a consequências patológicas, se as pulsões fundamentais estiverem desunidas ou se o Eu mantiver o recalque da pulsão em questão. No caso dos olhos e da visão, Freud supõe que quando a pulsão sexual faz uso do olhar para a obtenção de prazer sexual, esta última pode atrair para si a ação defensiva das pulsões do eu “em consequência de suas exigências excessivas, de maneira que as ideias através das quais seus desejos se expressam sucumbam”²⁰³ ao recalque e sejam impedidas de se tornarem conscientes. O eu “se recusa a ver outra coisa qualquer, agora que o interesse sexual em ver se tornou tão predominante.”²⁰⁴

Nota-se que, para Freud, a pulsão sexual, ao tomar o olhar como seu objeto e ao aumentar a excitabilidade sobre este, faz com que o eu desencadeie o processo de recalque que resultará em uma perturbação na função do órgão. Assim sendo, o olho é considerado um órgão que está a serviço de dois senhores: pulsões do eu e pulsões sexuais. No primeiro caso ele serviria para a apreensão da realidade e no segundo teria uma função sexual. De acordo com Assoun, este “*mano a mano*” entre pulsões do eu e pulsões sexuais tem como efeito a perda da mestria do eu sobre o órgão. “Portanto: nada de imagens!”²⁰⁵

Observamos, deste modo, que o olhar está para além da visão. A descoberta freudiana em relação à histeria consiste no fato de que para que uma determinada sintomatologia se apresente, não é necessário que haja uma lesão orgânica. Com a cegueira histérica, isto não é diferente. Segundo Queiroz,

[...] na cegueira histérica, a visão fica comprometida, mesmo sem lesão do órgão, e a capacidade de olhar e registrar o objeto olhado permanece intacta. A histérica mostrou a existência de uma “outra anatomia”, diferente daquela estudada pela medicina. Assim, a fim de compreender a função do olhar, não basta deter a atenção na função visual ou no órgão que a sustenta.²⁰⁶

²⁰² Idem, Ibidem, p. 225.

²⁰³ Idem, Ibidem, p. 226.

²⁰⁴ Idem, Ibidem, p. 226.

²⁰⁵ ASSOUN, P. L. **A voz e o olhar: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999, p.25.

²⁰⁶ QUEIROZ, E. F. **Trama do olhar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p.50.

Em 1915, Freud escreve sobre a pulsão e seus destinos. Ele inicia esse trabalho afirmando que “a pulsão seria um estímulo para o psíquico”.²⁰⁷ Todavia, o autor salienta que pulsão e estímulo psíquico não são equivalentes. Há outros estímulos, além dos estímulos pulsionais, que se comportam de maneira muito mais semelhante a dos estímulos fisiológicos. “Por exemplo, uma luz forte que atinge o olho não é um estímulo pulsional, estaremos diante de um estímulo pulsional quando algo como a secura da membrana mucosa da faringe ou a irritação da membrana mucosa do estômago se fizer perceptível.”²⁰⁸

Posteriormente, Freud traça uma distinção entre um estímulo pulsional e outro estímulo (fisiológico) que atua no psiquismo. “O estímulo pulsional não provém do mundo externo, mas do próprio interior do organismo”.²⁰⁹ Por essa razão, não há como fugir dele. A pulsão é uma força constante e, para Freud, o melhor termo para caracterizá-la é necessidade. Aquilo que interrompe momentaneamente uma necessidade é denominado satisfação. “Essa satisfação só pode ser alcançada por meio de uma alteração direcionada e específica (isto é, adequada) da fonte interna emissora de estímulos.”²¹⁰

A seguir, Freud nos apresenta a pulsão “como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo.”²¹¹ Essa conceituação é muito semelhante à apresentada por ele em 1905, contudo, em 1915, o autor complementa sua concepção sobre o tema descrevendo os quatro componentes da pulsão que são: a pressão [*Drang*], meta [*Ziel*], objeto [*Objekt*] e fonte [*Quelle*].

A pressão de uma pulsão é “a soma da força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa. [...] é uma propriedade universal das pulsões, na verdade, sua própria essência”.²¹² A fonte é o “processo somático que ocorre num órgão ou em uma parte do corpo, e do qual se origina um estímulo representado na vida psíquica pela pulsão”.²¹³ Quinet explica que:

Essa fonte corresponde à zona erógena, que sempre tem uma estrutura de borda: a boca, o ouvido, o ânus, certo, mas também o buraco do ouvido, e o olho com a fenda palpebral. A fonte diferencia as pulsões conforme o seu ponto de partida em oral,

²⁰⁷ FREUD, S. Pulsões e destinos das pulsões. (1915). In: **Obras Psicológicas de Sigmund Freud**, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p.146.

²⁰⁸ Idem, Ibidem, p. 146.

²⁰⁹ Idem, Ibidem, p. 146.

²¹⁰ Idem, Ibidem, p. 146.

²¹¹ Idem, Ibidem, p.148.

²¹² Idem, Ibidem, p.148.

²¹³ Idem, Ibidem, p.149.

anal, invocante e escópica. A fonte da pulsão lhe confere sempre um caráter parcial, mesmo quando as pulsões se reúnem sob a primazia fálica do complexo de Édipo.²¹⁴

Já o objeto da pulsão é:

aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta. Ele é o elemento mais variável na pulsão e não está originariamente vinculado a ela, sendo-lhe apenas acrescentado em razão de sua aptidão para propiciar a satisfação. Em rigor, não é preciso ser um outro [*fremd*] objeto externo, pode muito bem ser uma parte de nosso próprio corpo. Ao longo dos diversos destinos que a pulsão conhecerá, o objeto poderá ser substituído por intermináveis outros objetos, e a esse movimento de deslocamento da pulsão caberão os mais significativos papéis²¹⁵

No caso pulsão escópica o objeto em questão é o olhar. Entretanto, isto só será formalizado com Lacan, que a partir do estudo das psicoses passa a compreender o olhar e a voz como objetos. Na psicose, ambos se apresentam no campo perceptivo na forma de alucinação, visto que a não inscrição do Nome-do-Pai tem como resultado “o retorno da libido no campo perceptivo”.²¹⁶ Para Quinet o olhar:

[...] é também o mais distante da materialidade empírica que os objetos das pulsões oral e anal podem adotar. É o objeto menos palpável, fugaz, sem substância, que vem eludir a castração do sujeito, devido à satisfação que proporciona no campo visual. Freud verifica a particularidade de transmissão da excitação à coisa olhada dessa zona erógena, o olho, mas seu conceito de objeto, cujo modelo é o seio, não lhe permite avançar para pensar em um objeto como o olhar, sem base em uma função da ordem de uma necessidade. Necessitamos comer e evacuar, mas não necessitamos olhar. Ele está para além da necessidade e, como vimos, da demanda. O investimento pulsional tem como característica a força constante que busca incessantemente a satisfação, o gozo do olhar, o prazer do olho. É essa “transmissão da excitação” (ou do charme) que confere o caráter belo e desejante ao olhado, aquilo que é enlaçado pela pulsão. Lá onde pousam os olhos, acende-se o belo e arde o olhar.²¹⁷

Por último, “a meta de uma pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser obtida quando o estado de estimulação presente na fonte pulsional é suspenso”.²¹⁸

De acordo com Quinet, o olho deve ser considerado o paradigma da fonte da pulsão escópica, dado que “transmite a ‘qualidade especial de excitação’ (Reiz) ao objeto”.²¹⁹ O

²¹⁴ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.78.

²¹⁵ FREUD, S. Pulsões e destinos das pulsões. (1915), p.149.

²¹⁶ MILLER, J. A. A invenção de uma escritura do gozo no Real. In: **Silet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.257.

²¹⁷ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.78 e 79.

²¹⁸ FREUD, S. Pulsões e destinos das pulsões. (1915), p. 148.

²¹⁹ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.78.

olho, como zona erógena, possui a capacidade de investir à distância no objeto sexual, o que particulariza o campo da pulsão escópica.

Pois o prazer do olho não se obtém pelo toque direto, como é o caso das outras zonas erógenas (boca, ânus), mas por esse investimento imperceptível que transforma o outro nesse objeto algamático. Eis por que Freud destaca que o olho é a zona erógena mais distante do objeto sexual. No caso da pulsão escópica, a satisfação se dissocia do prazer do órgão-olho. Sua satisfação, evidentemente, não é obtida pela manipulação dos olhos, mas sua propriedade háptica de tocar de longe o objeto sexual, desnudá-lo e comê-lo com os olhos. Quando a satisfação se manifesta no próprio órgão, os olhos, surgem perturbações visuais ou somáticas.²²⁰

Nesta perspectiva, os destinos possíveis para a pulsão são: a transformação em seu contrário, o redirecionamento contra a própria pessoa, o recalque e a sublimação. Ao buscar um destes caminhos, o objetivo da pulsão seria alcançar a satisfação que será sempre parcial.

Tratando-se da transformação em seu contrário, isso se dá a partir da mudança da passividade para a atividade representada pelos pares de opostos sadismo/masochismo e voyeurismo/exibicionismo; ou da inversão de seu conteúdo, cujo único representante seria a transformação do amor em ódio.

Em relação à transformação em seu contrário, apenas a meta da pulsão é afetada, ou seja, a finalidade ativa (torturar, ficar olhando) é substituída pela finalidade passiva (ser torturado, ser olhado).

É possível verificar que tanto a transformação em seu contrário quanto o redirecionamento à própria pessoa concedem à pulsão uma estrutura gramatical, isto é, “as vozes ativa, reflexiva e passiva do verbo implicado pela pulsão”.²²¹ Para Quinet, “esses destinos permitem apreender que a pulsão é estruturada como uma gramática, como demonstram os pares sadismo e masochismo e voyeurismo e exibicionismo”.²²²

Ao investigar o par de opostos voyeurismo/exibicionismo, Freud nos apresenta as seguintes etapas: (a) o ato de ficar olhando como uma atividade dirigida para um objeto estranho; (b) “a renúncia ao objeto”,²²³ direcionado-se a pulsão escópica para uma parte do próprio corpo e, em vista disso, “a transformação da atividade em passividade e a escolha de uma nova meta: a de ser olhado”;²²⁴ (c) a introdução de um novo sujeito diante do qual a pessoa se mostra com a finalidade de ser olhada por ele. Segundo Freud, isto deixa claro que a meta ativa é anterior à meta passiva, ou seja, que o olhar precede o ser olhado. No entanto,

²²⁰ Idem, ibidem, p. 78.

²²¹ Idem, ibidem, p. 75.

²²² Idem, ibidem, p. 75.

²²³ FREUD, S. Pulsões e destinos das pulsões. (1915), p.154.

²²⁴ Idem, Ibidem, p.154.

Freud reconhece que no caso da pulsão escópica há uma fase anterior àquela apresentada na proposição (a), pois, no início de sua atividade, esta pulsão é autoerótica, ou melhor, ela encontra seu objeto no próprio corpo. “Só mais tarde ela se vê levada (pela via da comparação) a trocar esse objeto por um objeto análogo situado em um outro corpo”.²²⁵

Freud se detém ainda a explicar a diferença entre autoerotismo e narcisismo a partir da relação deste com a pulsão escópica. De acordo com o autor, ficamos habituados a nomear narcisismo a fase inicial do desenvolvimento do eu, durante a qual suas pulsões sexuais encontram satisfação autoerótica. No entanto, a etapa preliminar da pulsão escópica, na qual o próprio corpo é tomado como objeto, já pertence ao narcisismo.

A pulsão de olhar ativa se desenvolve justamente pelo abandono dessa etapa narcísica, ao passo que a pulsão de olhar passiva manterá o objeto narcísico aprisionado. De modo análogo, pode-se dizer que a transformação do sadismo em masoquismo significaria um retorno ao objeto narcísico. Em ambos os casos, por meio da identificação, o sujeito narcísico sofre uma troca por outro Eu estranho. Portanto, [...] chegamos a uma visão mais abrangente, segundo a qual os destinos pulsionais de redirecionamento contra o próprio Eu e de transformação de atividade em passividade são dependentes da organização narcísica do Eu e carregam a marca dessa fase.²²⁶

No que concerne à pulsão de olhar os pares de opostos sadismo/masoquismo e voyeurismo/exibicionismo são as pulsões mais conhecidas entre as que se manifestam de maneira ambivalente.

Os outros componentes que mais tarde farão parte da função sexual ainda não estão suficientemente acessíveis à análise para que possamos discuti-los. Todavia, podemos genericamente dizer que as atividades desses componentes são autoeróticas, isto é, que o aspecto mais importante é o órgão do qual emanam, sua fonte, e que o objeto é o elemento de menor importância, e quase sempre coincide com o próprio órgão. Entretanto, no caso da pulsão de olhar, cabe mencionar que, embora o objeto também seja, no início, uma parte do próprio corpo, ele não é o olho em si. Também no sadismo, a fonte orgânica, que provavelmente é a musculatura capaz de exercer uma ação, remete diretamente a outro objeto, ainda que situado no próprio corpo. Assim, entre as pulsões auto-eróticas, o papel da fonte orgânica é tão decisivo que, seguindo a hipótese muito sugestiva de P. Federn (1913) e L. Jekels (1913), diremos que a forma e a função do órgão é que decidirão a respeito da atividade e passividade da meta pulsional.²²⁷

Quinet acredita que a ambivalência do sujeito diante da pulsão escópica – atividade/passividade, olhar/ser olhado – “nada mais é do que o nome freudiano para a

²²⁵ Idem, Ibidem, p.154.

²²⁶ Idem, Ibidem, p.156.

²²⁷ Idem, Ibidem, p. 156.

esquize ou divisão do sujeito entre o olhar e a visão”,²²⁸ como será visto no capítulo 3. Ele complementa ainda, concluindo:

[...] que a reversão em seu oposto e o retorno sobre o próprio indivíduo são menos “destinos” da pulsão escópica, propriamente falando, do que seus constituintes: ver e ser visto estão simultaneamente sempre presentes. Dito de outra forma, são destinos constituintes e não excludentes entre si. Quanto aos dois outros destinos, o recalque e a sublimação, o primeiro se encontra no fundamento dos sintomas neuróticos (a cegueira histérica, a timidez, a ruminação obsessiva, a crença e a superstição etc.) e o segundo é responsável pelo efeito de beleza, a curiosidade e o desejo de saber, [...].²²⁹

2.2 O esboço de uma teoria da percepção em Lacan

Observando-se as formulações freudianas, nota-se que há uma indistinção entre o ver e o olhar. Lacan, com seu retorno a Freud, busca marcar uma diferença e determinar que o olho não é mais o lugar da visão, e sim da libido, enquanto o olhar passa a ocupar o lugar de objeto da pulsão escópica. Contudo, isto não se dá de forma imediata. É a linguagem e, de acordo com Miller, mais precisamente, a dedução da presença “do resto da articulação significante”,²³⁰ que possibilita à Lacan introduzir o olhar como objeto.

Para Miller é possível encontrar em Lacan o esboço de uma teoria da percepção, mais especificamente, na primeira parte do texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”.²³¹ Neste trabalho, encontra-se a distinção entre o *perceptum* e o *percepiens*. A lógica em torno destes dois termos consistiria no primeiro como o percebido e o segundo como aquele que percebe, isto é, segundo Miller, ao superpormos “os dois termos à relação do significante e do sujeito”²³² observa-se que Lacan “concebe o *perceptum* como o significante e o *percepiens* como sujeito”.²³³ A teoria da percepção seria, deste modo, reinterpretada por este “a partir do sujeito como efeito do significante, o que desembocaria no *percepiens* como efeito do *perceptum*. Sobre isto, Quinet afirma que:

A partir da psicanálise, Lacan demonstra que o fenômeno já está estruturado pelas relações significantes que constituem o registro simbólico. O *perceptum* tem uma estrutura de linguagem, pois está na dependência do *percepiens* que habita em um universo do discurso estruturador de uma realidade e suas percepções. Não há um

²²⁸ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.77.

²²⁹ Idem, *ibidem*, p. 77.

²³⁰ MILLER, J. A. *Op. Cit.*, p.254.

²³¹ LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1955-56). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

²³² MILLER, J. A. *Op. Cit.*, p.255.

²³³ Idem, *ibidem*, p.255.

momento da percepção que estaria fora da estrutura simbólica da linguagem: os dados “puros”, sem consciência sem significado, também já se encontram presos aos significantes.²³⁴

Vemos então como nas teorizações lacanianas os fenômenos registrados na psicose propiciaram também questionamentos relevantes sobre a percepção. Em um interrogatório psiquiátrico o sujeito é questionado sobre o *perceptum*, ou seja, Lacan sustenta que a alucinação é “um *perceptum* sem objeto”²³⁵ e é sobre isso que o sujeito é convocado a falar. Miller conclui, mais uma vez, que: “então, no que se refere à percepção, Lacan propõe que o *perceptum* vem primeiro e que o *percepiens* é um sujeito efeito do significante”.²³⁶ Logo, se o *percepiens* é um sujeito efeito do significante, ele não deve ser entendido como uma função unitária, isto significa que “o *percepiens* do ouvido não é o mesmo que o *percepiens* da visão”.²³⁷

Para Quinet, “Lacan retoma a orientação fenomenológica que inclui o sujeito no fenômeno”,²³⁸ todavia este sujeito não é unificado nem objetivado, ele é “dividido e determinado pela linguagem”.²³⁹ O efeito disso é que o percebido, por ser “estruturado por significantes que organizam a experiência em si”²⁴⁰ não é unívoco.

Além disso, ou melhor, por isso mesmo, a equivocidade própria ao significante repercute na realidade percebida pelo sujeito. Quando há um desregramento ao nível simbólico, o próprio fenômeno é afetado e os objetos da realidade vacilam: as escotomizações, as alucinações e o crepúsculo do mundo schreberiano são a prova disso. A estrutura da linguagem condiciona tanto o sujeito que percebe quanto o que ele percebe – eis por que o *percepiens* é dividido e o *perceptum* é equívoco.²⁴¹

Deste modo, o que se conclui das formulações lacanianas é que assim como o inconsciente, a percepção também não escapa dos efeitos da linguagem. “O sujeito não pode estar ausente da percepção, pois [...] não pode se excluir da experiência, mesmo quando a consciência que a significa, supostamente, lá não está”.²⁴²

²³⁴ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.38.

²³⁵ LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1955-56), p.538.

²³⁶ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.38.

²³⁷ MILLER, J.A. *Op. Cit.*, p.256.

²³⁸ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.38.

²³⁹ Idem, *ibidem*, p. 38.

²⁴⁰ Idem, *ibidem*, p. 38.

²⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 38.

²⁴² Idem, *ibidem*, p. 39.

2.3 Lacan e o circuito pulsional

Ao teorizar sobre a pulsão, Lacan, como apontado anteriormente, destaca o vai e vem em que toda pulsão se estrutura. Segundo ele, isso é perfeitamente observável em Freud, visto que este fundamenta que todo percurso pulsional não pode ser separado “de sua reversão fundamental, do caráter circular do percurso da pulsão”.²⁴³ Como revela o par voyeurismo/exibicionismo com o ver e ser visto; e o par sadismo/masiquismo com o torturar e ser torturado.

Logo, o percurso da pulsão, conforme Lacan, se dá como uma dialética do arco e da flecha, isto é, a satisfação pulsional se dá em seu movimento de circundar o objeto, deste modo a satisfação consiste em contornar o objeto e não em alcançá-lo. “Se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que, em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito”.²⁴⁴

Segundo Lacan, o fato de a pulsão ser uma força constante, “uma tensão estacionária”²⁴⁵ impede sua assimilação como uma função biológica. A consequência disso é que ela “se presentifica de modo contínuo e independente do meio externo”.²⁴⁶ De acordo com o autor, o que está em jogo em uma pulsão não é a pressão de uma necessidade como a fome e a sede, mas uma excitação interna. E é essa tensão interna que fará com que a pulsão se desloque em busca de satisfação. Entretanto, para Lacan, no caso da pulsão oral, por exemplo, não é o alimento, ou sua lembrança, ou até mesmo a lembrança do seio da mãe, que importa, já que, para Freud seja qual for o objeto em torno do qual gira a pulsão, não é através deste que ela se satisfaz. Lacan diz que, na verdade, a pulsão contorna o objeto, objeto *a*, causa do desejo, o que significa que nenhum alimento satisfará a pulsão, somente o contorno do objeto faltante.²⁴⁷

No caso da pulsão escópica, como afirma Quinet, o olhar é o objeto *a* contornado por ela.

[...] É o objeto cortado do corpo do Outro no nível do olho, sua fonte; é o olhar que o sujeito teria um dia encontrado e logo perdido. Olhar da mãe, perdido desde

²⁴³ LACAN, J. **O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 74.

²⁴⁴ Idem, *ibidem*, p. 170.

²⁴⁵ LACAN, J. **O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**, p. 171.

²⁴⁶ JORGE, M. A. C. *Op. Cit.*, p.51.

²⁴⁷ LACAN, J. **O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**, p.160.

sempre, e no lugar do qual a pulsão encontrará objetos substitutos para se satisfazer sem jamais reencontrá-lo.

O olhar é um dos suportes do desejo do Outro, e é justamente por estar perdido que o sujeito parte em busca dele. A cada vez que a pulsão escópica completa seu circuito, o olhar se torna presente e o sujeito se torna olhar: ele presentifica o olhar enquanto objeto *a*, na medida em que ele mesmo, situado no anel da pulsão, é identificado com esse objeto olhar para o Outro, perdido, escapado, subtraído do Outro.²⁴⁸

O vai e vem da pulsão, descrito por Lacan, que resulta neste “passeio” em torno do objeto, nesta circularidade, evidencia que o que está em jogo é um “se fazer”. No caso da pulsão escópica, “se fazer ver”. “Enquanto o *se fazer ver* se indica por uma flecha que verdadeiramente retorna para o sujeito, o *se fazer ouvir* vai para o outro”.²⁴⁹

Para Lacan, “o olhar é esse objeto perdido e repentinamente reencontrado na conflagração da vergonha, pela introdução do outro.”²⁵⁰ E o que sujeito procura ver é o objeto enquanto ausência. Em relação a isso, Quinet utiliza como exemplo a timidez histórica, cuja raiz se localiza no recalque do voyeurismo que teria como consequência “o nada quero ver”. Sua continuidade acarretaria o recalque do exibicionismo e, em decorrência disto, o “não querer ser visto” da timidez.

Em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* Lacan apresenta a pulsão escópica como paradigma da pulsão sexual. Nota-se que esta compreensão está calcada no fato de Freud atribuir às impressões visuais uma função de despertador, ou seja, Freud valoriza a importância do campo escópico para sexualidade por entender que o mesmo é responsável por despertar a excitação libidínica.

Outro aspecto importante é que, diferentemente da pulsão oral e da pulsão anal que, como explica Quinet, “se escoram na demanda”,²⁵¹ a pulsão escópica não se apoia em uma função fisiológica, isto é, não está ligada a uma necessidade. Sendo assim, “não temos necessidade de ver e sim desejo de olhar. Um olhar não se pede – ele comparece ou não”.²⁵²

²⁴⁸ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.38.

²⁴⁹ Idem, *ibidem*, p.184.

²⁵⁰ LACAN, J. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*, p. 173.

²⁵¹ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.69.

²⁵² Idem, *ibidem*, p. 69.

CAPÍTULO III

A ESQUIZE DO OLHO E DO OLHAR: ENTRE A VISÃO E A PULSÃO

“Por experiência, o cego sabia que a escada só estaria iluminada enquanto se ouvisse o mecanismo do contador automático, por isso ia premindo o disparador de cada vez que se fazia silêncio. A luz, esta luz, para ele, tornara-se em ruído.”

José Saramago²⁵³

O olhar na perspectiva lacaniana é tratado a partir da compreensão de que existe uma cisão que se dá entre o que é da ordem da percepção e o que é do campo pulsional. Desta maneira, o olhar se apresenta como objeto da pulsão, enquanto o olho é o suporte da visão. Lacan demonstrará que para olhar não é preciso ver. Na verdade, manter o olho separado do olhar é o que garante a emergência do último.

No primeiro capítulo foi apresentado o olhar em sua vertente especular, isto é, operando no conceito freudiano de narcisismo e no estágio do espelho de Lacan. Nessas abordagens, ele marca a presença de uma alteridade que se apresentará como a condição para a formação do eu e, conseqüentemente, para a constituição do Sujeito. Já no presente capítulo o enfoque será na vertente pulsional, buscando aprofundar a compreensão do olhar como objeto da pulsão, cuja marca principal seria a ruptura entre a dimensão do ver e a do olhar.

3.1 A esquizo do olho e do olhar

Para tratar da esquizo do olho e do olhar, Lacan recorre à obra de Merleau-Ponty, *O visível e o invisível*. Nesta obra, que foi publicada postumamente, Lacan reconhece um avanço em relação ao que foi proposto por Merleau-Ponty na *Fenomenologia da percepção* que segundo ele, nos remeteria “[...] a uma regulação da forma à qual preside não apenas o olho do sujeito, mas toda a sua espera, seu movimento, sua tomada, sua emoção muscular e também visceral – em suma, sua presença constitutiva, mostrada no que chamam sua intencionalidade total”.²⁵⁴ Trata-se aqui de uma fenomenologia do visual, na qual o que se leva em conta é a questão da percepção.

²⁵³ SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.20.

²⁵⁴ LACAN, J. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*, p. 73.

Em *O visível e o invisível*, Lacan observa um passo para além de uma fenomenologia do visual, visto que Merleau-Ponty nos conduzirá por vias que “[...] chegam a reencontrar [...] a dependência do visível em relação àquilo que nos põe sob o olho do que vê”,²⁵⁵ ou seja, estaríamos submetidos a esse *ver* de modo original. Esse olho a que o filósofo francês se refere é entendido por Lacan como uma metáfora daquilo que é nomeado por ele de “*empuxo* daquele que vê”.²⁵⁶

Lacan segue explicando que, neste trabalho, Merleau-Ponty nos indica a preexistência de um olhar, vindo do mundo exterior, que nos observa em toda parte. Entretanto, ele esclarece que não é entre o visível e o invisível que esta experiência se dá: “A esquizo que nos interessa não é a distância que se prende ao fato de haver formas impostas pelo mundo e para as quais a intencionalidade da experiência fenomenológica nos dirige [...]”.²⁵⁷ Lacan entende que há uma esquizo, isto é, uma ruptura entre o olho e o olhar e é nesta divisão que se manifesta a pulsão no campo escópico, sendo nisto que a psicanálise se detém.

Em nossa relação às coisas, tal como constituída pela via da visão e ordenada nas figuras da representação, algo escorrega, passa, se transmite, de piso para piso, para ser sempre nisso em certo grau elidido – é isso que se chama o olhar.²⁵⁸

Dando continuidade à distinção da função do olho e a do olhar, Lacan utiliza o fenômeno do mimetismo como um exemplo daquilo que ele denomina função da *mancha*, da qual nos ocuparemos melhor mais adiante. Ele entende que a preciosidade deste exemplo consiste no fato de que há um “*dado-a-ver*” que preexiste ao que é visto. Essa afirmação se aproxima da tese de Merleau-Ponty de que há um onividente universal. Para este autor, “somos seres olhados no espetáculo do mundo”.²⁵⁹ Lacan complementa salientando que o espetáculo do mundo se apresenta como *onivoyeur*, como algo que tudo vê.

É mesmo essa fantasia que encontramos na perspectiva platônica, de um ser absoluto ao qual é transferida a qualidade de onividente. Ao nível mesmo da experiência fenomenal da contemplação, esse lado *onivoyeur* desponta na satisfação de uma mulher em se saber olhada, com a condição de que não se mostre isso a ela.²⁶⁰

²⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 73.

²⁵⁶ Idem, *ibidem*, p. 73.

²⁵⁷ Idem, *ibidem*, p. 74.

²⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 74.

²⁵⁹ Idem, *ibidem*, p. 76.

²⁶⁰ Idem, *ibidem*, p.76.

Em sua argumentação, Lacan defende que “o mundo é *onivoyeur*, mas não é exibicionista – ele não provoca o nosso olhar. Quando começa a provocá-lo, então começa também o sentimento de estranheza”.²⁶¹ Isso se confirma pelo fato de sermos olhados, mas não percebermos esse olhar sobre nós; entretanto, a paranoia, por exemplo, aponta que se é olhado por todos os lados.

Nesta direção, Assoun indica a função de súplica amorosa do olhar. Ao afirmar que “quando, no amor, peço um olhar, o que há de fundamentalmente insatisfatório e sempre falhado, é que - *Jamais me olhas lá de onde te vejo*”,²⁶² Lacan, de acordo com Assoun, estaria apontando “a dialética do visível e da ausência implicada numa teoria do amor”.²⁶³ O autor explica que ao demandar o olhar daquele que ama, o sujeito buscaria o apaziguamento de seu próprio olhar, isto significa que, se o Outro dirige seu olhar para o sujeito, este, portanto sairia do lugar de quem “visa” a este Outro. Esta seria a razão da queixa por não ser olhado. “[...] Quando o Outro é “visível” (afetando meu olho), ele não me olha; quando ele me olha, torna-se “invisível” (no sentido do “homem invisível”, que se desmaterializa)”.²⁶⁴ Para Assoun,

O olhar é aquilo que, “escondido por detrás do mundo”, olha desde sempre – desde a “Criação” – o sujeito que, expondo-se a existir no visível, se expõe ao olhar invisível e vazio, o da noite e da morte.

Isto esclarece este paradoxo de que a ausência da visão possa liberar a potência do olhar: a experiência da cegueira que atualiza o desejo. O olhar coloca em presença do desejo esperado do Outro. Experiência buscada do reconhecimento: é bem conhecido que o desprezo se paga com o fato de recusar ao outro seu olhar, suprimindo-o do seu desejo: “tu não és nada para mim”, aí está a pior significação que o outro pode dar ao olhar que implora.²⁶⁵

De acordo com Quinet, “a preexistência de um olhar é correlativa do dado-a-ver do sujeito”,²⁶⁶ já que, a pulsão nos indica que há um olhar dirigido para o sujeito contudo, este olhar não é percebido, pois se encontra fora de nosso campo de visão. Pode-se pensar com isso que há uma cisão entre o olhar e a visão. Enquanto o primeiro é considerado por Lacan um objeto, o segundo pertence ao campo da percepção. Este olhar não pode ser visto, pois, se pensarmos no esquema ótico, não se pode ver uma imagem do ponto onde ela nos olha, pois

²⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 76

²⁶² LACAN, J. **O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**, p. 100.

²⁶³ ASSOUN, P.L. *Op. Cit.*, p. 99.

²⁶⁴ Idem, *ibidem*, p. 99.

²⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 101.

²⁶⁶ QUINET, A. O olhar como um objeto. In: FELDSTEIN et al. (org.). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.155.

ela está excluída de nosso campo de visão. Para Lacan, “eu só vejo de um ponto, mas em minha existência sou olhado de toda parte”.²⁶⁷

O olhar é, então, entendido por Lacan como uma espécie de súplica e, nesta direção, se apresenta como demanda ao Outro. O psicanalista francês segue sua teorização apresentando e confrontando a ideia, defendida por Sartre em *O ser e o nada*, de que o olhar é algo que nos surpreende, dado que:

[...] muda todas as perspectivas, as linhas de força, de um mundo que ele ordena, do ponto de nada onde estou, numa espécie raiada dos organismos. Lugar da relação do eu, sujeito nadificante, ao que me rodeia, o olhar teria aí um tal privilégio que chegaria até a me fazer escotomizar, eu que olho, o olho daquele que me olha como objeto. No que estou sob o olhar, escreve Sartre, não vejo mais o olho que me olha, e se vejo esse olho, é então esse olhar que desaparece.²⁶⁸

Lacan discorda deste posicionamento de Sartre, pois julga que o olhar é, na verdade, imaginado no campo do Outro, sendo a presença do Outro enquanto tal. Segundo Lacan, o olhar não dá sustentação ao sujeito em sua relação com outro sujeito, na verdade, ele o aniquila. Ribeiro ressalta que:

Enquanto Sartre parte de uma situação intersubjetiva, que pressupõe a existência de um outro que me olha, para chegar a uma transcendência, a uma presença “transmundana” do outro, Lacan parte de uma pressuposição de uma falta estrutural no Outro para chegar a uma função do olhar como objeto no mundo, porém puntiforme, evanescente, inapreensível, com o qual se confunde a própria falência do sujeito, ele também inapreensível e puntiforme.²⁶⁹

Sobre isto, Lacan se questiona se não seria na relação de sujeito a sujeito que poderíamos compreender do que se trata o olhar. Para ele, o olhar diz respeito ao sujeito enquanto sustentando uma função desejante e não o sujeito objetificado. O autor se pergunta ainda, se o fato de o desejo se instaurar no domínio da *voyura* não é, justamente, aquilo que permite que ele seja escamoteado.²⁷⁰

Este questionamento nos leva a repensar a questão da imagem como aquilo que escamoteia o olhar e precipita o desejo. O olhar marca a diferença entre o que é do imaginário e o que é do real, sendo o real definido por Quinet como o lugar onde a pulsão se manifesta,

²⁶⁷ LACAN, J. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*, p. 73.

²⁶⁸ Idem, *ibidem*, p. 83.

²⁶⁹ RIBEIRO, P. C. A metafísica do olhar: breve interlocução com Sartre, Merleau-Ponty e Lacan. In: *Agora*, Rio de Janeiro, v. XV, n.2, jul/dez 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v15n2/a06v15n2.pdf> Acesso em: 12/11/2012.

²⁷⁰ LACAN, J. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*, p. 84.

enquanto o imaginário é composto pelo “que nos é mostrado e o que vemos”,²⁷¹ enfatizando assim o papel do estádio do espelho.

Nosso mundo visível é um mundo de imagens cuja geometria é dada pelo espelho e o estádio do espelho é, de fato, um protótipo da ordem imaginária, em que o eu é constituído em relação [...] ao semelhante, que está no centro da constituição do eu. O semelhante é protótipo do estádio do espelho, e sua ordem especular é marcada como ordem escópica, que vem a ser o registro do olhar.²⁷²

O autor assinala ainda que “mesmo no registro do imaginário, a realidade é estruturada pela ordem simbólica, já que tanto o simbólico quanto o imaginário a compõem”.²⁷³ Ele marca ainda uma diferenciação entre real e realidade, sendo o primeiro definido como algo que não compõe a realidade, estando excluído dela. Já a realidade, além de estruturada pela ordem simbólica, “não é a mesma para cada pessoa”.²⁷⁴

Pode-se entender que o imaginário lacaniano é marcado por um determinismo da imagem, tendo o campo visual como o lugar de encontro dos objetos perceptíveis. Para Lacan, a imagem exerce no homem um efeito estruturante, além de possibilitar a representação e a formação do aparelho psíquico. Como explica Queiroz, é:

[...] Por isso que cada vez que produz uma falha na dimensão simbólica, alguma coisa da ordem do imaginário é convocada para remediá-lo, ou seja, a toda falha simbólica responde uma inserção imaginária. Essa pode ser considerada a premissa básica que sustenta toda a lógica do estádio do espelho e faz dele um fenômeno fundamental para a organização do eu do sujeito.²⁷⁵

Logo, a imagem narcísica constituída pelo estádio do espelho encobre o desejo. Para Quinet, “a visão do outro é um engodo, pois a imagem visível escamoteia o objeto invisível que lhe confere seu deslumbramento e seu charme agalmático”.²⁷⁶ Assim, notamos que para se desvelar o objeto olhar, é preciso que entre em cena aquilo que Lacan chama de “mancha”, visto que ela denota a presença do objeto. A mancha, ao contrário do espelho, não teria a função de encobrir ou ocultar.

²⁷¹ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.156.

²⁷² Idem, *Ibidem*, p.156.

²⁷³ Idem, *Ibidem*, p. 161.

²⁷⁴ Idem, *Ibidem*, p. 161.

²⁷⁵ QUEIROZ, E. F. *Op. Cit.*, p.95.

²⁷⁶ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.135.

3.1.1 A mancha

Ao fazer referência à função da mancha, Lacan utiliza como exemplo o fenômeno do mimetismo. O autor esclarece que apesar de, por muitas vezes, este fenômeno ser explicado como tendo a finalidade adaptativa, esta não é a sua opinião. Lacan compartilha da opinião de Roger Caillois, que faz uma crítica ao caráter adaptativo dado ao mimetismo. Para este autor, as manifestações miméticas não podem ser consideradas como um recurso, uma defesa que garantiria a sobrevivência de um organismo frente a seus predadores. Na verdade, como afirma Lacan, “seus pretensos efeitos seletivos são anulados pela constatação de que encontramos no estômago dos pássaros, predadores em particular, tanto insetos ditos protegidos por algum mimetismo quanto insetos que não o são”.²⁷⁷ O que se nota é que o mimetismo revela uma separação entre o órgão e a função, o que faz com que haja uma proximidade entre este fenômeno e o olhar enquanto objeto da pulsão escópica, uma vez que este se separa do olho – órgão.

O problema mais radical do mimetismo é saber se precisamos atribuí-lo a alguma potência formativa do organismo mesmo que nos mostra suas manifestações. Para que isto seja legítimo, seria preciso que pudéssemos conceber por quais circuitos essa força poderia se encontrar em posição de dominar não apenas a forma mesma do corpo mimetizado, mas sua relação com o meio, dentro do qual trata-se de que ou bem se distingue dele, ou bem, pelo contrário, com ele se confunde.²⁷⁸

No mimetismo a função se separa do órgão e é isso que permite aproximá-lo do objeto da pulsão, mais precisamente do olhar enquanto objeto da pulsão escópica, que se destaca, se separa do olho. O autor conclui seu exame das manifestações miméticas citando os ocelos como algo que pode marcar esta distinção entre a função do olho e a do olhar, já que parecem impressionar tanto possíveis predadores quanto supostas vítimas que venham a olhá-los. O psicanalista francês se questiona “se eles impressionam por sua semelhança com olhos ou se, ao contrário, os olhos é que fascinam por sua relação com a forma dos ocelos”.²⁷⁹ Este exemplo, marca a presença de um dado-a-ver, que indicaria que assim como os ocelos, o olho também atrairia o olhar do outro. De acordo com Assoun, “o ocelo só faz ‘imitar’ o olho: ele revela sua função formal de armadilha para o olhar”.²⁸⁰

²⁷⁷ LACAN, J. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*, p.74.

²⁷⁸ Idem, *ibidem*, p. 75.

²⁷⁹ Idem, *ibidem*, p.75.

²⁸⁰ P.L. ASSOUN, *Op. Cit.*, p. 100.

Nesta direção, a mancha também marca este dado-a-ver que preexiste ao visto. Ragland explica que, ao tratar desta questão, Lacan “formulou o argumento de que algo existe antes do objeto *a* tomado como objeto de desejo. Este algo é o vazio pensado como ponto de escuridão, ponto onde não vemos o mundo tão claramente quanto pensamos.”²⁸¹

Para Lacan, a função da mancha deve ser identificada à do olhar, ela marca a presença do olhar como objeto e, em razão disso, se apresenta em “todos os estágios da constituição do mundo no campo escópico”.²⁸² Pode-se perceber, então, que a função da mancha e do olhar consiste tanto no comando do campo escópico, quanto em algo que escapa sempre da reflexividade, do “revirar-se em si mesmo”²⁸³ encontrado nessa “forma da visão que se satisfaz consigo mesma imaginando-se como consciência”.²⁸⁴ Isto é, o sujeito se imagina como “*vendo-se ver-se*”,²⁸⁵ entretanto, isto nada mais é do que um escamoteamento da função do olhar, pois este, por sua vez, demonstra que somos vistos. Se pensarmos, mais uma vez, no esquema óptico que demonstra que há um olhar que não pode ser visto, já que não é possível se ver uma imagem do ponto em que a mesma nos olha, isto ficará mais evidente. Trata-se de uma impossibilidade óptica, só sendo possível na fantasia.

De acordo com Lacan, o mesmo ocorre no narcisismo, cujo resultado seria uma imagem plena e unificada que levaria o sujeito à contemplação. Ao contemplar esta imagem unificada o sujeito sabe que é olhado, mas isto não deve ser mostrado a ele – a imagem especular o protege, vela o olhar. Ao notar o olhar do Outro sobre si, o sujeito terá despertado o desejo, assim como a angústia, sendo nessa direção que Lacan apresenta o olhar como objeto *a*. Sobre isso, Quinet explica que:

A função da mancha, na medida em que pode ser o modelo do olhar, é incompatível com a manutenção da imagem narcísica que o vela. A mancha tem a função de tornar aparente o ponto do olhar em que o sujeito não é quem olha, mas é olhado: o olhar surge quando o sujeito se torna mancha no quadro. [...] A mancha revela o ponto do olhar como ponto agalmático, como, por exemplo, uma pinta no rosto, sinal de beleza, [...]. Ou, então, ela aparece como ponto de angústia que aniquila o sujeito. [...] A mancha, diferentemente do espelho, longe de velar, denuncia a presença do objeto *a* no campo escópico. O espelho o vela, a mancha o revela. Pois como ela representa o olhar, ela mancha o espetáculo narcisista no mundo, desvendando o segredo da imagem.²⁸⁶

²⁸¹ ELLIE, R. A relação entre a voz e o olhar. In: FELDSTEIN et al. (org.). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.205.

²⁸² LACAN, J. **O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**, p.75.

²⁸³ Idem, *ibidem*, p.75.

²⁸⁴ Idem, *ibidem*, p.75.

²⁸⁵ Idem, *ibidem*, p.75.

²⁸⁶ QUINET, A. *Op. Cit.*, p. 137.

Assim, pode ser identificado em Lacan uma topografia visual onde o olho representaria “a gramática visual, geométrica, e o olhar, a posição do sujeito dentro dessa gramática. Enquanto o olho representa o *cogito* – o sujeito consciente, autorreflexivo e o sujeito do conhecimento – o olhar representa [...] o sujeito do inconsciente e do desejo”.²⁸⁷ Observa-se que o olho é marcado como lugar de inclusividade, já o olhar caracteriza-se pela falta, pela separação, visto que no campo escópico o olhar simboliza o objeto *a*, como veremos melhor a seguir.

3.2 O olhar como objeto *a*.

Se retornarmos ao circuito pulsional, perceberemos que o olhar é o objeto contornado pela pulsão escópica. O que faz deste olhar objeto é o fato de o olho ser atravessado pela libido e, portanto, tornar-se uma zona erógena. Segundo Quinet, sentir-se submetido ao olhar do outro pode despertar tanto o desejo quanto a angústia e ambos são manifestações do objeto *a*.

[...] é o olhar que o sujeito teria um dia encontrado e logo perdido. Olhar da mãe, perdido desde sempre, e no lugar do qual a pulsão encontrará objetos substitutos para se satisfazer sem jamais reencontrá-lo. [...] O olhar é um dos suportes do desejo do Outro, e é justamente por estar perdido que o sujeito parte em busca dele. A cada vez que a pulsão completa seu circuito, o olhar se torna presente e o sujeito se torna olhar: ele presentifica o olhar enquanto objeto *a*, na medida em que ele mesmo, situado no anel da pulsão, é identificado com esse objeto olhar para o Outro, perdido, escapado, subtraído do Outro.”²⁸⁸

Lacan comenta que para que o sujeito se constitua é preciso que ele se separe do objeto *a* como órgão. “Isso vale como símbolo da falta, quer dizer, do falo, não como tal, mas como fazendo falta”.²⁸⁹ Essa afirmação enfatiza mais uma vez a esquizo do olho e do olhar apresentada por Lacan. Para Queiroz, o olhar como objeto *a* não assegura a possibilidade da visão, pois “é o que não deixa ver o objeto porque o atravessa”.²⁹⁰

Ainda em relação ao sujeito, Lacan afirma que:

O olhar pode conter em si mesmo o objeto *a* da álgebra lacaniana, no qual o sujeito vem fracassar, e o que especifica o campo escópico e engendra a satisfação que lhes é própria, é que lá, por razões de estrutura, a queda do sujeito fica sempre

²⁸⁷ BERRESSEM, H. O “mau-olhado” da pintura: o olhar em Jacques Lacan e Witold Gombrowicz. In: FELDSTEIN et al. (Org.). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.191.

²⁸⁸ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.83.

²⁸⁹ LACAN, J. **O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**, p. 101.

²⁹⁰ QUEIROZ, E. F. *Op. Cit.*, p.58.

despercebida, pois ela se reduz a zero. Na medida em que o olhar, enquanto objeto *a*, pode vir a simbolizar a falta central expressa no fenômeno da castração, e que ele é objeto *a* reduzido, por sua natureza, a uma função punctiforme, evanescente - ele deixa o sujeito na ignorância do que há para além da aparência – essa ignorância tão característica de todo o progresso do pensamento nessa via constituída pela pesquisa filosófica.²⁹¹

Nesta perspectiva, Queiroz explica que para Lacan “o olhar não está do lado do sujeito, mas do lado do objeto, enquanto objeto *a*”.²⁹² É em função disso que não se pode confundir o olhar com o olho que vê:

A esquizo do olho e do olhar é justamente a divisão que se opera no sujeito e que produz uma dialética do engano, do desmentido: do visível e do invisível. Isso significa que nunca se pode ver a imagem do ponto onde ela nos olha. Há um outro que nos olha e nos captura. O olhar é exterior ao sujeito, advém, primeiramente, de outrem.²⁹³

Portanto, ver é função do olho enquanto o olhar é objeto da pulsão escópica. Nesse sentido, ao pensarmos no olhar como objeto *a* fazemos com que ele ocupe o lugar de objeto causa de desejo. O olho é responsável pela captação das primeiras impressões visuais e pode-se pensá-lo como um mediador da nossa relação com o Outro. Ele é testemunha dessa relação e apreende as impressões oriundas dela e que serão inscritas no psiquismo. Segundo Quinet, “o mundo visível de nossas percepções é um mundo de imagens”,²⁹⁴ portanto é de uma ordem imaginária. Já no domínio do invisível o que está em jogo é o olhar e, conseqüentemente, o pulsional. O sujeito pode ocupar duas posições gramaticais distintas que correspondem à voz ativa (*Eu vejo*), que pertence a uma ordem especular; ou à voz passiva (*Ser visto*), “que indica o objeto *a* como uma modalidade do olhar na ordem escópica”.²⁹⁵ Ao se manifestar, a pulsão coloca o sujeito em uma posição passiva. A imagem do outro [i(a)] é correlata a do objeto *a* no visível e, em função disso, o olhar é mascarado, oculto por essa imagem, a fim de se despertar o desejo. Para Lacan:

Uma vez que o sujeito tenta acomodar-se a esse olhar, ele se torna, esse objeto punctiforme, esse ponto de ser evanescente, com o qual o sujeito confunde seu próprio desfalecimento. Também, de todos os objetos nos quais o sujeito pode reconhecer a dependência em que está no registro do desejo, o olhar se especifica como inapreensível. É por isso que ele é, mais que qualquer outro objeto,

²⁹¹ LACAN, J. **O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**, p. 101.

²⁹² QUEIROZ, E. F. **A trama do olhar**. In: Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line, ano V, nº 1, nov/ 2005, p. 89 - 100. Disponível em: < <http://www.fundamentalpsychopathology.org/journal/nov5/9.pdf> > Acesso em: 03/10/2011, p.94.

²⁹³ Idem, Ibidem, p. 94.

²⁹⁴ QUINET, A. O olhar como um objeto, p.156.

²⁹⁵ Idem, Ibidem, p.156.

desconhecido, e é também por essa razão que o sujeito consegue simbolizar com tanta felicidade seu próprio traço evanescente e punctiforme na ilusão da consciência do *ver-se vendo-se*, em que o olhar se elide.²⁹⁶

Dessa forma, observa-se que Lacan entende o olhar como o avesso da consciência, ou seja, como suprimido por ela. Ele marca a presença do Outro e apesar de não ser visto pelo sujeito é imaginado por ele no campo do Outro. Esta elaboração nos permite pensar a questão da cegueira diante deste processo. O olho branco do cego é apontado por Lacan “como a imagem revelada e irremediavelmente oculta, ao mesmo tempo, do desejo escopofílico”.²⁹⁷ Podemos inferir que o cego, que é aquele cuja visão está ausente, seria o representante do desejo no campo escópico, demonstrando mais uma vez, que o que está em jogo é algo da ordem de um corpo pulsional.

3.3 O olhar e a anamorfose

A perspectiva será usada por Lacan como instrumento capaz de auxiliar no entendimento do escópico em psicanálise. Ela possibilitará a compreensão da diferença entre o sujeito cartesiano da visão e o olhar pulsional. Em geometria,²⁹⁸ a perspectiva caracteriza-se pela representação tridimensional dos objetos. Um artista, para reproduzir determinadas características desses objetos necessita conhecer alguns “truques” de geometria, a fim de demonstrar a profundidade, por exemplo, em um espaço bidimensional como uma folha de papel ou a tela de um quadro.

O conceito de quadro em perspectiva representa o plano onde um objeto será projetado. Lacan utiliza esse conceito como algo que exemplifica a esquizo entre a visão e o olhar, sendo esta considerada aquilo que estrutura o campo escópico. Para desenvolver tal tema o autor faz referência ao quadro “Os embaixadores” de Holbein ou, mais especificamente, a anamorfose do crânio existente nesta tela, a fim de permitir uma melhor compreensão do que se trata a perspectiva e os elementos relacionados a ela. Se nos posicionarmos em lugares diferentes diante desta imagem, haverá uma alteração no campo visual, ou seja, dependendo da altura dos olhos de quem a observa o espaço de visão será aumentado ou diminuído. Quanto maior a altura do observador, maior será o campo de visão. Considera-se a altura do observador (h) a distância entre seus olhos e o que, em geometria, nomeia-se como plano da terra ou plano geometral. A linha do horizonte (LH) é outro

²⁹⁶ LACAN, J. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*, p. 83.

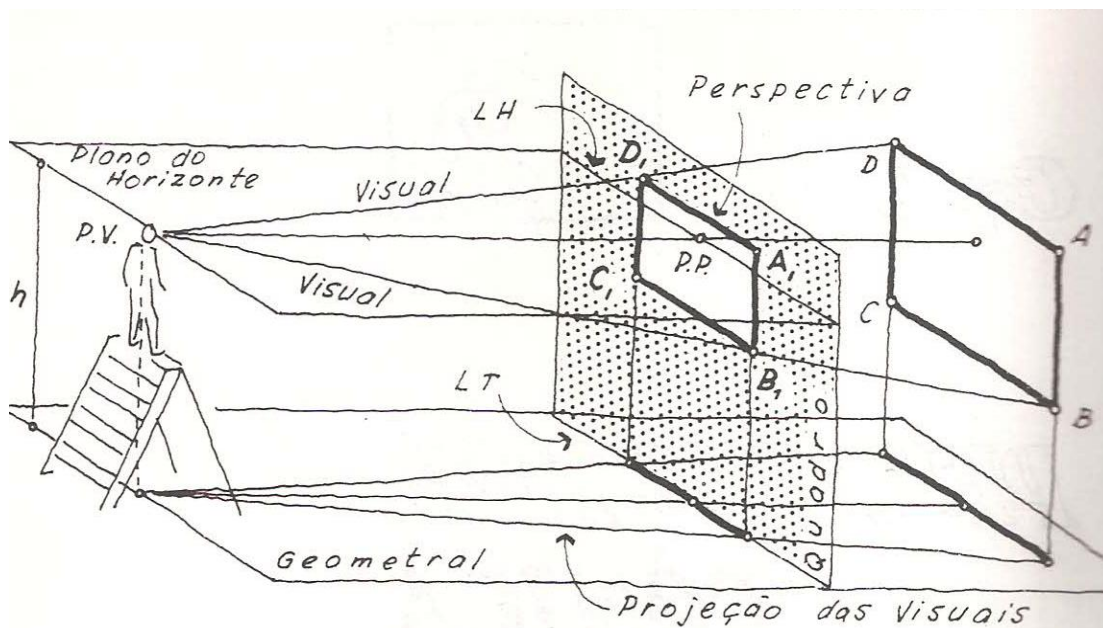
²⁹⁷ LACAN, J. *O seminário. Livro 10. A angústia (1962-63)*, p. 278.

²⁹⁸ MONTENEGRO, G. A. *A perspectiva dos profissionais*. São Paulo: Edgar Blücher, 1983.

componente importante, pois ela é uma linha imaginária traçada a partir dos olhos do observador até o objeto e em paralelo ao plano geométral. Por estar localizada na altura dos olhos do observador, pode-se concluir que há uma proporcionalidade entre ela e o espaço de visão. Conclui-se, então, que a altura do observador é o elemento que interfere diretamente na perspectiva.

Todavia, não é só a altura de quem observa que interfere na perspectiva. A rotação para vertical ou horizontal, a inclinação, enfim, qualquer tipo de alteração no ponto de vista do observador, provocará uma mudança na direção do cone visual e, por conseguinte, o resultado final será uma perspectiva diferente. O cone visual ou pirâmide óptica é composto por um feixe de raios visuais que partem do olho de quem observa. No caso da anamorfose, dependendo da posição do cone visual, identificaremos ou não a figura que ali se apresenta de forma distorcida.

Segundo Quinet, “a perspectiva representa os objetos sobre uma superfície plana ou plano transparente, que funciona como quadro tido como uma janela dando para um outro espaço, uma outra vista [...]”.²⁹⁹ Este quadro consiste, portanto, no plano que se situará entre aquele que observa e o objeto observado. Ele se localiza em posição perpendicular ao plano geométral. É no quadro que “será projetado o objeto visto pelo observador situado em um ponto de vista artificialmente determinado”.³⁰⁰ A figura abaixo representa todos os elementos descritos acima, possibilitando uma melhor compreensão.



(Fig.4)

²⁹⁹ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.145.

³⁰⁰ Idem, *ibidem*, p. 146.

Com o quadro *Os embaixadores*, Lacan tenta demonstrar um espécie de armadilha para o olhar provocada, especialmente, pela anamorfose que se apresenta no mesmo. A definição enciclopédica de anamorfose é a seguinte:

Obra, ou parte de uma obra gráfica ou pictográfica, cujas formas são distorcidas de tal maneira que só retomam sua configuração real quando olhadas diretamente sob um ângulo especial (anamorfoses por alongamento) ou, indiretamente, por meio de um espelho cilíndrico, cônico, etc. (As anamorfozes por alongamento aparecem, em arte, na época do Renascimento; as anamorfozes no espelho aparecem a partir do século XVII, até tornarem-se objeto de divertimento muito difundido no século XIX).³⁰¹

Assim, a anamorfose encontrada no quadro de Holbein é por alongamento e, para explicá-la, Lacan pede que suponhamos um retrato sobre uma folha plana. Esta imagem será transportada, “através de fios ou de traços ideais”,³⁰² para uma parede oblíqua ponto a ponto. O resultado desta experiência será “uma figura aumentada e deformada segundo as linhas do que podemos chamar uma perspectiva”.³⁰³ Nota-se que a imagem original sofrerá uma deformação a partir da diferença entre a ampliação longitudinal e a transversal.

Supõe-se que – se retiro o que serviu para a construção, isto é, a imagem colocada no meu próprio campo visual – a impressão que terei ficando nesse lugar será sensivelmente a mesma – pelo menos reconhecerei os traços gerais da imagem – em melhor caso, terei uma impressão idêntica.³⁰⁴

Verifica-se nesta pintura um objeto enigmático que paira sobre o chão, este objeto é a anamorfose de um crânio que, como explica Quinet, “se torna visível quando se está bem próximo ao quadro e se olha de viés”.³⁰⁵ Segundo Lacan, este é um segredo que ao ser revelado “nos reflete nosso próprio nada, na figura do crânio de caveira. Utilização, portanto, da dimensão geometral da visão para cativar o sujeito, relação evidente ao desejo que, no entanto, resta enigmático”.³⁰⁶ Essa dimensão geometral é entendida por Lacan como aquilo que nos permite entrever como o sujeito é preso, manobrado, captado no campo da visão.

No quadro, explica Lacan, “sempre se manifesta algo do olhar”.³¹⁰ Quando um artista se dispõe a pintar um quadro, sua intenção seria dar a ver esta imagem por ele pintada, oferecendo “algo como pastagem para o olho, mas convida aquele a quem o quadro é

³⁰¹ Grande Enciclopédia Larousse Cultural, São Paulo: Nova Cultural, 1995, p. 282.

³⁰² LACAN, J. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*, p. 85.

³⁰³ Idem, *ibidem*, p. 85.

³⁰⁴ Idem, *ibidem*, p. 85.

³⁰⁵ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.127.

³⁰⁶ LACAN, J. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*, p. 91.

³¹⁰ LACAN, J. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*, p. 99.

apresentado a depor ali seu olhar, como se depõem as armas. Aí está o efeito pacificador, apolíneo, da pintura. Algo é dado não tanto ao olhar quanto ao olho, algo que comporta abandono, deposição do olhar”.³¹¹ O pintor, deste modo, instigaria o olhar do Outro: “*Queres olhar? Pois bem, veja então isso!*”.³¹²

Em relação àquele que observa o quadro, haveria um “apetite” que constituiria o valor de encanto da pintura, ou melhor, de fascínio. No domínio escópico, diferentemente do invocante, “o sujeito é [...] determinado pela separação mesma que determina o corte do *a*, quer dizer, aquilo que o olhar introduz de fascinatório”.³¹³

Segundo Berressem,³¹⁴ Lacan emprega o termo fascinação, fazendo uso de seu duplo sentido, isto é, como encantar ou lançar um feitiço. No latim, a palavra *fascinum* significaria também “falo” ou “emblema fálico” o que apontaria para a falta, castração.

Lacan assinala na anamorfose do crânio uma significação fálica que faz com que se veja algo do campo da falta. Ao se desvelar do que se trata a distorção, o crânio surge como “a encarnação imajada do *menos-fi* [(-φ)] da castração, a qual centra para todos nós toda a organização dos desejos através do quadro das pulsões fundamentais”.³¹⁵ Entretanto, o autor adverte que é preciso ir mais longe para se buscar pela função da visão. Não é o símbolo fálico, o fantasma anamórfico que se esboçará a partir dela, mas “o olhar como tal, em sua função pulsátil, explosiva e estendida, como ela o é nesse quadro”.³¹⁶ Este quadro, aliás, como todo quadro, é uma armadilha para o olhar. “Em qualquer quadro que seja, é precisamente ao procurar o olhar em cada um de seus pontos que vocês o verão desaparecer”.³¹⁷ Quinet explica que:

O olhar como objeto *a* surge através da anamorfose da caveira como manifestação do seu poder de aniquilamento do sujeito, que fica medusado diante dela e remetido a sua própria castração, figurado por sua mortalidade. A caveira é o olhar do quadro olhando para o espectador. Este de observador torna-se visto. É o quadro quem o olha.³¹⁸

O autor afirma ainda que:

³¹¹ Idem, *ibidem*, p. 99.

³¹² Idem, *ibidem*, p. 99.

³¹³ Idem, *ibidem*, p. 114.

³¹⁴ BERRESSEM, H. *Op. Cit.*, p. 192.

³¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 88.

³¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 88.

³¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 88.

³¹⁸ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.150.

Ao ver o quadro de frente, o sujeito está no mundo da representação, com objetos do mundo sensível, simbólicos e culturais, mundo de poder e de conquista – eis o ponto de vista do sujeito da representação. Há no entanto um objeto que mancha o quadro, um objeto estranho que escapa ao mundo. É quando o espectador muda de posição e se coloca lateralmente: olhando o quadro de viés, ele muda de ponto de vista. E tudo que era do mundo da representação desaparece e o sujeito é confrontado por sua falta-a-ser, fora do mundo da representação, representado pela caveira que o olha. É, pois, quando falta a visão dos objetos da conquista do saber e a representação desaparece que surge o olhar como causa de angústia. Antinomia entre visão e olhar, vida e morte, Eros e Tanatos.³¹⁹

Deve-se atentar que aquele que percebe está no mundo como se estivesse fazendo mancha em um quadro. O sujeito é olhado pelo objeto. Um bom exemplo disto seria o episódio narrado por Lacan em que ele ocupa este lugar de mancha no quadro. A cena é a seguinte: durante uma pescaria, a bordo de um pequeno barquinho, um jovem rapaz chama a atenção de Lacan para algo que boia no mar. Era uma lata de sardinhas que brilhava em função do reflexo da luz do sol. O rapaz, a quem o psicanalista francês chama de Joãozinho, lhe pergunta: “*Tá vendo aquela lata? Tá vendo? Pois ela não tá te vendo não!*”.³²⁰ O jovem pescador, diferentemente de Lacan, achava o episódio muito engraçado. O autor, que se viu capturado pela latinha que cintilava no mar, percebe que apesar de não ser visto pela lata, esta o olha, ou seja, em suas palavras:

O vulto desta estorinha, tal como ela acabava de surgir na invenção do meu parceiro, o fato de tê-la achado tão engraçada, e eu, menos, se prende a que, se me contam uma estória como essa, só pode mesmo ser porque eu, naquele momento [...] fazia quadro de uma maneira bastante inenarrável. [...] eu era mancha no quadro. E é sentir isto que faz com que, só por me ouvir interpelar assim, nesta humorística, irônica estória, não a acho tão engraçada assim.³²¹

3.3.1 O tema da cegueira em Diderot

A questão da esquizo do olhar e da visão nos leva a refletir de que maneira isto se daria no campo da cegueira. Por esta razão, optou-se por recorrer a Diderot, visto que este autor é citado pelo próprio Lacan com a finalidade de indagar de que maneira o escópico se apresentaria no caso de um sujeito cego.

O livro de Diderot *Carta sobre os cegos endereçada àqueles que enxergam*³²² evidencia que o cego congênito, apesar de não ter a percepção visual do mundo, é capaz de ter uma noção do espaço. É a perspectiva que possibilita que isto seja compreendido, dado que,

³¹⁹ Idem, ibidem, p. 150.

³²⁰ LACAN, J. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*, p. 94.

³²¹ Idem, ibidem, p. 94.

³²² DIDOT, D. *Carta sobre os cegos endereçada àqueles que enxergam*. São Paulo: Escala, 2006.

como afirma Quinet, com a prática do desenho e da pintura demonstra-se “[...] matematicamente que a apreensão do espaço visual independe da visão [...]”.³²³

Diderot narra, primeiramente, uma conversa tida com um cego de nascença do vilarejo de Puiseaux. Ele relata como este cego entende questões sobre a moralidade, a beleza, a visão, a cegueira e a aquisição de conhecimento. O contato com o cego de Puiseaux permitiu ao autor concluir que este homem adquiria conhecimentos de matemática e geometria partindo de suas sensações. Assim como os videntes, o cego utilizava a experimentação e a memória para construir suas concepções, porém o fazia de forma tátil. Segundo Diderot, no cego de nascença:

[...] os movimentos do seu corpo, a existência sucessiva de sua mão em vários lugares, a sensação não interrompida de um corpo que passa entre seus dedos, lhe dão a noção de direção. Se os desliza ao longo de um fio bem esticado, adquire a ideia de uma linha reta; se segue a curvatura de um fio frouxo, adquire a de uma linha curva. Mais geralmente ele tem, por experiências reiteradas do tato, a memória de sensações experimentadas em diferentes pontos: depende dele combinar essas sensações ou pontos e formar com elas figuras. [...] o cego de nascença relaciona tudo com as extremidades de seus dedos. Nós combinamos pontos coloridos; ele, por seu turno, só combina pontos palpáveis ou [...] só sensações do tato que tem memória. Não se passa nada de análogo em sua cabeça ao que se passa na nossa; ele não imagina; de fato, para imaginar é preciso colorir um fundo e destacar desse fundo pontos, atribuindo-lhes uma cor diferente daquela do fundo. [...] O cego de nascença, não podendo colorir, nem, por conseguinte figurar como nós o entendemos, só tem memória de sensações apreendidas pelo tato, que ele relaciona com diferentes pontos, lugares e distâncias e com os quais compõem figuras.³²⁴

Na segunda parte de sua carta, Diderot nos apresenta a história do brilhante cientista cego inglês, Nicholas Saunderson, que era professor de matemática em Cambridge. Saunderson adquiriu seus conhecimentos utilizando instrumentos que foram construídos por ele e que tornavam a aritmética e a geometria palpáveis. O que mais chama a atenção do autor é o fato de Saunderson dominar áreas do conhecimento que, aparentemente, estão intimamente ligadas à visão. Além de lecionar matemática com grande sucesso, Saunderson “deu lições de ótica, pronunciou discursos sobre a natureza da luz e das cores, explicou a teoria da visão, tratou dos efeitos das lentes, dos fenômenos do arco-íris e de várias outras matérias relativas à vista e a seu órgão”.³²⁵ Para o filósofo, isso era possível, pois apesar de fenômenos como o da luz e das cores serem desconhecidos de um cego,

³²³ QUINET, A. *Op. Cit.*, p. 146.

³²⁴ Idem, *Ibidem*, p. 25 e 26

³²⁵ Idem, *ibidem*, p. 40.

Ele vai entender as suposições, porque são todas relativas a causas palpáveis; [...] de fato, seria necessário que ele pudesse comparar as próprias suposições com os fenômenos. O cego aceita, portanto, as suposições pelo que lhe são dadas; um raio de luz por um fio elástico e fino ou por uma série de pequenos corpos quem vêm atingir nossos olhos com uma velocidade incrível; e ele calcula em consequência. A passagem da física à geometria é transposta e a questão se torna puramente matemática.³²⁶

Saunderson, segundo o autor, era a prova de que o tato poderia se tornar mais delicado, mais sensível do que a visão se fosse aperfeiçoado por exercícios. Ele descreve uma série de habilidades táteis do matemático. Dentre elas, a capacidade de distinguir com o toque medalhas verdadeiras das falsas, apesar da perfeição com que estas últimas eram feitas. Até mesmo um conhecedor com bons olhos poderia ser enganado por elas, mas não Saunderson.

Por último, para concluir sua carta, o filósofo expõe a questão de Molyneux, fazendo diversas reflexões sobre esse possível experimento.

Supõe-se um cego de nascença que se tenha tornado homem feito, e a quem se ensina a distinguir, pelo toque, um cubo e um globo de mesmo metal e quase de mesmo tamanho, de modo que, ao tocar um e outro, possa dizer qual é o cubo e qual é o globo. Supõe-se que, estando o cubo e o globo colocados sobre uma mesa, esse cego venha a desfrutar da vista e pergunta-se se, vendo-os sem tocá-los, vai poder discerni-los e dizer qual é o cubo e qual é o globo.³²⁷

A questão foi proposta por Willian Molyneux a John Locke. Para Molyneux, o cego não seria capaz de distinguir o cubo do globo, pois apesar de ter aprendido pela experiência “de que maneira o globo e o cubo afetam seu toque, não sabe ainda, contudo, que aquilo que afeta seu tato desta ou daquela maneira deve impressionar seus olhos desta ou daquela forma”.³²⁸

Locke compartilha da mesma opinião que Molyneux. Para ele, o cego, inicialmente, não seria capaz de distinguir a esfera do cubo apenas com o olhar, “[...] embora ao tocá-los pudesse designá-los e distingui-los seguramente pela diferença de suas figuras, que o toque o levaria a reconhecer”.³²⁹ Locke, assim como Molyneux, afirma que há uma ligação essencial entre visão e tato.

Nesta mesma direção, estão as experiências de Cheselden, cirurgião inglês, que retirou as cataratas de um jovem cego de nascença. Este paciente “não distinguiu, por muito tempo, nem distâncias, nem situações, nem sequer figuras. [...] Precisou de grande número de

³²⁶ Idem, ibidem, p.41

³²⁷ Idem, ibidem, p. 52.

³²⁸ Idem, ibidem, p. 52.

³²⁹ Idem, ibidem, p.53.

experiências reiteradas para certificar-se de que a pintura representava corpos sólidos”,³³⁰ por exemplo. Isso apontava a necessidade de aprender o que é uma representação para, posteriormente, após vivenciar inúmeras vezes essa experiência, entender o que via. Deste modo, percebe-se que Cheselden compartilha da opinião de Locke e Molyneux, entendendo que a experiência tátil é indispensável para que se possa distinguir dois objetos como o cubo e a esfera.

Em seguida, Diderot nos apresenta a posição do filósofo francês Condillac que sustenta que o cego verá o globo e o cubo diferentes. Ele entende que só a experiência pode determinar se há conformidade de relação entre visão e tato. O cego de nascença, segundo ele, pode distinguir a esfera do cubo a partir da comparação das ideias que tem desses objetos, transmitidas pelo tato e pela visão. Para ele não há uma ligação entre estes sentidos, podendo até ocorrer uma discordância entre eles. Condillac, em função disso, se questiona se aquilo que aos olhos parece um globo, não será um cubo ao ser tocado. Diante dessa questão, ele admite que só o tato seria capaz de propiciar o reconhecimento.

Diderot prossegue afirmando que aqueles que acreditam que o cego de nascença não enxergará logo após a conclusão da cirurgia de catarata, dizem:

‘Tão logo o cego de nascença desfruta da faculdade de servir-se dos olhos, toda a cena que se lhe apresente em perspectiva virá pintar-se no fundo do olho. Esta imagem, composta de uma infinidade de objetos reunidos em pequeníssimo espaço, não passa de um conglomerado confuso de figuras que ele não terá condições de distinguir umas das outras. Todos estão quase de acordo que só a experiência pode ensinar-lhe a julgar a distância dos objetos, e que ele se encontra mesmo na necessidade de se lhes aproximar, de tocá-los, de se afastar, de se re-aproximar, e de tocá-los de novo, a fim de se certificar de que não fazem parte dele mesmo, que são estranhos ao seu ser, e que ele está ora próximo, ora distante dos mesmos. [...] Daí se segue que é à experiência que devemos a noção da existência continuada dos objetos; que é pelo tacto que adquirimos a de sua distância; que é preciso talvez que o olho aprenda a ver, como a língua a falar; que não seria espantoso que o auxílio de um dos sentidos fosse necessário ao outro, e que o tacto, que nos assegura da existência dos objetos fora de nós quando se acham presentes aos nossos olhos, é talvez ainda o sentido a que está reservado nos constatar, não digo as figuras e outras modificações dos objetos, mas até sua presença’.³³¹

Para Diderot, não basta sermos atingidos pelos objetos. É preciso que estejamos atentos às suas impressões visto que só a experiência nos permite comparar as sensações com o que as ocasiona. Ele se interroga se há necessidade de se utilizar o tato para confirmar aquilo que vemos, pois este mesmo sentido pode ser usado para nos certificarmos da existência de um objeto sem o auxílio da visão. Este raciocínio leva o filósofo a concluir que,

³³⁰ Idem, ibidem, p. 56.

³³¹ Idem, Ibidem, p. 55.

logo após a uma cirurgia de catarata, o cego de nascença não enxergaria nada, mas não pela necessidade de auxílio do tato e sim pela falta de experiência do olho. Ele achava que:

a primeira vez que os olhos de um cego de nascença se abrirem para a luz, [...] vai ser necessário algum tempo para o seu olho se experimentar, mas que vai se experimentar por si mesmo e sem a ajuda do tato, e que vai chegar não somente a distinguir as cores, mas a discernir pelo menos os limites grosseiros do objetos.³³²

Lebrun acredita que, ao comparar o espaço do cego e do vidente, Diderot conclui que não é possível criar “o espaço visível a partir de sensações tácteis ou cinestésicas”.³³³ Lebrun comenta que para Diderot o cego de nascença, ao recuperar a visão, mesmo que não conheça nada de geometria, será capaz de distinguir a esfera do cubo através do tato, porém “isso não significa de modo algum que a elaboração táctil é indispensável para projetar fora de nós o espaço visível”.³³⁴ Haveria um limite no aprendizado táctil, o que apontaria para o fato de que um cego que se tornou vidente não deve se limitar:

[...] em traduzir suas novas sensações através de sua linguagem noturna do mesmo modo que a criança jamais falaria se tivesse de ligar sempre a uma ideia precisa a palavra pronunciada, não se deixando deslizar no declive da linguagem, como nosso cego no da visão.³³⁵

É preciso complementar que, apesar de defender a independência entre os sentidos e, mais precisamente, entre a visão e o tato, Diderot salienta a importância do tato ao conhecimento de certas propriedades das coisas como a solidez e a distância.

3.3.1.1 Lacan *versus* Diderot

Lacan chama o modo pelo qual a visão se ordena de função das imagens. Essa função é caracterizada por “uma correspondência ponto a ponto entre duas imagens no espaço”.³³⁶ Mesmo que uma seja real e a outra virtual, é essencial que haja essa correspondência ponto a ponto. “Tudo que é do modo da imagem no campo de visão é, portanto, redutível a este esquema tão simples que permite estabelecer a anamorfose, quer dizer à relação a uma imagem enquanto que ligada a uma superfície, como a um certo ponto que chamaremos de

³³² Idem, *ibidem*, p.62.

³³³ LEBRUN, G. O cego e o filósofo ou o nascimento da antropologia. In: **A filosofia e a sua história**. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p.130.

³³⁴ Idem, *ibidem*, p.131.

³³⁵ Idem, *ibidem*, p. 131.

³³⁶ LACAN, J. **O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**, p.85.

geometral”.³³⁷ Pode-se pensar que essa imagem ligada à superfície a que Lacan se refere é o eu que se organiza a partir desse jogo de imagens.

No caso dos cegos, como vimos, Lacan comenta o livro *Carta sobre os cegos endereçada àqueles que enxergam* de Diderot, advertindo que o filósofo, apesar de não intencional fazê-lo, acaba definindo o que é a visão. Demonstrando que a demarcação do espaço não está atrelada ao que se vê. Um cego é capaz de apreender o espaço.

Pois o espaço geometral da visão - mesmo incluindo aí essas partes imaginárias de dentro do espaço virtual do espelho de que vocês sabem que eu fiz grande questão - é perfeitamente reconstrutível, imaginável, pelo cego. O de que se trata na perspectiva geometral é apenas demarcação do espaço, e não da visão. O cego pode muito bem conceber que o campo do espaço que ele conhece, e que ele conhece como real, possa ser percebido à distância e como que simultaneamente. Trata-se para ele de apenas apreender uma função temporal, a instantaneidade. [...] A dimensão geometral da visão não se esgota, portanto, e longe disso, o que o campo da visão enquanto tal nos propõe como relação subjetivante original.³³⁸

Diante disso, o cego é capaz de realizar construções imaginárias; ele passaria pelo estádio do espelho, compondo uma imagem corporal que é a base para a constituição da subjetividade e do espaço geometral. Se o cego é capaz de perceber um campo do espaço, pode-se pensar que ele é capaz também de perceber e buscar o olhar do outro, o que é fundamental para operação do estádio do espelho.

De acordo com Pereira, “é a atividade da pulsão escópica que está em questão no primeiro tempo da chamada experiência do espelho”.³³⁹ Nesse sentido, pode-se afirmar que o elemento em destaque no estádio de espelho é a pulsão escópica e, em vista disso, o olhar como objeto da pulsão e não o olho. Este entra em cena; contudo, não é o elemento principal. Dado que é o olhar o responsável por nos colocar em relação com o Outro e, em consequência disto, precipitar a emergência do sujeito do desejo. No estádio do espelho o olhar do Outro atravessado pelo desejo permite que o estabelecimento do circuito pulsional, libidinizando o corpo que ainda é fragmento, proporcione ao *infans* uma apreensão de uma unidade narcísica, ou seja, de uma totalidade que Lacan chama de “ortopédica”.³⁴⁰

Quinet ressalta que o conceito de pulsão escópica possibilitou que a psicanálise restituísse uma função de atividade para olho como fonte de libido e não de visão. “Onde os antigos têm o conceito de raio visual e o fogo do olhar, a psicanálise descobriu a libido de ver

³³⁷ Idem, *Ibidem*, p.85.

³³⁸ Idem, *Ibidem*, p.86.

³³⁹ PEREIRA, L.M.L. *Op. Cit.*, p.65.

³⁴⁰ LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu, p.100.

e o objeto olhar como manifestação da vida sexual. Lá onde estava a visão, Freud descobre a pulsão”³⁴¹.

3.3.2 A linha e a luz

Lacan, retorna à Merleau-Ponty para tentar esclarecer o lugar da luz no campo da visibilidade. Em *Fenomenologia da percepção*³⁴² Merleau-Ponty nos apresenta a seguinte experiência de iluminação: em um cômodo escuro dirige-se um feixe luminoso para um disco preto, de modo que ao coincidir a borda do feixe de luz com a borda do disco, teremos uma fraca iluminação deste último, o que resultará no surgimento de um sólido cônico cujo vértice é o ponto luminoso e a base o disco.

A experiência é desdobrada em um segundo momento, ao se colocar um pedaço de papel branco entre o feixe de luz e o disco. De acordo com Merleau-Ponty, imediatamente, tanto o disco negro quanto o papel branco serão iluminados. Por conseguinte, o cone de luz desaparecerá e o quarto ficará claro como descreve a explicação abaixo:

Vimos que, se se introduz um papel branco no feixe luminoso de uma lâmpada, até então fundido com o disco sobre o qual ele cai e percebido como um sólido cônico, no mesmo instante o feixe luminoso e o disco se dissociam e a iluminação se qualifica como iluminação. A introdução do papel no feixe luminoso, impondo com evidência a "não-solidez" do cone luminoso, muda seu sentido em relação ao disco no qual ele se apoia e o faz valer como iluminação. As coisas se passam como se houvesse, entre a visão do papel iluminado e aquela de um cone sólido, uma incompatibilidade vivida, e como se o sentido de uma parte do espetáculo induzisse um remanejamento no sentido do conjunto. Da mesma maneira, vimos que, nas diferentes partes do campo visual tomadas uma a uma, não se pode discernir a cor própria do objeto e aquela da iluminação, mas que, no conjunto do campo visual, por uma espécie de ação recíproca em que cada parte se beneficia da configuração das outras, destaca-se uma iluminação geral que restitui a cada cor local o seu valor "verdadeiro".³⁴³

Quinet esclarece que a luz é responsável pela emergência dos objetos na realidade. Ela nos permite vê-los, no entanto “quando vemos a luz, não vemos os objetos”.³⁴⁴ Para que haja visibilidade, é preciso que a luz deixe de ser vista, pois só dessa maneira ela executará sua função de iluminar. “A luz não está nem do lado do sujeito, nem do lado do objeto, está entre os dois para permitir o advento do objeto enquanto percebido: ela organiza o campo

³⁴¹ QUINET, A. *Op. Cit.*, p. 10.

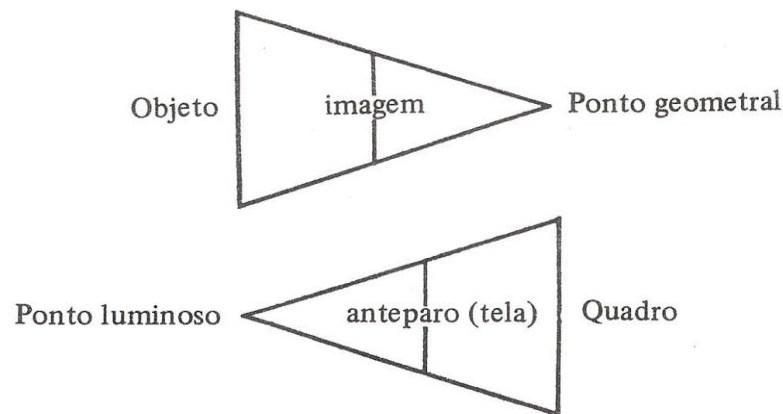
³⁴² PONTY, M. M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

³⁴³ Idem, *ibidem*, 418

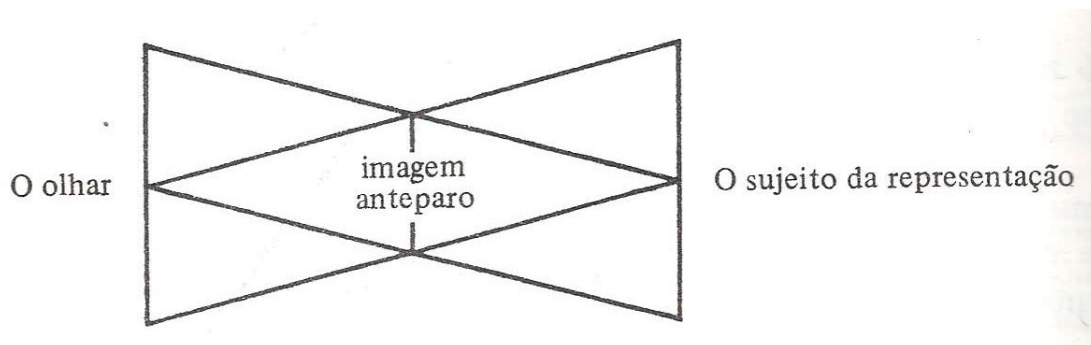
³⁴⁴ QUINET, A. *Op. Cit.*, p.44.

perceptivo e faz aparecer a coisa iluminada à qual lhe dá a sua constância e consistência perceptiva”.³⁴⁵

Com base nos dois experimentos apresentados por Merleau-Ponty, Lacan cria os esquemas abaixo representados (Fig. 5 e Fig. 6). Ambos consistem em sistemas triangulares que têm a função de ilustrar a distinção entre ver e olhar. Pode-se observar que o segundo esquema se constrói a partir de uma sobreposição dos triângulos apresentados no primeiro. Ao fazer isto, o autor localiza o sujeito da representação no encontro entre o vértice do ponto geometral e a base do quadro. Já o olhar, se posiciona no encontro entre a base do objeto e o vértice do ponto luminoso. Sendo assim, é a luz incidida sobre o objeto que faz do sujeito quadro. Assim, como mencionamos acima, na história da lata de sardinhas que cintilava no mar. A luz, incidiu sobre a mesma, o que fez com que Lacan fosse “olhado” por ela e, conseqüentemente, se tornasse mancha no quadro.



(Fig. 5)



(Fig. 6)

³⁴⁵ Idem, ibidem, p.44.

Como verificamos nas figuras, o quadro e o ponto de olhar são correlatos, já que ambos estão localizados do lado de fora. Já a imagem, funciona como anteparo, tela entre os dois, ou melhor, é aquilo que faz a mediação entre eles. Segundo Lacan, ela: “[...] é algo de natureza diversa da do espaço óptico geometral, algo que representa um papel exatamente inverso, que opera não por ser atravessável, mas, ao contrário, por ser opaco – é o anteparo, o écran”.³⁴⁶ E “[...] o olhar é sempre o jogo da luz com a opacidade”.³⁴⁷

Ainda sobre a exterioridade do olhar, Lacan afirma que:

[...] no campo escópico, o olhar está do lado de fora. É aí que está a função que se encontra no mais íntimo da instituição do sujeito no visível. O que me determina fundamentalmente no visível é o olhar que está do lado de fora. É pelo olhar que entro na luz, e é do olhar que recebo seu efeito. Donde se tira que o olhar é o instrumento pelo qual a luz se encarna, e pelo qual – se vocês me permitem servir-me de um termo, como faço frequentemente, decompondo-o – sou *fotografado*.

Para Miller, o que marca a diferença entre o olhar em Lacan e o olhar em Merleau-Ponty é o fato de o primeiro estar localizado no campo do Outro. Apesar do olhar estar do lado de fora, “não existe somente a visibilidade de fora, há, além disso, o olhar, que não está ligado ao *sensorium* da vista”.³⁴⁸ De acordo com Miller, esta é uma reflexão feita por Lacan a partir de Sartre, para quem um barulho também pode fazer a função do olhar. “Neste caso, a função pode ser tomada emprestada do *sensorium* da audição, e não somente à visão”.³⁴⁹

Sobre isto, encontra-se em *O ensaio sobre a cegueira* de José Saramago duas passagens preciosas que ilustram bem a observação de Sartre. A primeira citação refere-se a fala do primeiro personagem a ficar cego na história de Saramago: “Por experiência, o cego sabia que a escada só estaria iluminada enquanto se ouvisse o mecanismo do contador automático, por isso ia premindo o disparador de cada vez que se fazia silêncio. A luz, esta luz, para ele, tornara-se em ruído”.³⁵⁰ Já a segunda, diz respeito a fala do médico oftalmologista, que também perde a visão, durante o reencontro com um de seus pacientes.

O médico avançou para a coxia e disse, levantando um pouco a voz: gostaria de poder tocar a pessoa que acabou de se juntar a nós, peço-lhe que venha andando nesta direção, eu irei ao seu encontro. Toparam-se no meio do caminho, os dedos com dedos, como duas formigas que deveriam reconhecer-se pelos manejos das antenas, não será assim neste caso, o médico pediu licença, com as mãos tateou a cara do velho, encontrou rapidamente a venda, Não há dúvida, era o último que nos faltava aqui, o paciente da venda preta, exclamou, Que quer dizer, quem é o senhor,

³⁴⁶ LACAN, J. *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*, p. 95.

³⁴⁷ Idem, *ibidem*, p. 95.

³⁴⁸ MILLER, J.A. Uma lógica da percepção. In: *Silet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.287.

³⁴⁹ Idem, *ibidem*, p. 287.

³⁵⁰ SARAMAGO, J. *Op. Cit.*, p.20.

perguntou o velho, Sou, era o seu oftalmologista, lembra-se, estivemos a combinar a data da sua operação à catarata, Como foi que me reconheceu, Sobretudo pela voz, a voz é a vista de quem não vê.³⁵¹

Nota-se que apesar de comumente o termo “olhar” parecer privilegiar a visão, ele não pode estar restrito a ela. Como já mencionamos anteriormente, para a psicanálise, o olho é o lugar da visão, enquanto o olhar é objeto da pulsão. Todavia, como explica Bosi,³⁵² na língua portuguesa estes termos parecem casar-se, dificultando assim que se faça uma separação entre eles.

Em espanhol: *ojo* é o órgão; mas o ato de olhar é *mirada*. Em francês *oeil* é o olho; mas o ato é *regard/regarder*. Em inglês: *eye* não está em *look*. Em italiano, uma coisa é o *occhio* e outra é o *sguardo*. Creio que essa marcada diversidade em tantas línguas não se deva creditar ao mero acaso: trata-se de um percepção, inscrita no corpo dos idiomas, pela qual se distingue o órgão receptor externo a que chamamos “olho”, e o movimento interno do ser que se põe em busca de informações e de significações, e que é propriamente o olhar.³⁵³

Segundo Miller, independente do sentido atribuído ao olhar, isto é, sentido da visão, do tato, do olfato, “ele é fundamentalmente o que me faz ser visto ou olhado. [...] Para que o Outro me olhe, sem me ver por um olho, é suficiente a luz perder a sua transparência, basta que ela cintile, reluza, produza um reflexo, faça nascer uma opacidade ou uma mancha”.³⁵⁴ Pode-se concluir, portanto, que isto se dá sendo o sujeito vidente ou não.

É por esta razão que Quinet afirma que o essencial no campo escópico não diz respeito à linha da perspectiva e sim, ao ponto luminoso. “[...] O ponto luminoso, o luzir da joia, o brilho de uma mecha de cabelos, o irradiar de um sorriso podem representar o olhar como objeto *a* no campo escópico. Mas o olhar enquanto tal é barrado do campo visual por aquilo que tem a função de anteparo [...]”.³⁵⁵ Para o autor, apesar de o cego ser capaz de adquirir uma apreensão o espaço por meio do toque, como demonstrou Diderot, “paradoxalmente, o campo visual está excluído e para incluí-lo é preciso introduzir aquilo que o caracteriza, ou seja, a luz”.³⁵⁶ Entretanto, a pergunta que fica é se para um sujeito cego um odor, uma textura, um som, não seria aquilo que se caracterizaria como luz para o vidente.

³⁵¹ Idem, ibidem, p.120.

³⁵² BOSI, A. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, A. **O olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.65-87.

³⁵³ Idem, ibidem, p. 66.

³⁵⁴ MILLER, J.A. *Op. Cit.*, p.287.

³⁵⁵ Idem, ibidem, p. 151.

³⁵⁶ Idem, ibidem, p. 148.

3.4 Ver e não ver: Oliver Sacks

Oliver Sacks é um neurologista britânico que também se ocupou da questão da cegueira. Em “Ver e não ver”³⁵⁷ ele conta a história de Virgil que, cego desde os cinco anos de idade, resolve aos cinquenta anos se submeter a uma cirurgia para restaurar sua visão. Apesar de ser um neurologista e de não utilizar a psicanálise como arcabouço teórico, o texto de Sacks é bastante ilustrativo no sentido de nos ajudar na compreensão acerca da diferença entre o ato de ver e o ato de olhar.

Virgil possuía densas cataratas em ambos os olhos além de um diagnóstico de retinose pigmentar, porém, apesar disso, era capaz de ver luzes e sombras, a direção de onde vinha a luz, além da sombra das mãos se movendo diante de seus olhos. O que indicava, segundo o autor, que não havia uma destruição total de sua retina.

O paciente de Sacks estava prestes a se casar com Amy que era a maior incentivadora de sua cirurgia. Tinha grandes expectativas em torno da operação e acreditava que após a remoção das cataratas o noivo poderia vê-la e participar de seu casamento, além de mudar completamente de vida. Todo o processo foi registrado por ela em um diário iniciado no dia seguinte à operação.

Apesar de se tratar de um procedimento considerado simples, a cirurgia para remoção de catarata em um sujeito que foi cego praticamente toda sua vida era cercada de incertezas. Sacks faz vários questionamentos a esse respeito e se pergunta se a visão de um paciente como este seria “normal” a partir do momento em que foi restaurada. Destaca também que para o senso comum, após um procedimento como este, o cego deverá recuperar sua visão de forma miraculosa. “Os olhos se abrirão, as crostas cairão e (nas palavras do Novo Testamento) o cego “receberá” a visão”.³⁵⁸

Mas, como demonstra o autor, esses casos não são tão simples. Ele se questiona se não é preciso aprender a ver. Se não é necessário a experiência para ver. Alguns autores são citados e alguns casos semelhantes, registrados na literatura sobre o tema, ressaltando, em diversos momentos, a necessidade desses pacientes de conectar as experiências visuais com as experiências táteis. O autor explica que em quase todos os casos registrados os pacientes apresentaram “as mais profundas confusões e perturbações lockianas.”^{359, 360}

³⁵⁷ SACKS, O. Ver e não ver. In: **Um antropólogo em Marte**. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

³⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 114.

³⁵⁹ A perturbação lockiana seria a dificuldade do paciente em entender o que vê. Sacks explica que esta é uma dificuldade específica dos pacientes cegos de nascença ou desde a infância que recuperaram a visão.

³⁶⁰ Idem, *ibidem*, p. 115.

A partir do relato do diário de Amy, Sacks se inteira que, após a retirada do curativo de seu olho, Virgil viu seu médico e sua noiva e sorriu em seguida. “Não há dúvida de que viu *algo* – mas o quê? O que significava “ver” para esse homem antes privado da visão? Em que espécie de mundo ele foi jogado?”³⁶¹

Posteriormente, Sacks toma conhecimento de que a realidade não era tão miraculosa quanto a narrada por Amy. Todos, incluindo Virgil, acreditavam que o processo seria mais simples, que bastaria remover o curativo para que ele pudesse ver. A luz entraria e bateria em sua retina e ele seria capaz de ver. Porém, foi somente após ouvir a voz de seu cirurgião que Virgil pôde reconhecer que aquilo que via diante de si era o seu médico. Ou seja, foi preciso a entrada do estímulo auditivo para que o paciente identificasse aqueles que estavam à sua frente. A voz do Outro foi o guia diante da situação que se apresentava.

Nesse primeiro momento, não fazia a menor ideia do que estava vendo. Havia luz, movimento e cor, tudo misturado, sem sentido, um borrão. E então, do meio da nódoa veio uma voz que dizia: “Então?” Foi nesse instante, e somente nesse instante, ele disse, que finalmente se deu conta de que aquele caos de luz e sombra era um rosto – e, na realidade, o rosto de seu cirurgião.³⁶²

O autor revela que apesar das cuidadosas considerações clínicas sobre a operação e o pós-operatório, “houve pouca discussão ou preparação para as dificuldades neurológicas e psicológicas que Virgil poderia encontrar”.³⁶³ Apesar de a visão ser algo corriqueiro e, até mesmo, banal para uma pessoa que enxergou durante toda a sua vida para o paciente de Sacks era um verdadeiro desafio.

Vários testes foram realizados com o paciente a fim de determinar suas capacidades visuais, porém, o autor salienta sua preocupação não apenas em testá-lo, em observar suas capacidades de percepção. O neurologista britânico sinaliza a importância de verificar o comportamento de Virgil na vida em geral, além de buscar sua história de vida, suas relações pessoais, suas necessidades e expectativas.

O autor observa que seu paciente não era capaz de reconhecer o rosto de uma pessoa; ou de distinguir seu gato de seu cachorro, a não ser através do tato; ou entender que seu cão visto de frente ou de perfil, apesar de diferente, continuava sendo o mesmo cão; e, por fim, não tinha nenhum senso de tamanho ou perspectiva. Diante disso, ficava claro que o comportamento do paciente não era o de um vidente e, muito menos, de um homem cego.

³⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 115.

³⁶² Idem, *ibidem*, p. 118.

³⁶³ Idem, *ibidem*, p. 120.

Virgil via, mas não decifrava o que estava vendo. Era, nas palavras de Sacks, mentalmente cego. “Sua visão podia ter sido restaurada em grande parte, mas era óbvio que o uso dos olhos, o olhar, estava longe de ser natural para ele; continuava com muitos dos hábitos e comportamentos de um cego”.³⁶⁴ O olhar consiste em agir com a visão e, em Virgil, o comportamento visual parecia estar ausente. “Não se vê, sente ou percebe em isolamento – a percepção está sempre ligada ao comportamento e ao movimento, à busca e à exploração do mundo. Ver não é suficiente, é preciso olhar também”.³⁶⁵

Fica evidente a distância entre o que é proposto por Sacks como olhar e o que é proposto por Lacan. Logo após a cirurgia, o paciente de Sacks parece perdido diante do que se apresenta em sua frente. Pode-se concordar com o autor no sentido de que seu paciente parece ver, mas não olha. Algo é apreendido no campo visual, mas há uma impossibilidade de reconhecimento. Independentemente das dificuldades reais que se impõem a um sujeito cego, Lacan parecer colocar a todo e qualquer sujeito no lugar de alguém que não vê, uma vez que para ele há uma cisão entre ver e olhar. Para olhar é preciso que sejamos “cegos” de alguma forma. Com Lacan entende-se que apesar de não ver o cego é capaz de olhar.

Para Virgil, caminhar sem o auxílio do tato e de sua bengala era uma experiência confusa e assustadora em função de suas dificuldades para determinar espaço e distância.

Por vezes, superfícies e objetos pareciam avultar-se, estar em cima dele, quando na realidade continuavam a uma grande distância; por outras confundia-se com a própria sombra (todo o conceito de sombras, de objetos bloqueando a luz, era enigmático para ele) e parava, ou dava um passo em falso, ou tentava passar por cima dela. Degraus, em particular, apresentavam um risco especial, porque tudo o que podia ver era uma confusão, uma superfície plana, de linhas paralelas ou entrecruzadas; não conseguia vê-los (embora os conhecesse) como objetos sólidos indo para cima ou para baixo em um espaço tridimensional.³⁶⁶

Essas dificuldades fizeram com que Virgil, em diversos momentos, se sentisse mais incapaz do que quando era cego e, conseqüentemente, menos confiante e menos hábil para se locomover. Tocar os objetos era o que lhe permitia ver melhor. Desde a operação, Virgil vinha comprando miniaturas de diversos objetos como carros, edifícios célebres, animais, entre outras coisas. Ele passava horas com essas miniaturas e, segundo Sacks, ao associar visão e tato com esses pequenos objetos, Virgil se permitia criar uma correlação entre o mundo real e o de brinquedo.

³⁶⁴ Idem, *ibidem*, p.122.

³⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 311.

³⁶⁶ Idem, *ibidem*, p.124.

Nota-se que Virgil perde a capacidade de apreensão do espaço que possuía quando era cego. Para Quinet, os cegos podem ter a noção da distância entre dois pontos através do tato. E, como vimos anteriormente, a perspectiva é o instrumento que possibilita a apreensão, funcionando como uma construção simbólica. É justamente isto que parece ter sido prejudicado com a cirurgia de Virgil.

A importância do tato é destacada em diversos momentos da narrativa de Sacks. Ele cita outros autores e pequenos relatos de pacientes cujos casos clínicos eram semelhantes ao de Virgil, descrevendo a dificuldade encontrada por essas pessoas em determinar quando tocar e quando olhar. As descrições de Virgil, por exemplo, se davam em termos táteis ou, pelo menos, não visuais.

A audição de Virgil também chama a atenção de Sacks, que explica que, principalmente os cegos de nascença, possuem uma sensibilidade auditiva muito apurada e “parecem acompanhar a constante concentração da atenção, afetos e capacidades cognitivas nessas esferas e, com isso, um hiperdesenvolvimento dos sistemas auditivo-cognitivos do cérebro”.³⁶⁷

Ao longo da história, o autor questiona, por diversas vezes, a enorme exigência em que se transformou a operação de Virgil. Toda a habilidade, destreza e autossuficiência que possuía enquanto era cego parecia ter se perdido após a operação. Exigiu-se daquele homem que abdicasse daquilo que lhe era natural, “que renunciasse a tudo que lhe vinha com facilidade, que passasse a perceber o mundo de uma maneira incredivelmente difícil para ele, e estranha”.³⁶⁸

Sacks manifesta muita sensibilidade diante da situação de seu paciente que, por uma grande ironia da vida, perde novamente a visão. Sua narrativa se conclui com uma breve reflexão sobre a trajetória de Virgil:

Foi uma aventura, uma excursão para dentro de um novo mundo do tipo que é dado a poucos. Mas então surgiram os problemas, os conflitos, de ver mas não ver, de não ser capaz de criar o seu próprio mundo. Viu-se entre dois mundos, exilado em ambos - um tormento ao qual não parecia ser possível escapar. Mas aí, paradoxalmente, veio uma libertação, na forma de uma segunda e derradeira cegueira - uma cegueira que ele recebeu como uma dádiva. Agora, por fim, a Virgil é permitido não ver, escapar do mundo ofuscante e atordoante da visão e do espaço, para retornar ao seu próprio e verdadeiro ser, o mundo íntimo e concentrado de todos os outros sentidos que havia sido seu lar por quase cinquenta anos.³⁶⁹

³⁶⁷ Idem, ibidem, p. 314.

³⁶⁸ Idem, ibidem, p. 136

³⁶⁹ Idem, ibidem, p. 154.

É evidente que a cirurgia foi feita por Virgil para atender a uma exigência externa. Ao ser lançado em um mundo de estímulos visuais, ele parece mais cego do que antes. Para Lacan, o percebido também possuiria uma estrutura significante. O sujeito da percepção portanto, sofre a interferência da cadeia significante. Segundo Lebrun, “a visão teria sido, desde os gregos o paradigma de um saber imediato cuja certeza é tão forte que ele se garante por si próprio”.³⁷⁰ Porém, a psicanálise coloca isso em cheque quando demonstra que qualquer interferência na cadeia significante pode interferir naquilo que é percebido.

³⁷⁰ LEBRUN, G. Luz e sombra em Platão. In: NOVAES, A. **O olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.21-30, p21.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial para o presente trabalho era abordar a temática da constituição do corpo em cegos congênitos. Entretanto, ao longo da pesquisa, percebeu-se que para se chegar a uma leitura psicanalítica da questão corporal na cegueira, seria preciso, primeiramente, estudar as diferenças entre o ver e o olhar em psicanálise, uma vez que ambos se apresentam na teoria como elementos centrais no processo de formação do eu corporal e, além disso, que o olhar se caracteriza como um conceito. Já a visão deixa de ser, pura e simplesmente, o sentido responsável pela captação de estímulos visuais e passa a ser atravessada pela libido. Essas particularidades exigiram que um recorte fosse feito na ideia inicial, o que fez com que limitássemos a pesquisa a uma reflexão do ver e do olhar, contudo, sem *perder de vista* a cegueira.

Ao desenvolver a questão da sexualidade infantil, Freud defende que as primeiras experiências de satisfação são autoeróticas e estão ligadas a funções vitais, ou seja, as pulsões sexuais surgem apoiadas nas de autoconservação. Esta é a razão pela qual as pessoas responsáveis pelos cuidados como a alimentação e a proteção se tornam os primeiros objetos sexuais. Segundo o autor, primordialmente, o ser humano tem dois objetos sexuais: ele mesmo e a pessoa que ocupa o lugar de cuidadora, o que o leva a pressupor que há, em todos nós, um narcisismo primário que pode se manifestar na escolha de objeto. Para Freud, o desenvolvimento do eu depende de um distanciamento deste narcisismo inicial, ao mesmo tempo em que produz um anseio de recuperá-lo. Isso nos leva ao entendimento da noção de que o eu só se constitui na presença do outro. Afirmativa que vale tanto para crianças cegas quanto videntes.

Ainda em relação ao eu, Lacan, em sua teoria do estágio do espelho, revela que a aquisição de uma imagem corporal unificada possibilitará que o bebê configure e organize o espaço e o campo visual, ressaltando a importância da visão do *infans* de sua imagem refletida. Esta experiência culminará em um domínio imaginário do corpo e, por conseguinte, no surgimento de uma forma primordial do eu, a partir da identificação com o que é visto. A linguagem tem uma interferência direta em todo o processo, o que o caracteriza como próprio dos seres humanos.

Ao articularmos o que foi trabalhado por Lacan com as teorizações freudianas mencionadas anteriormente, pôde-se concluir que não só a visão é responsável pela construção dessa matriz imaginária do eu. Outros elementos são fundamentais para o

surgimento dessa unidade corporal, destacando-se que o eu para Freud é o reflexo de uma superfície – o corpo próprio.

Lacan cita o domínio interoceptivo que corresponde à sensibilidade visceral; o proprioceptivo que diz respeito às sensações ligadas ao equilíbrio, às atitudes, aos movimentos e, por último, o exteroceptivo que compreende a sensibilidade voltada para as excitações de origem exterior. Os dois primeiros correspondem ao espaço subjetivo e o último, ao objetivo. É preciso que a criança seja capaz de marcar a diferença entre eles para chegar a uma incorporação das partes do corpo em uma unidade de sua pessoa. Isto significa que o *infans* deve, através da experimentação e investigação, estabelecer relações entre seus movimentos e sensações, a fim de individualizar e diferenciar as partes de seu corpo que até então fora vivenciado como despedaçado. Posteriormente, com a distinção entre o espaço objetivo do subjetivo, que consistiria na diferenciação do que é do mundo externo daquilo que pertence ao corpo próprio, isto é, uma certa delimitação possível, ainda que tênue, entre o dentro e o fora, o sujeito poderá separar o que é seu do que é outro. Logo, o que entra em cena não se limita aos cinco sentidos. Há uma complexidade de variáveis sensoriais, perceptivas e representativas que participam da construção deste corpo. A linguagem e os próprios cuidados exercem a função de eroginizar o corpo, dando contorno ao mesmo e o inserindo no simbólico. O outro nomeia este corpo e suas partes, lhe oferecendo significação. Isto, por si só, demonstra que não há uma exclusividade do visual neste processo, ainda que o olhar ocupe um lugar central.

Portanto, é possível reconhecer, em um momento inicial da obra freudiana, uma primazia da visão, já que o psiquismo seria resultado da inscrição de marcas mnêmicas que teriam origem, dentre outras fontes, no sistema percepção-consciência, sendo a percepção visual extremamente importante no armazenamento desses traços de memória. Como vimos, já em 1895, no “Projeto para uma psicologia científica”, Freud oferece um lugar de destaque para as impressões visuais na organização do psiquismo. Ao nos apresentar a primeira experiência de satisfação ele possibilita uma compreensão da questão do desejo, demonstrando que este, a princípio, estava ligado ao alucinar. Esta experiência se dá no nível escópico, visto que o que se busca é a imagem mnêmica do objeto.

Freud evidencia a relação entre a libido e a visão através de seu estudo das perturbações psicogênicas da visão. O olho, que deixa de ser, exclusivamente, suporte da visão passa a ser investido libidinalmente e, conseqüentemente, eroginizado. Isto aponta que este órgão está sob o domínio de dois senhores: pulsões do Eu e pulsões sexuais. No primeiro grupo, ele serviria para a apreensão da realidade e no segundo seria envolvido pela função

sexual. Desta maneira, o recalque tem livre passagem para agir sobre este órgão, interferindo no que pode e no que não pode ser visto, de forma independente da acuidade visual. Esta formulação já salienta o que Lacan formalizou posteriormente, ou seja, o olhar está para além da visão.

Todavia, é a pulsão escópica que na obra freudiana terá o papel de despertador da sexualidade. Ela seria responsável por conceder a uma pessoa ou objeto o atributo de belo, excitante. No caso da cegueira, isto seria um problema, contudo, Freud aproxima no campo pulsional o tocar do ver. Ele entende que o ver deriva do tocar. Apesar de a impressão visual ser o caminho mais comum para se despertar a excitação libidínica, sua proximidade com o tato nos permite concluir que este sentido poderia perfeitamente executar também o papel de despertador.

Pode-se perceber até aqui que Freud não possuía uma preocupação em distinguir o ver do olhar de uma maneira formal, pois este era o momento de construção de sua teoria. Porém, Lacan, em um esforço de desembaraçar o escópico do especular, o aproxima cada vez mais do pulsional. O olhar passa a ser objeto da pulsão, enquanto o olho passa a ser suporte da visão, marcando assim a esquizo existente entre o olho e olhar. Na teoria lacaniana, o estádio do espelho é o representante do especular no campo escópico. Em seus primeiros textos sobre o tema, Lacan também parece não distinguir a visão do olhar. É no seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* que ele se ocupará da cisão existente no campo escópico.

Esta mudança na abordagem lacaniana do escópico foi fundamental para as reflexões apresentadas nesta dissertação, dado que apesar de não ser capaz de ver, um cego pode olhar e, acima de tudo, se perceber olhado. O que entra em ação, portanto, no psiquismo não é mais uma primazia do ver, mas uma necessidade de olhar. E para olhar, não é preciso ver. Na verdade, ao se separar o olho do olhar, torna-se possível a emergência do último. Um exemplo disso seria a história da latinha brilhante que boiava no mar e que capturou a atenção de Lacan. Esta situação evidenciou que apesar da lata não ser capaz de vê-lo, ela o olhava e o colocava em cena. Portanto, o olhar põe o sujeito em cena, sujeito do inconsciente e do desejo. O olho branco do cego é, para Lacan, o representante do desejo escopofílico. Logo, mais do que ver é preciso ser olhado. A diferença entre o olhar e o ver, entre o olho e o olhar, nos ajudou a avançar na compreensão da pulsão escópica e a oferecer um lugar de olhar para o paciente cego, já que do que se trata na psicanálise não é a questão biológica ou a questão cognitiva, sendo o sujeito primordialmente um ser da pulsão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOUN, P. L. **A voz e o olhar**: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- ACKERMAN, D. **Uma história natural dos sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1992.
- BASTOS, A.B.B.I. e DÉR, L.C.S. Estágio do personalismo. In: MAHONEY, A. A. e ALMEIDA, L.R. (Org.). **Henri Wallon – Psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000.
- BERRESSEM, H. O “mau-olhado” da pintura: o olhar em Jacques Lacan e Witold Gombrowicz. In: FELDSTEIN *et al.* (Org.). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.191-197.
- BOSI, A. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, A. **O olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.65-87.
- BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia (a idade da fábula)**: histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- COSTA, L. H. F. M. Estágio sensório-motor e projetivo. In: MAHONEY, A. A. e ALMEIDA, L.R. (Org.). **Henri Wallon – Psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 31-38.
- DUFOUR, D. R. **Lacan e o espelho sofiânico de Boehme**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- ELLIE, R. A relação entre a voz e o olhar. In: FELDSTEIN *et al.* (Org.). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 203-219.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol.I. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.335-466.
- _____. A interpretação dos sonhos. Parte II (1900 – 1901). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol.V. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.371-700.
- _____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.119-240.

_____. A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.219-227.

_____. À guisa de introdução ao Narcisismo (1914). In: **Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**, Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 95-119.

_____. Pulsões e destinos das pulsões. (1915). In: **Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**, Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p.133-162.

_____. O inconsciente (1915). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.165-222.

_____. Conferência XVII: O sentido dos sintomas (1916-17). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.265-279 .

_____. O Ego e o Id (1923). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.15-80.

_____. Mal-estar na civilização (1930). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.67-148.

GARCIA-ROZA L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana 2. A interpretação do sonho**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Grande Enciclopédia Larousse Cultural, São Paulo: Nova Cultural, 1995, p. 282.

GRECO, M. Os espelhos de Lacan. In: **Opção Lacaniana on line**. Rio de Janeiro, 2011, nº6, p. 7 e 8. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Os_espelhos_de_Lacan.pdf Acesso em: 29/10/2012.

JALLEY, E. **Freud, Wallon e Lacan: a criança no espelho**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2009.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan. Vol. I: As bases Conceituais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. Do instinto à pulsão: Freud e o recalque orgânico. In: ALBERTI, S.; RIBEIRO, M. A. C. **Retorno do exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004, p.103-111.

LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia(1938)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.152-194.

_____. A agressividade em psicanálise (1948). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.104-126.

_____. O estágio do espelho como formador da função do eu (1949). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 96-103.

_____. Algumas reflexões sobre o eu (1951). In: **Papéis. Boletim interno do Corpo Freudiano: pesquisa e transmissão da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Corpo Freudiano, 1995, p.31-39.

_____. **O seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud (1953-54)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **O seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1955-56). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.531-590.

_____. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache (1960). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.647-691.

_____. **O seminário. Livro 10. A angústia (1962-63)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J-B. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEBRUN, G. O cego e o filósofo ou o nascimento da antropologia. In: **A filosofia e a sua história**. São Paulo: Cosac Naify, 2006, 127-139.

LEBRUN, G. Luz e sombra em Platão. In: NOVAES, A. **O olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.21-30.

MILLER, J. A. A invenção de uma escritura do gozo no Real. In: **Silet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.241-258.

_____. Uma lógica da percepção. In: **Silet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.275-289.

MONTENEGRO, G. A. **A perspectiva dos profissionais**. São Paulo: Edgar Blücher, 1983.

NOBRE, L. “É que Narciso acha feio o que não é espelho”. In: **O corpo do Outro e a criança**. Rio de Janeiro: Letra Freudiana, ano XXIII, nº 33, 2004.

OLGIVIE, B. **Lacan: a formação do conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

PEREIRA, L. M. L. Narcisismo e imaginário – considerações. In: **O corpo do Outro e a criança**. Revista da Escola Letra Freudiana. Rio de Janeiro: Letra Freudiana, ano XXIII, nº 33, 2004, p. 61-66.

PONTY, M. M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

QUEIROZ, E. F. **A clínica da Perversão**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Trama do olhar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p.67.

_____. A trama do olhar. In: **Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line**, ano V, nº1, nov/ 2005, p. 89 - 100. Disponível em: < <http://www.fundamentalpsychopathology.org/journal/nov5/9.pdf> > Acesso em: 03/10/2011.

QUINET, A. O olhar como um objeto. In: FELDSTEIN et al. (org.). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 155-163.

_____. **Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

RIBEIRO, P. C. A metafísica do olhar: breve interlocução com Sartre, Merleau-Ponty e Lacan. In: **Agora**, Rio de Janeiro, v.XV, n.2, jul/dez 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v15n2/a06v15n2.pdf> Acesso em: 12/11/2012.

SACKS, O. Ver e não ver. In: **Um antropólogo em marte**. São Paulo: Companhia da Letras, 2006, p.113-154.

SALLES, L.S. Posição do estádio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. In: **Revista do departamento de psicologia – UFF**, v. 17, nº 1, p.113-127, Jan./Jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n1/v17n1a09.pdf> Acesso em: 15/10/2012.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

WALLON, H. **As origens do caráter da criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.